



Scott Hahn & Curtis Mitch

O evangelho de
SÃO MARCOS

*Cadernos de
estudo bíblico*



ECCLESIAE



DR. SCOTT HAHN é Ph.D. em Teologia Sistemática pela Marquette University. Seus estudos acadêmicos têm sido publicados em diversos meios católicos. É autor de vários

livros, incluindo os *bestsellers* *O banquete do Cordeiro* e *Todos os caminhos levam a Roma*, escrito com sua esposa Kimberly.

Atualmente é professor de Teologia e de Sagrada Escritura na Universidade Franciscana em Steubenville, Ohio, EUA.



CURTIS MITCH é mestre em Teologia e pesquisador do St. Paul Center for Biblical Theology. Especializou-se no estudo da Sagrada Escritura e vem contribuindo com seus artigos

e ensaios em diversas publicações católicas.

Atualmente é professor convidado de Teologia e Estudos Bíblicos na Universidade Franciscana em Steubenville, Ohio, EUA.

Este estudo foi projetado para conduzir o leitor pela Escritura dentro das diretrizes da Igreja – fidelidade ao cânon, à tradição e ao credo. Os princípios interpretativos usados pela Igreja, portanto, é que deram forma unificada às partes componentes deste livro, de modo a fazer com que o estudo do leitor seja eficaz e recompensador tanto quanto possível.

Através de inúmeras notas históricas e teológicas, comentários incisivos e ferramentas de estudo, o evangelho de Marcos ganha vida tanto em seu cenário histórico quanto em sua aplicação contemporânea. A sabedoria dos Padres da Igreja e o ensinamento do Magistério iluminam cada uma dessas páginas.

“A Igreja Católica faz afirmações admiráveis em relação à Bíblia. É essencial para nós, se quisermos ler a Escritura e aplicá-la à nossa vida do modo como a Igreja pretende que o façamos, que reconheçamos essas afirmações e as admitamos. Não basta que simplesmente concordemos, acenando positivamente com a cabeça, quando lemos as palavras ‘inspirada’, ‘única’ ou ‘inerrante’. É preciso que saibamos o que a Igreja quer dizer com esses termos e, depois, nós é necessário tornar pessoal essa compreensão. Afinal de contas, a forma como cremos na Bíblia influenciará inevitavelmente o modo como vamos lê-la. E o modo como lemos a Bíblia, por sua vez, é o que determina o que nós ‘tirámos’ de suas páginas sagradas”.

•••

“A palavra de Deus é, portanto, salvífica, paternal e pessoal. Justamente porque fala diretamente conosco, nós nunca devemos ser indiferentes ao seu conteúdo; afinal de contas, a palavra de Deus é, ao mesmo tempo, objeto, causa e sustento da nossa fé. Ela é, na verdade, um teste para a nossa fé, uma vez que nós só vemos na Escritura aquilo que nossa fé nos faz ver. Se nosso modo de crer é o mesmo da Igreja, vemos na Escritura a revelação salvífica e inerrante de Deus, feita por Ele mesmo. Se cremos de modo distinto, vemos um livro totalmente distinto”.

•••

“Na busca do sentido total de um texto, sempre devemos evitar a forte tendência de ‘espiritualizá-lo demais’, de modo que a verdade literal da Bíblia seja minimizada ou até negada. Santo Tomás de Aquino, muito ciente desse problema, asseverou: ‘Todos os sentidos da Sagrada Escritura devem estar fundados no literal’ (cf. CIC 116). Por outro lado, jamais devemos confinar o significado de um texto em seu sentido literal, indicado pelo seu autor humano, como se o divino Autor não intencionasse que aquela passagem fosse lida à luz da vinda do Cristo”.

Este livro conduz o leitor por um profundo estudo do evangelho de Marcos, usando como guia o próprio texto bíblico e as diretrizes da própria Igreja Católica para sua interpretação. Cada página traz várias observações e oferece novos esclarecimentos e comentários dos renomados professores Scott Hahn e Curtis Mitch, especialistas em estudo bíblico, além de algumas interpretações feitas pelos Padres da Igreja, há muito consagradas. Essas notas de estudo ajudam a tornar explícito aquilo que São Marcos freqüentemente toma por pressuposto, além de fornecerem também preciosas informações históricas, culturais, geográficas e teológicas, pertinentes ao evangelho.

Neste estudo ainda incluem-se quadros, ensaios sobre determinados tópicos e estudos específicos sobre determinadas palavras; há em cada página uma seção de referências facilmente utilizável e, para cada capítulo do evangelho, são propostas algumas questões para aprofundar o entendimento pessoal da santa Palavra de Deus. Há ainda um ensaio introdutório que abarca questões de autenticidade, data, destinatários, estrutura e temas do evangelho, além de um esquema de sua estrutura e diversos mapas.



www.ccelesiac.com.br



O evangelho de
SÃO MARCOS

CADERNOS DE ESTUDO BÍBLICO

O evangelho de
SÃO MARCOS

Com introdução, comentários e notas de
Scott Hahn e Curtis Mitch
e questões para estudo de
Dennis Walters

Tradução de Thomaz Perroni



ECCLESIAE

O evangelho de São Marcos: Cadernos de estudo bíblico
1ª edição – outubro de 2014 – CEDET

Título original: *Catholic Study Bible: The Gospel of Mark* – © Ignatius Press.

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET - Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Ângelo Vicentin, 70
CEP: 13084-060 – Campinas – SP
Telefone: 19-3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

Editor:
Diogo Chiuso

Tradução:
Thomaz Perroni

Revisão:
Gustavo Nogy

Editoração:
Renan Martins dos Santos

Capa:
J. Ontivero

Conselho Editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Diogo Chiuso
Silvio Grimaldo de Camargo

✉ ECCLESIAE – www.ecclesiae.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO A ESTE ESTUDO • 7

Inspiração e inerrância bíblica • 8

Autoridade bíblica • 9

Os sentidos da Sagrada Escritura • 10

Critérios para a interpretação da Bíblia • 13

Usando este estudo • 15

Colocando tudo em perspectiva • 17

Uma nota final • 17

INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MARCOS • 19

Autoria • 19

Data • 19

Destinatários • 20

Estrutura • 20

Temática • 21

ESQUEMA DO EVANGELHO DE MARCOS • 23

O EVANGELHO DE MARCOS • 25

Estudo da palavra: Conversão • 31

Ensaio sobre um tópico: Quem são os fariseus? • 35

Quadro: Os doze apóstolos • 40

Mapa: Os locais do ministério de Jesus na Galiléia • 50

Estudo da palavra: Inferno • 62

Mapa: O evangelho todo num pequeno canto • 67

Estudo da palavra: Resgate • 67

Ensaio sobre um tópico: Quem são os saduceus? • 76

Estudo da palavra: Messias • 87

QUESTÕES PARA ESTUDO • 95

INTRODUÇÃO A ESTE ESTUDO

VOCÊ ESTÁ SE APROXIMANDO da “palavra de Deus”. Esse é o título mais frequentemente atribuído à Bíblia pelos cristãos e é uma expressão rica em significado. Esse é também o título atribuído à segunda pessoa da Santíssima Trindade, o Deus Filho – Jesus Cristo, que se encarnou para a nossa salvação “e é chamado pelo nome de Palavra de Deus” (Ap 19, 13; cf. Jo 1, 14).¹

A palavra de Deus é a Sagrada Escritura. A Palavra de Deus é Jesus. Essa associação sutil entre a palavra *escrita* de Deus e sua Palavra *eterna* é intencional e presente na tradição da Igreja desde a primeira geração de cristãos. “Toda a Escritura divina é um único livro, e este livro é Cristo, ‘já que toda Escritura divina fala de Cristo, e toda Escritura divina se cumpre em Cristo’²” (CIC 134). Isto não significa que a Escritura é divina da mesma maneira que Jesus é divino. Ela é, antes, divinamente inspirada e, como tal, é única na história da literatura universal, assim como a Encarnação da Palavra eterna é única na história da humanidade.

Podemos dizer ainda que a palavra inspirada assemelha-se à Palavra encarnada em muitos e importantes aspectos. Jesus Cristo é a Palavra de Deus encarnada; em sua humanidade, ele é como nós em todas as coisas, exceto no pecado. A Bíblia, enquanto obra escrita pelo homem, é como qualquer outro livro, exceto pelo fato de não conter erros. Tanto Cristo quanto a Sagrada Escritura nos são dados “para nossa salvação”,³ diz o Concílio Vaticano II, e ambos nos fornecem a revelação definitiva de Deus. Portanto, nós não podemos conceber um sem o outro – a Bíblia sem Jesus, ou Jesus sem a Bíblia. Um é a chave interpretativa do outro. É porque Cristo é o sujeito e o assunto de toda a Escritura que São Jerônimo afirma que “ignorar as Escrituras é ignorar Cristo”⁴ (CIC 133).

Ao aproximarmos-nos da Bíblia, então, nós nos aproximamos de Jesus, a Palavra de Deus; e para que o encontremos de fato, devemos abordá-lo através de um estudo devoto e piedoso da palavra inspirada de Deus, a Sagrada Escritura.

1 Jo 1, 14: “E a Palavra se fez homem e habitou entre nós. E nós contemplamos a sua glória: glória do Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade”. A tradução brasileira dos textos bíblicos utilizada ao longo de todo este estudo é a da Bíblia da CNBB (NT).

2 Hugo de São Vítor, *De arca Noe*, 2, 8: PL 176, 642; cf. *ibid.*, 2, 9: PL 176, 642-643.

3 *Dei Verbum*, 11.

4 *Dei Verbum*, 25; cf. S. Jerônimo, *Commentarii in Isaiam*, Prologus: CCL 73, 1 (PL 24, 17).

INSPIRAÇÃO E INERRÂNCIA BÍBLICA⁵

A Igreja Católica faz afirmações admiráveis em relação à Bíblia. É essencial para nós, se quisermos ler a Escritura e aplicá-la à nossa vida do modo como a Igreja pretende que o façamos, que reconheçamos essas afirmações e as admitamos. Não basta que simplesmente concordemos, acenando positivamente com a cabeça, quando lemos as palavras “inspirada”, “única” ou “inerrante”. É preciso que saibamos o que a Igreja quer dizer com esses termos e, depois, nos é necessário tornar pessoal essa compreensão. Afinal de contas, a forma como cremos na Bíblia influenciará inevitavelmente o modo como vamos lê-la. E o modo como lemos a Bíblia, por sua vez, é o que determina o que nós “tiramos” de suas páginas sagradas.

Esses princípios são válidos independentemente do que estamos lendo – uma reportagem de jornal, um aviso de “procura-se”, uma propaganda, um cheque, uma prescrição médica, uma nota de despejo... O modo como lemos essas coisas (ou até, se as lemos ou não) depende muito de nossas noções pré-conceituadas a respeito da autoridade e confiabilidade de suas fontes – e também do potencial que têm de afetar diretamente nossas vidas. Em alguns casos, a má interpretação da autoridade de um documento pode levar a conseqüências terríveis; noutros casos, pode nos impedir de desfrutar certas recompensas das quais temos o direito. No caso da Bíblia, tanto as conseqüências quanto as recompensas envolvidas têm valor definitivo.

O que quer dizer a Igreja, então, ao endossar as palavras de São Paulo – “Toda Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3, 16)? Uma vez que, nessa passagem, o termo “inspirada” pode ser entendido como “soprada por Deus”, segue-se então que Deus soprou sua palavra na Escritura assim como você e eu soprmos

5 Na linguagem cotidiana, o termo “errante” costuma significar “andar a esmo”, “andar sem rumo” ou “vaguear”; “inerrante”, nesse sentido, se diria de algo que “anda com propósito”, “com destino certo”. No entanto, o termo inerrância é empregado aqui no sentido estrito de “sem erros”, mesmo – e assim também “inerrante” quer dizer “que não erra”. Poder-se-ia dizer “infalível”, porém o autor faz uma clara distinção entre esses dois termos – “inerrante” e “infalível” – quando diz, mais à frente, que “o mistério da inerrância bíblica é de âmbito ainda mais abrangente que o de sua infalibilidade”. A distinção esclarece que o autor está se referindo à escrita da Bíblia como inerrante, enquanto que se refere à interpretação do que foi escrito como infalível – dois adjetivos distintos para duas etapas distintas da relação com o texto sagrado: a escrita e a interpretação da escrita. Ambas são feitas pelo próprio Espírito Santo e, portanto, não podem falsear.

Na *Carta Encíclica Divino Afflante Spiritu*, de setembro de 1943, o Papa Pio XII diz da doutrina da inerrância bíblica: “O primeiro e maior cuidado de Leão XIII foi expor a doutrina relativa à verdade dos Livros Sagrados e defendê-la dos ataques contrários. Por isso em graves termos declarou que não há erro absolutamente nenhum quando o hagiógrafo, falando de coisas físicas, ‘se atém ao que aparece aos sentidos’, como escreveu o Angélico [Sto. Tomás de Aquino], exprimindo-se ‘ou de modo metafórico, ou segundo o modo comum de falar usado naqueles tempos e usado ainda hoje em muitos casos na conversação ordinária mesmo pelos maiores sábios’. De fato, ‘não era intenção dos escritores sagrados, ou melhor, do Espírito Santo que por eles falava – são palavras de Sto. Agostinho –, ensinar aos homens essas coisas – isto é, a íntima constituição do mundo visível – que nada importam para a salvação’. [...] Nem pode ser taxado de erro o escritor sagrado, ‘se aos copistas escaparam algumas inexactidões na transcrição dos códices’ ou ‘se é incerto o verdadeiro sentido de algum passo’. Enfim, é absolutamente vedado ‘coarctar a inspiração unicamente a algumas partes da Sagrada Escritura ou conceder que o próprio escritor sagrado errou’, pois que a divina inspiração ‘de sua natureza não só exclui todo erro, mas exclui-o e repele-o com a mesma necessidade com que Deus, suma verdade, não pode ser autor de nenhum erro. Esta é a fé antiga e constante da Igreja” (NT).

ar quando falamos. Isso significa que Deus é o autor primordial da Bíblia. Certamente Ele se serviu também de autores humanos para essa tarefa, mas não é que Ele simplesmente os assistiu enquanto escreviam ou, então, aprovou posteriormente aquilo que tinham escrito. Deus Espírito Santo é *essencialmente* o autor da Escritura, enquanto os escritores humanos o são *instrumentalmente*. Esses autores humanos escreveram francamente tudo aquilo – e somente aquilo – que Deus queria: é a palavra de Deus nas exatas palavras de Deus. Esse milagre da dupla-autoria se estende a toda a Escritura e a cada uma de suas partes, de modo que tudo o que os seus autores humanos afirmam, Deus também afirma através de suas palavras.

O princípio da inerrância bíblica decorre logicamente do princípio de sua divina autoria. Afinal de contas, Deus não mente, e nem erra. Sendo a Bíblia divinamente inspirada, nela não pode haver erro algum quanto àquilo que seus autores, tanto o divino quanto os humanos, afirmam ser verdadeiro. Isso quer dizer que o mistério da inerrância bíblica é de âmbito ainda mais abrangente que o de sua infalibilidade – a saber, o de que é garantido que a Igreja sempre nos ensinará a verdade em tudo aquilo que disser respeito à fé e à moral. É claro que o manto da inerrância sempre cobrirá também o campo das questões de fé e moral, mas ele se estende para mais longe ainda, no sentido de nos assegurar de que todos os fatos e eventos da história de nossa salvação estão apresentados de modo exato na Escritura. A inerrância bíblica é a nossa garantia de que as palavras e os feitos de Deus narrados na Bíblia são verdadeiros e lá estão unificados, declarando numa só voz as maravilhas de seu amor salvífico.

A garantia da inerrância bíblica não quer dizer, no entanto, que a Bíblia é uma enciclopédia universal, que serve a todos os propósitos e cobre todos os campos de estudo. A Bíblia não é, por exemplo, um compêndio das ciências empíricas – e não deve ser tratado como um. Quando os autores bíblicos relatam fatos de ordem natural, podemos ter a certeza de que estão falando de modo puramente descritivo e “fenomenológico”, de acordo com a maneira como as coisas se apresentaram aos seus sentidos.

AUTORIDADE BÍBLICA

Implícito nessas doutrinas⁶ está o desejo de Deus de se fazer conhecido por todo o mundo e de estabelecer uma relação de amor com cada homem, mulher e criança que Ele criou. Deus nos deu a Escritura não apenas para nos informar ou nos motivar; mais do que tudo, Ele quer nos salvar. É este o principal propósito que perpassa cada página da Bíblia – e cada palavra sua, na verdade.

⁶ As doutrinas da inspiração, da inerrância e da dupla-autoria da Bíblia (NT).

No intuito de se revelar, Deus usa aquilo que os teólogos chamam de “acomodação”. Às vezes Ele se inclina para se comunicar conosco por “condescendência” – ou seja, Ele fala à maneira dos homens, como se Ele tivesse as mesmas paixões e fraquezas que nós temos (por exemplo, quando Deus diz que “se arrependeu” de ter feito o homem sobre a terra, em Gn 6, 6). Noutras vezes, Ele se comunica conosco por “elevação” – ou seja, dotando as palavras humanas de um poder divino (por exemplo, através dos profetas). Os inúmeros exemplos de acomodação divina na Bíblia são a expressão do modo sábio e paternal de proceder de Deus. Com efeito, um pai sensitivo fala com seus filhos por condescendência, usando um palavreado infantil, ou por elevação, trazendo o entendimento do filho a um nível mais maduro.

A palavra de Deus é, portanto, salvífica, paternal e pessoal. Justamente porque fala diretamente conosco, nós nunca devemos ser indiferentes ao seu conteúdo; afinal de contas, a palavra de Deus é, ao mesmo tempo, objeto, causa e sustento da nossa fé. Ela é, na verdade, um teste para a nossa fé, uma vez que nós só vemos na Escritura aquilo que nossa fé nos faz ver. Se nosso modo de crer é o mesmo da Igreja, vemos na Escritura a revelação salvífica e inerrante de Deus, feita por Ele mesmo. Se cremos de modo distinto, vemos um livro totalmente distinto.

Esse teste é válido e aplicável não só aos fiéis leigos, como também aos teólogos da Igreja e até aos seus membros da mais alta hierarquia – inclusive para o seu Magistério. Recentemente, o Concílio Vaticano II enfatizou que a Escritura deve ser “como que a alma da sagrada teologia”.⁷ O Papa Emérito Bento XVI, ainda enquanto Cardeal Ratzinger, ecoou esse ensinamento com as próprias palavras, insistindo que “os *teólogos normativos* são os autores da Sagrada Escritura” (grifo nosso). Ele nos lembra que a Escritura e o ensinamento dogmático da Igreja estão entrelaçados de forma tão firme ao ponto de serem inseparáveis: “O dogma é, por definição, nada mais que a interpretação da Escritura”. Os dogmas já definidos de nossa fé, portanto, guardam em si a interpretação infalível da Igreja daquilo que está na Escritura, e a teologia é uma reflexão posterior sobre eles.

OS SENTIDOS DA SAGRADA ESCRITURA

Como a Bíblia é, ao mesmo tempo, de autoria divina e humana, é necessário, para lê-la coerentemente, que dominemos um tipo de leitura distinto daquele ao qual estamos acostumados. Primeiramente, temos que lê-la de acordo com seu sentido *literal*, ou seja, do mesmo modo como lemos qualquer outro escrito humano. Neste estágio inicial, devemos nos empenhar na descoberta do significado originário que tinham as palavras e expressões usadas pelos escritores bíblicos à época em que primeiramente foram escritas e recebidas por seus contemporâneos. Isso quer dizer,

⁷ *Dei Verbum*, 24.

entre outras coisas, que não devemos interpretar tudo que lemos “literalmente”, como se a Escritura nunca falasse de forma figurada ou simbólica (porque freqüentemente fala!). Pelo contrário: a lemos de acordo com as regras de escrita que governam seus diferentes gêneros literários, que variam dependendo do que estamos lendo – se é uma narrativa, um poema, uma carta, uma parábola ou uma visão apocalíptica. A Igreja nos exorta a ler os livros sagrados dessa maneira a fim de nos fazer compreender, com segurança, o que os autores bíblicos estavam se esforçando para explicar ao povo de Deus a cada texto.

O sentido literal, no entanto, não é o único da Escritura; nós interpretamos suas sagradas páginas também de acordo com seus sentidos *espirituais*. Dessa forma, buscamos compreender o que o Espírito Santo está tentando nos dizer para além daquilo que afirmaram conscientemente os escritores humanos. Enquanto o sentido literal da Escritura descreve realidades históricas – fatos, ensinamentos, eventos –, os sentidos espirituais desvelam os profundos mistérios abrigados através das realidades históricas. Os sentidos espirituais são para o literal o que a alma é para o corpo. Você é capaz de distingui-los; porém, se tentar separá-los, a consequência imediata é fatal. São Paulo foi o primeiro a insistir nisso e já alertava para as consequências: “Deus [...] nos tornou capazes de sermos ministros de uma aliança nova, não aliança da letra, mas do espírito; pois a letra mata, e o Espírito é que dá a vida” (2Co 3, 5-6).

A tradição católica reconhece três sentidos espirituais que se erguem sobre o alicerce do sentido literal da Escritura (cf. CIC 115):

Alegórico – O primeiro é o *alegórico*, que revela o significado espiritual e profético da história da Bíblia. As interpretações alegóricas expõem como as personagens, os eventos e as leis da Escritura podem apontar para além deles mesmos, em direção ou a grandes mistérios ainda por vir (como no caso do Antigo Testamento), ou aos frutos de mistérios já revelados (como no Novo Testamento). Os cristãos freqüentemente lêem o Antigo Testamento dessa forma para descobrir de que modo o mistério da Nova Aliança do Cristo já estava contido na Antiga – e também de que modo a Antiga Aliança foi manifestada plena e finalmente na Nova. A compreensão alegórica é também latente no Novo Testamento, especialmente no relato da vida e da obra de Jesus nos evangelhos. Sendo Cristo a cabeça da Igreja e a fonte de sua vida espiritual, tudo aquilo que foi realizado por Ele enquanto viveu no mundo antecipa aquilo que ele continua realizando em seus membros através da graça. O sentido alegórico fortalece a virtude da fé.

Moral – O segundo sentido espiritual da Escritura é o moral, ou *tropológico*, que revela como as ações do povo de Deus, no Antigo Testamento, e a vida de Jesus, no Novo, nos incitam a criar hábitos virtuosos em nossa própria vida. Nesse sentido, da Escritura se

tiram alertas contra vícios e pecados, assim como nela se encontra a inspiração para se perseguir a pureza e a santidade. O sentido moral fortalece a virtude da caridade.

Anagógico – O terceiro sentido espiritual é o *anagógico*, que ascende-nos à glória celeste: mostra-nos como um incontável número de eventos contidos na Bíblia prefiguram nossa união final com Deus na eternidade; revela-nos como as coisas *visíveis* na terra são imagens das coisas *invisíveis* do céu. O sentido anagógico leva-nos a contemplar nosso destino e, portanto, é próprio para o fortalecimento da virtude da esperança.

Junto do sentido literal, esses sentidos espirituais extraem a totalidade daquilo que Deus quer nos dizer através de sua Palavra e, portanto, abarcam o que a antiga tradição chamava de “sentido total” da Sagrada Escritura.

Tudo isso significa que os feitos e eventos narrados na Bíblia são dotados de um sentido que vai além do que é imediatamente aparente ao leitor. Em essência, esse sentido é Jesus Cristo e a salvação que, morrendo, Ele nos concedeu. Isso é correto sobretudo nos livros do Novo Testamento, que explicitamente proclamam Jesus; porém, é também verdadeiro para o Antigo Testamento, que fala de Jesus de um modo mais camuflado e simbólico. Os autores humanos do Antigo Testamento nos revelaram tudo que lhes era possível revelar, mas eles não podiam, à distância em que estavam, ver claramente que forma tomariam os eventos futuros. Só o Espírito Santo, autor divino da Bíblia, podia predizer a obra salvífica do Cristo (e assim o fez), da primeira página do livro do Gênesis adiante.

O Novo Testamento, portanto, não aboliu o Antigo. Ao contrário, o Novo cumpriu o Antigo e, assim o fazendo, levantou o véu que mantinha escondida a face da noiva do Senhor. Uma vez removido o véu, vemos de súbito o mundo da Antiga Aliança cheio de esplendor. Água, fogo, nuvens, jardins, árvores, montanhas, pombas, cordeiros – todas essas coisas são detalhes memoráveis na história e na poesia do povo de Israel. Mas agora, vistas à luz de Jesus Cristo, são muito mais que isso. Para o cristão que sabe ver, a água simboliza o poder salvífico do batismo; o fogo é o Espírito Santo; o cordeiro imaculado, o próprio Cristo crucificado; Jerusalém, a cidade da glória celestial.

Essa leitura espiritual da Escritura não é novidade alguma. De fato, logo os primeiros cristãos já liam a Bíblia dessa maneira. São Paulo descreve Adão como sendo um “tipo” que prefigurava Jesus Cristo (Rm 5, 14).⁸ Um “tipo” é algo, ou alguém, ou um lugar ou um evento – reais – do Antigo Testamento que prenuncia algo maior

⁸ Rm 5, 14: “Ora, a morte reinou de Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não haviam pecado, cometendo uma transgressão igual à de Adão, o qual é *figura* daquele que devia vir” (grifo adicionado). As traduções deste trecho (não só as brasileiras) preferem o termo *figura* à palavra *tipo*, que aparece em algumas traduções inglesas. O termo latino encontrado na Vulgata é *forma*. Aqui, mantém-se o termo *tipo* pela associação imediata que se faz com o conceito de *tipologia* (NT).

do Novo Testamento. É desse termo que vem a palavra “tipologia”, referente ao estudo de como o Antigo Testamento prefigura Cristo (CIC 128-130). Em outro trecho, São Paulo retira significados mais profundos da história dos filhos de Abraão, declarando: “Isto foi dito em alegoria” (Gl 4, 24).⁹ Ele não está sugerindo que esses eventos distantes nunca aconteceram de fato; ele está dizendo que os eventos não só aconteceram mesmo como *também* significam algo maior ainda por vir.

O Novo Testamento, depois, descreve o Tabernáculo da antiga Israel como sendo a “imitação e sombra das realidades celestes” (Hb 8, 5) e a Lei Mosaica como “uma sombra dos bens futuros” (Hb 10, 1). São Pedro, por sua vez, nota que Noé e sua família foram “salvos por meio da água” que, de certo modo, “representava” o sacramento do Batismo, “que agora salva vocês” (1Pd 3, 20-10). É interessante saber que a palavra grega que aí foi traduzida para “representava” é originalmente um termo que denota o cumprimento ou contrapartida de um antigo “tipo”.

Não é preciso, no entanto, que busquemos justificar a leitura espiritual da Bíblia considerando apenas os discípulos. Afinal de contas, o próprio Jesus lia o Antigo Testamento assim. Ele se referia a Jonas (Mt 12, 39), a Salomão (Mt 12, 42), ao Templo (Jo 2, 19) e à serpente de bronze (Jo 3, 14) como “sinais” que apontavam para Ele mesmo. Vemos no evangelho de Lucas, quando Cristo conversa com os discípulos no caminho para Emaús, que “começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele” (Lc 24, 27). Foi precisamente essa interpretação espiritual do Antigo Testamento que causou um profundo impacto nesses viajantes, antes tão desencorajados, e deixou seus corações “ardendo” dentro deles (Lc 24, 32).

CRITÉRIOS PARA A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

Nós também devemos aprender a discernir o “sentido total” da Escritura e o modo como nele estão incluídos o sentido literal e os espirituais. Contudo, isso não significa que devemos “exagerar na interpretação”, buscando significados na Bíblia que não estão de fato nela. A exegese espiritual não é um vôo irrestrito da imaginação. Pelo contrário, é uma ciência sagrada que procede de acordo com certos princípios e permanece sob a responsabilidade da sagrada tradição, o Magistério, e da ampla comunidade de intérpretes bíblicos (tanto os vivos quanto os mortos).

Na busca do sentido total de um texto, sempre devemos evitar a forte tendência de “espiritualizá-lo demais”, de modo que a verdade literal da Bíblia seja minimizada ou

9 Gl 4, 24: “*Simbolicamente* isso quer dizer o seguinte: as duas mulheres representam as duas alianças [...]” (grifo adicionado). Novamente há divergências terminológicas: as traduções ora utilizam o termo *simbolicamente*, ora o termo *alegoria*. O termo latino encontrado na Vulgata é *allegoriam*. A tradução brasileira aqui escolhida, especificamente para este caso, é a da Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002; assim, mantém-se o termo *alegoria* no sentido de concordar com a uniformidade terminológica do restante da introdução (NT).

até negada. Santo Tomás de Aquino, muito ciente desse problema, asseverou: “Todos os sentidos da Sagrada Escritura devem estar fundados no literal” (cf. CIC 116).¹⁰ Por outro lado, jamais devemos confinar o significado de um texto em seu sentido literal, indicado pelo seu autor humano, como se o divino Autor não intencionasse que aquela passagem fosse lida à luz da vinda do Cristo.

Felizmente, a Igreja nos deu diretrizes de estudo da Sagrada Escritura. O caráter único e a autoria divina da Bíblia nos clamam a lê-la “com o espírito”.¹¹ O Concílio Vaticano II delineou de forma prática esse conselho direcionando-nos a ler a Escritura de acordo com três critérios específicos:

1. Devemos “prestar muita atenção ‘ao conteúdo e à unidade da Escritura inteira’” (CIC 112);
2. Devemos “ler a Escritura dentro ‘da Tradição viva da Igreja inteira’” (CIC 113);
3. Devemos “estar atento[s] ‘à analogia da fé’” (CIC 114; cf. Rm 12, 6).

Esses critérios nos protegem de muitos perigos que iludem alguns leitores da Bíblia, do mais novo estudante ao mais prestigiado erudito. Ler a Escritura fora de contexto é uma tremenda armadilha, provavelmente a mais difícil de escapar. Num desenho animado memorável dos anos 50, um jovem garoto, debruçado sobre as páginas da Bíblia, dizia à sua irmã: “Não me perturbe agora; estou tentando achar um versículo da Escritura que fundamente meus preconceitos”. Não há dúvida de que um texto bíblico, privado de seu contexto original, pode ser manipulado a dizer algo completamente diferente daquilo que seu autor realmente intencionava.

Os critérios da Igreja nos guiam justamente porque definem em que consistem os “contextos” autênticos de cada passagem bíblica. O primeiro critério dirige-nos ao contexto literário de cada verso, no que se inclui não apenas as palavras e parágrafos que o compõem e o circundam, mas também todo o corpo de escritos do autor bíblico em questão e, ainda, toda a extensão dos escritos da Bíblia. O contexto literário *completo* de qualquer parte da Escritura inclui todo e qualquer texto desde o Gênesis até o Apocalipse – já que a Bíblia é um livro unificado, não uma coleção de livros separados. Quando a Igreja canonizou o livro do Apocalipse, por exemplo, ela reconheceu que ele seria incompreensível se lido separadamente do contexto mais amplo de toda a Bíblia.

O segundo critério posiciona firmemente a Bíblia no contexto de uma comunidade que valoriza sua “tradição viva”. Tal comunidade é o Povo de Deus através dos séculos. Os cristãos viveram sua fé por bem mais que um milênio antes da invenção da imprensa. Por séculos, só alguns fiéis possuíam cópias dos evangelhos e, aliás, só

10 Sto. Tomás de Aquino, *Summa Theologica* I, 1, 10, ad 1.

11 *Dei Verbum*, 12.

poucas pessoas sabiam ler. Ainda assim, eles absorveram o evangelho – através dos sermões dos bispos e clérigos, através de oração e meditação, através da arte cristã, através das celebrações litúrgicas e através da tradição oral. Essas eram as expressões de uma “tradição viva”, de uma cultura de viva fé que se estende da antiga Israel à Igreja contemporânea. Para os primeiros cristãos, o evangelho não podia ser entendido à parte dessa tradição. Assim também é conosco. A reverência pela tradição da Igreja é o que nos protege de qualquer tipo de provincianismo cultural ou cronológico, como alguns modismos acadêmicos que surgem, arrebata uma geração inteira de intérpretes e logo são rejeitados pela próxima geração.

O terceiro critério coloca a Escritura dentro do quadro da fé. Se cremos que a Escritura é divinamente inspirada, temos de crer também que ela é internamente consistente e coerente com todas as doutrinas nas quais os cristãos crêem. É importante lembrar que os dogmas da Igreja (como o da Presença Real, o do papado, o da Imaculada Conceição) não foram *adicionados à* Escritura; eles são, de fato, a interpretação infalível *da* Escritura feita pela Igreja.

USANDO ESTE ESTUDO

Este estudo foi projetado para conduzir o leitor pela Escritura dentro das diretrizes da Igreja – fidelidade ao cânon, à tradição e ao credo. Os princípios interpretativos usados pela Igreja, portanto, é que deram forma unificada às partes componentes deste livro, de modo a fazer com que o estudo do leitor seja eficaz e recompensador tanto quanto possível.

Introduções – Nós fizemos uma introdução ao texto bíblico que, na forma de ensaio, abarca as questões sobre sua autoria, a data de sua composição, seus objetivos e propósitos originais e seus temas mais recorrentes. Esse conjunto de informações históricas ajuda o leitor a compreender e a se aproximar do texto nos seus próprios termos.

Comentários – Os comentários feitos em toda página ajudam o estudante a ler a Escritura com conhecimento. De forma alguma eles esgotam os significados do texto sagrado, mas sempre providenciam um material informativo básico que auxilia o leitor a encontrar o sentido do que lê. Frequentemente, esses comentários servem para deixar explícito aquilo que os escritores sagrados tomavam por implícito. Eles também trazem um grande número de informações históricas, culturais, geográficas e teológicas pertinentes à narrativa inspirada – informações essas que podem ajudar o leitor a suprimir a distância entre o mundo bíblico e o seu próprio.

Notas e referências – Junto do texto bíblico e de seus comentários, em cada página são listadas numerosas notas que fazem referência a outras passagens da Escritura relacionadas àquela que o leitor está estudando. Essas notas de acompanhamento são essenciais

para todo e qualquer estudo sério. São também um ótimo meio de se ver como o conteúdo da Escritura “se encaixa” numa unidade providencial. Junto das notas e referências bíblicas, os comentários também apontam a determinados parágrafos do *Catecismo da Igreja Católica* (CIC). Eles não são “provas doutrinárias” e sim um auxílio para que a interpretação da Bíblia por parte do estudante esteja de acordo com o pensamento da Igreja. Os parágrafos do *Catecismo* mencionados ou tratam diretamente de algum texto bíblico ou tratam, então, de um tema mais amplo da doutrina que lança uma luz essencial ao texto bíblico relacionado.

Ensaaios sobre tópicos, estudos de palavras e quadros – Esses recursos trazem ao leitor um entendimento mais profundo a respeito de determinados detalhes. Os *ensaaios sobre tópicos* abordam grandes temas no sentido de explicá-los de modo mais minucioso e teológico do que o que se usa nos comentários gerais, relacionando-os com frequência às doutrinas da Igreja. Os comentários, inclusive, são ocasionalmente complementados de um *estudo de palavras* que coloca o leitor em contato com as antigas linguagens da Escritura. Isso deveria ajudar o estudante a apreciar e a entender melhor a terminologia que foi inspirada e que percorre todos os textos sagrados. Também neste livro estão incluídos vários quadros que resumem muitas informações bíblicas “num piscar de olhos”.

Ícone – Os seguintes ícones, intercalados ao longo dos comentários, correspondem cada qual a um dos três critérios de interpretação bíblica promulgados pela Igreja. Pequenas bolas pretas (•) indicam a que passagem (ou a que passagens) cada ícone se aplica.



Os comentários marcados pelo ícone do livro relacionam-se ao primeiro critério interpretativo, o do “conteúdo e unidade” da Escritura, a fim de que se torne explícito o modo como determinada passagem do Antigo Testamento ilumina os mistérios do Novo. Muitas das informações contidas nesses comentários explicam o contexto original das citações e indicam a maneira e o motivo pelo qual aquele trecho tem ligação direta com Cristo e com a Igreja. Por esses comentários, o leitor é capaz de desenvolver sua sensibilidade à beleza e à unidade do plano salvífico de Deus, que perpassa ambos os Testamentos.



Os comentários marcados pelo ícone da pomba relacionam-se ao segundo critério interpretativo e examinam as passagens em questão à luz da “tradição viva” da Igreja. Como o mesmo Espírito Santo foi quem inspirou os sentidos espirituais da Escritura e é quem guia agora o Magistério que a interpreta, as informações contidas nesses comentários seguem essas duas vias da interpretação. Por um lado, referem-se aos ensinamentos doutrinários da Igreja da maneira como são apresentados por vários papas e concílios ecumênicos; por outro lado, eles expõem (e parafraseiam) as interpretações espirituais de vários Padres Antigos, Doutores da Igreja e santos.



Os comentários marcados pelo ícone das chaves relacionam-se ao terceiro critério interpretativo, o da “analogia da fé”. Neles é possível decifrar como um mistério da fé “desvendá” e explica outro. Esse tipo de comparação entre alguns pontos da fé cristã evidencia a coerência e unidade dos dogmas definidos, ou seja, da interpretação infalível da Escritura feita pela Igreja.

COLOCANDO TUDO EM PERSPECTIVA

Talvez tenhamos deixado por último o mais importante aspecto de todo este estudo: a vida interior individual do leitor. O que tiramos ou deixamos de tirar da Bíblia depende muito do modo como a abordamos. Se não mantivermos uma vida de oração consistente e disciplinada, jamais teremos a reverência, a profunda humildade ou a graça necessária para ver a Escritura como ela de fato é.

Você está se aproximando da “palavra de Deus”. Mas, por milhares de anos – desde muito antes de tecer-lhe no ventre de sua mãe –, a Palavra de Deus se aproxima de você.

UMA NOTA FINAL

O livro que você tem nas mãos é apenas uma pequena parte de um trabalho muito maior que ainda está em andamento. Guias de estudo como este estão sendo preparados para *todos* os livros da Bíblia e serão publicados gradualmente, à medida que forem sendo finalizados. Nosso maior objetivo é publicar um grande estudo bíblico que, num único volume, inclua o texto completo da Escritura junto de todos os comentários, quadros, notas, mapas e os outros recursos encontrados nas páginas seguintes. Enquanto isso não acontece, cada livro será publicado individualmente, na esperança de que o povo de Deus possa já se beneficiar deste trabalho antes mesmo que esteja completo.

Aqui incluímos ainda uma longa lista de *questões de estudo*, ao final, para deixar este formato o mais útil possível, não apenas para o estudo individual, mas também para discussões em grupo. As questões foram projetadas para fazer o estudante tanto *compreender* quanto *meditar* a Bíblia, aplicando-a à própria vida. Rogamos a Deus para que faça bom uso dos seus e dos nossos esforços para renovar a face da terra!

INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MARCOS

AUTORIA

Os manuscritos mais antigos do segundo evangelho são intitulados “segundo Marcos” (em grego, *kata Markon*). Esse título resume a tradição unânime da Igreja que diz que Marcos, um apóstolo de Simão Pedro, é quem escreveu o segundo evangelho. Ainda que ele não o tenha escrito do ponto de vista de alguém que foi testemunha ocular do ministério público do Cristo, ele era, no entanto, um canal através do qual se propagava a tradição apostólica vinda principalmente de Pedro, a sua fonte primária de informações sobre a vida de Jesus. Sua associação com Pedro é evidente tanto no Novo Testamento quanto nos testemunhos dos primeiros membros da Igreja antiga.

1. No Novo Testamento, Pedro se refere à companhia de “Marcos, meu filho” em 1Pd 5, 13, além do que alguns intérpretes também notam a similaridade entre o esquema do evangelho de Marcos e a apresentação do evangelho feita por Pedro em At 10, 36-43.
2. Além do Novo Testamento, muitos Padres da Igreja insistem que, por trás do segundo evangelho todo, está a autoridade de Pedro. Papias de Hierápolis (130 d.C.) descreve Marcos como um “intérprete” de Pedro, o que é ecoado por Santo Irineu (180 d.C.), Clemente de Alexandria (200 d.C.) e Tertuliano (200 d.C.).

Há alguns detalhes sobre a vida e a pessoa de Marcos. Ele é conhecido majoritariamente por seu nome romano “Marcos” (em latim, *Marcus*), mas às vezes é chamado por seu nome judaico “João” (At 12, 25; 15, 37). Ele é primo do apóstolo missionário Barnabé, de acordo com Cl 4, 10 e, mais significativamente, foi companheiro do apóstolo Paulo (At 12, 25), uma companhia muito bem-vinda em sua primeira jornada missionária (At 13, 5). Por razões não declaradas, Marcos se retirou prematuramente daquela missão (At 13, 13) e acabou criando uma situação incômoda que, mais tarde, serviu de motivo para um desacordo entre ele e Paulo (At 15, 36-41). No entanto, em algum momento eles se reconciliaram e Marcos voltou a ser ajudante de Paulo em seu ministério, já que eles estão posteriormente presentes, juntos, em Roma (Cl 4, 10; Fm 24) e, de acordo com o próprio apóstolo Paulo, “ele [Marcos] pode ajudar-me no ministério” (2Tm 4, 11). A tradição conta que, após o martírio de Pedro e Paulo, Marcos foi o primeiro a estabelecer igrejas na Alexandria, ao norte do Egito.

DATA

Dois fatores sugerem que Marcos terminou de escrever seu evangelho antes de 70 d.C., tendo decorrido o tempo de apenas uma geração entre a narrativa e os eventos

que nela ele registra. Em primeiro lugar, o próprio evangelho nos aponta isso: em Mc 13, Jesus profetiza a destruição iminente de Jerusalém e do Templo. Isso se cumpre em 70 d.C., quando os romanos destroem violentamente a Cidade Santa. De fato, Marcos não faz nenhuma menção desse evento como sendo algo que já havia acontecido e nem dá informações detalhadas a respeito dessa catástrofe, o que, caso fizesse, indicaria que sua escrita era posterior ao evento. E em segundo lugar, as tradições mais proeminentes da Igreja antiga datam o evangelho de Marcos na década de 60 d.C., ou até *antes* disso. Um documento do segundo século, chamado “Prólogo Anti-Marcionita”, e também Santo Irineu (180 d.C.), atestam que Marcos escreveu essa sua obra logo após o martírio de Pedro (cerca de 67 d.C.) – o que ainda permite assumir que tenha sido ao final da década de 60 do primeiro século. Por outro lado, Clemente de Alexandria (200 d.C.) sustenta que Marcos a escreveu antes do martírio de Pedro. Eusébio (340 d.C.), outra testemunha ainda, fixa uma data para o evangelho de Marcos no período de governo do Imperador Cláudio, entre 41 e 54 d.C. Por mais que essas várias tradições tornem impossível que determinemos uma data exata para a escrita desse evangelho, elas, juntas, sugerem que Marcos publicou seu trabalho em algum momento antes de 70 d.C. Muitos acadêmicos modernos também posicionam o evangelho de Marcos antes de 70 d.C., enquanto que alguns outros consideram que ele foi escrito imediatamente após essa data crítica.

DESTINATÁRIOS

Marcos escreveu seu evangelho principalmente para os fiéis gentios do Império Romano. Isso é sugerido por diversas considerações.

1. Frequentemente, Marcos explica alguns costumes judaicos que poderiam soar estranhos e desconhecidos a seus leitores (Mc 7, 3-4; 14, 12);
2. Ele traduz algumas palavras e frases do aramaico (Mc 3, 17; 5, 41; 7, 11. 34; 15, 34);
3. Às vezes, ele usa termos latinizados ao invés de seus equivalentes gregos (Mc 12, 42; 15, 16);
4. Sua narrativa culmina na confissão de fé de um soldado romano (15, 39).

É também possível que o público-alvo de Marcos em Roma fosse também alvo de perseguições violentas àquela época (a perseguição neroniana se deu por volta de 64 a 68 d.C.). Seu evangelho, portanto, pode ter sido escrito com o objetivo de recordar os fiéis romanos dos sofrimentos suportados por seu Senhor e para encorajá-los a se manter fiéis durante o seu próprio período de provação.

ESTRUTURA

O evangelho de Marcos se mantém firme a um esquema simples e muito claro. Como narrador, Marcos permanece escondido por trás de sua narrativa, não impondo à história qualquer estruturação que fosse artificial e dissonante às tradições que

ele havia recebido; pelo contrário: ele se contenta em preservar os acontecimentos da vida de Jesus da maneira como ele os conheceu. No entanto, por uma questão de conveniência, seu evangelho pode ser dividido em duas grandes partes e duas pequenas seções (confira o esquema a seguir). As duas maiores partes (Mc 1, 16 – 8, 30; 8, 31 – 15, 47) compreendem quase a totalidade da narrativa de Marcos e consistem numa série de eventos que vão gradualmente construindo a tensão da narrativa, sempre na direção de um clímax que se resolve numa confissão de fé. No primeiro movimento, (Mc 1, 16 – 8, 30), a história culmina no testemunho de Pedro a Jesus: “Tu és o Messias” (Mc 8, 29), uma confissão que se sobressai no meio da confusão que se fazia a respeito da identidade de Jesus (Mc 8, 28). Da mesma forma, o segundo movimento (Mc 8, 31 – 15, 47) ascende gradualmente e atinge o ponto máximo na declaração do centurião romano: “De fato, esse homem era mesmo Filho de Deus!” (Mc 15, 39), uma afirmação que também serve de contraste às provocações que no momento eram dirigidas a Jesus (Mc 15, 29-32. 36). As duas menores seções do evangelho (Mc 1, 1-15; 16, 1-20) são pequenas no tamanho, porém grandes na importância. O prólogo (Mc 1, 1-15) arma o cenário para Jesus, narrando as preparações que antecederam seu ministério público. O epílogo (Mc 16, 1-20) coroa a história de Marcos com o relato da Ressurreição e Ascensão de Jesus, trazendo ao clímax a “Boa Notícia de Jesus” antecipada desde o princípio (Mc 1, 1).

TEMÁTICA

Marcos pinta um quadro vivo e dinâmico de Jesus, focando grande parte de sua atenção aos feitos grandiosos do Cristo. A não ser pelos dois grandes sermões que narra (Mc 4, 1-32; 13, 1-37), Marcos retrata Jesus como um ativo curador e exorcista, continuamente em ação – uma característica que o evangelista acentua ao utilizar-se da palavra “imediatamente” mais de quarenta vezes ao longo de seus meros dezesseis capítulos! Mais ainda: o evangelho de Marcos empreende ao leitor cristão uma série de perguntas retóricas e afirmações que pontuam a história: “O que é isso? Um ensinamento novo” (Mc 1, 27); “Por que este homem fala assim? [...] Ninguém pode perdoar os pecados, porque só Deus tem poder para isso!” (Mc 2, 7); “Quem é esse homem, a quem até o vento e o mar obedecem?” (Mc 4, 41); “E vocês, quem dizem que eu sou?” (Mc 8, 29); “O que eu digo a vocês, digo a todos: Fiquem vigiando” (Mc 13, 37). Essas frases se dirigem aos leitores atentos tanto quanto aos personagens da história; elas convidam todos os fiéis a olhar para Jesus com os olhos da fé, a aceitá-lo com esperança e a imitá-lo em seu heróico amor.

O conteúdo do relato de Marcos gira em torno principalmente da identidade de Jesus. Dois aspectos se sobressaem: o segredo de Jesus e sua filiação divina.

1. *Segredo*. No evangelho de Marcos, Jesus está sempre buscando esconder sua identidade de Messias por conta da grande possibilidade de seus contemporâneos se enganarem a respeito de sua missão. À época do Novo Testamento,

muitos em Israel esperavam o Messias para que ele os libertasse do governo opressor dos romanos. Por essa razão, eles esperavam uma grande figura real e militar, que iria dominar seus inimigos e restabelecer o reinado de Davi sobre Jerusalém (Mc 11, 10). Jesus se distancia dessas aspirações – populares, porém enganosas – e, ao contrário, trabalha para ocultar sua identidade messiânica a fim de evitar confusões sobre o seu ministério. Quando alguns espíritos impuros e malignos ameaçam revelar sua identidade, Jesus os cala (Mc 1, 25. 34; 3, 12); quando alguns homens tentam anunciar Jesus como um grande operador de milagres ou como o próprio Messias, Ele os ordena para que não o façam (Mc 5, 43; 7, 36; 8, 26. 30; 9, 9). Longe de abraçar o papel de líder político, Jesus trabalha para reconfigurar as expectativas messiânicas através de seu exemplo de servidão e sofrimento. O verdadeiro Messias libera o povo de Deus dos fardos do demônio, da doença e do pecado – e não do jugo de um império terreno (Mc 1, 27. 34. 41; 2, 5. 17; 3, 5. 10; 5, 41; 7, 37).

2. *Filiação.* A filiação divina de Jesus é também um tema principal do evangelho de Marcos. Poderia se dizer que, na verdade, o reconhecimento de Jesus como o divino Filho de Deus é o próprio objetivo do evangelho de Marcos. Ironicamente, a filiação e Encarnação de Jesus são mistérios freqüentemente escondidos da maioria dos personagens de seu evangelho, apesar das repetidas sugestões e dicas dadas que apontam nessa direção. Como narrador, Marcos já introduz Jesus como “o Filho de Deus” desde o princípio (Mc 1, 1). Os demônios estão cientes do fato (Mc 3, 11; 5, 7), Deus Pai o proclama duas vezes em público (Mc 1, 11; 9, 7) e o próprio Jesus o afirma, de modo nada duvidoso (Mc 14, 61-62). Apenas na crucificação é que a filiação divina de Jesus é reconhecida plenamente, no momento em que Ele entrega sua vida, com amor, ao Pai. É nesse momento que um personagem único do evangelho (o centurião romano) confessa Jesus como “o Filho de Deus” (Mc 15, 39).

O evangelho de Marcos proclama o mistério da filiação divina de Jesus Cristo na forma de história e busca tanto informar quanto desafiar os leitores com essa verdade central dos evangelhos.

ESQUEMA DO EVANGELHO DE MARCOS

I. Prólogo: preparação para o Messias e o seu mensageiro (1, 1-15)

1. A pregação e o ministério de João Batista (1,1-8)
2. Jesus é batizado por João (1, 9-11)
3. Jesus é tentado por Satanás (1, 12-13)
4. Jesus começa a anunciar o evangelho (1, 14-15)

II. O ministério para o povo: o segredo do Messias e a ampla difusão de seu ministério (1, 16 – 8, 30)

1. Jesus fica conhecido e sofre controvérsias na Galiléia (1, 16 – 3, 12)
2. Jesus ensina os apóstolos através de palavras e ações (3, 13 – 7, 23)
3. Jesus viaja às regiões dos gentios (7, 24 – 8, 30)

III. Narrativa da Paixão: o sofrimento do Messias e os relatos da semana da Paixão (8, 31 – 15, 47)

1. As predições da Paixão e a reunião dos discípulos no caminho para Jerusalém (8, 31 – 10, 52)
2. A entrada de Jesus em Jerusalém e seu conflito no Templo (11, 1 – 13, 37)
3. A última ceia, os julgamentos e a crucificação de Jesus (14, 1 – 15, 47)

IV. Epílogo da Ressurreição: o Messias ressuscitado e os relatos da Páscoa (16, 1-20)

1. O sepulcro de Jesus é encontrado vazio (16, 1-8)
2. As aparições do Cristo Ressuscitado e sua grande ordem (16, 9-18)
3. A Ascensão de Jesus e a propagação do evangelho (16, 19-20)

O EVANGELHO DE SÃO MARCOS

1 A pregação de João Batista – ¹Começo da Boa Notícia de Jesus, o Messias, o Filho de Deus. ²Está escrito no livro do profeta Isaías: “Eis que eu envio o meu mensageiro na tua frente, para preparar o teu caminho. ³Esta é a voz daquele que grita no deserto: Preparem o caminho do Senhor, endireitem suas estradas!”. ⁴E foi assim que João Batista apareceu no deserto, pregando um batismo de conversão para o perdão dos pecados. ⁵Toda a região da Judéia e todos os moradores de Jerusalém iam ao encontro de João. Confessavam os seus pecados, e João os batizava no rio Jordão. ⁶João se vestia com uma pele de camelo, usava um cinto de couro e comia gafanhotos e mel silvestre. ⁷E pregava: “Depois de mim, vai chegar alguém mais forte do que eu. E eu não sou digno sequer de me abaixar para desamarrar as suas sandálias. ⁸Eu batizei vocês com água, mas ele batizará vocês com o Espírito Santo”.

1, 2-8: Mt 3, 1-12; Lc 3, 2-16; Jo 1, 6. 15. 19-28. • 1, 2: Mt 3, 1; Lc 3, 27. • 1, 3: Is 40, 3. • 1, 4: At 13, 24.

COMENTÁRIOS

1, 1: “Começo” – O versículo de abertura serve de título para todo o evangelho.

“Boa notícia”: a de que Cristo veio para *resgatar* todas as nações do pecado, do egoísmo e do demônio, e também para *revelar* a vida íntima de Deus ao mundo, o que se realiza quando Jesus inaugura o Reino de Deus (1, 15).

“O filho de Deus”: este é o título predominantemente usado por Marcos para Jesus (1, 1; 3, 11; 5, 7; 9, 7; 12, 6; 14, 61; 15, 39; CIC 422, 515). Tanto a obra quanto as palavras de Jesus (ou seja, seus milagres e seus ensinamentos) justificam essa alegação a respeito de sua filiação divina, anunciada publicamente pelo próprio Deus Pai em seu batismo (1, 11) e na sua Transfiguração (9, 7).



1, 2-3: Marcos destaca as missões de João e de Jesus através do entrelaçamento que faz de três passagens do Antigo Testamento: Is 40, 3; Ex 23, 20 e Mt 3, 1.

• A passagem do Êxodo recorda que Javé nomeou um mensageiro (um anjo) para liderar e conduzir o povo de Israel para fora do Egito e

da escravidão que lá sofria para a segurança da Terra Prometida. Isaías projeta essa memória de um passado longínquo no futuro, anunciando que não só Israel, mas todas as nações experimentarão um novo Êxodo na era messiânica. As preparações deviam ser feitas para a chegada de um novo Libertador, o Servo Sofredor, que levaria as nações da escuridão do pecado e da idolatria à luz do Monte Sião. O oráculo de Malaquias apresenta o lado sombrio desse cenário, avisando o povo de Jerusalém que a vinda do Messias seria desastrosa para muitos, se os pastores de Israel estivessem despreparados para a sua chegada. Para Marcos, essas passagens estão ligadas pelo chamado comum que fazem à preparação do “caminho” para a vinda do Senhor: João Batista é o arauto que conduz pelo “caminho” desse novo Êxodo e Jesus é o Senhor e o Servo Sofredor que o realiza plenamente. Este é o único momento em que Marcos, enquanto narrador, cita diretamente o Antigo Testamento (v. os comentários sobre Mc 8, 27 – 10, 52).



1, 5: “e João os batizava”: O batismo de João tornava explícita a ne-

O batismo de Jesus – ⁹Nesses dias, Jesus chegou de Nazaré da Galiléia, e foi batizado por João no rio Jordão. ¹⁰Logo que Jesus saiu da água, viu o céu se rasgando, e o Espírito, como pomba, desceu sobre Ele. ¹¹E do céu veio uma voz: “Tu és o meu Filho amado; em ti encontro o meu agrado”.

1, 9-11: Mt 3, 13-17; Lc 3, 21-22; Jo 1, 29-34. • 1, 11: Sl 2, 7; Is 42, 1.

cessidade da purificação interna, mas não a realizava de modo sacramental. João estava plenamente consciente de que seus discípulos deveriam também receber o verdadeiro batismo do Messias, que tanto significava quanto realizava a purificação espiritual. Apenas o batismo cristão limpa a alma do pecado, infunde a graça da filiação divina e regenera o fiel no Espírito Santo (Jo 3, 5; At 2, 38; Tt 3, 5; CIC 718-720).

“No rio Jordão”: o principal rio da Palestina é um local apropriado para que se batizassem grandes multidões.

- O rio Jordão está ligado a algumas histórias de libertação do Antigo Testamento. Foi esse mesmo rio que os Israelitas atravessaram para chegar à Terra Prometida (Js 3, 14-17); nele também foi que o arameu Naamã (um gentio) foi curado da lepra (2Rs 5, 14). Levando em conta esse duplo pano de fundo, o ministério de João no Jordão, então, prepara a salvação tanto de Israel quanto dos gentios pelo Messias.



1, 6: “João se vestia”: Trajes de pele de animal eram o vestuário típico dos profetas do Antigo Testamento (Zc 13, 4).

- A aparência de João recorda a de Elias (2Rs 1, 8) e sua presença no Jordão faz lembrar que foi ali que Elias foi arrebatado ao céu (2Rs 2, 6-11; v. também o comentário sobre Mc 9, 11).

“E comia gafanhotos”: um dos poucos insetos considerados puros (*kosher*), ou seja, que Deus permitia que os israelitas da Antiga

Aliança comessem (Lv 11, 22). Este detalhe retrata a fidelidade de João à Torá e destaca a renúncia que fazia dos confortos e bens mundanos. O jejum também se incluía em seu estilo de vida disciplinado (2, 18).



1, 7: “eu não sou digno”: Uma evidência da humildade de João. Desamarrar e carregar sandálias era uma tarefa servil reservada para os escravos que serviam a um senhor. João se considera indigno até de prestar uma tarefa de escravo ao Messias.

- *Alegoricamente*,¹ as sandálias de Jesus, feitas de pele de animal morto, representam a humanidade morta em pecado. Ora, pela Encarnação, o Cristo se vestiu da nossa própria natureza; tal milagre se mostra tão profundo que nem João Batista está apto a desvendar ou explicar esse mistério do Deus-feito-homem.

1, 9-11: Jesus, que é imaculado, não tem necessidade de arrependimento algum (Hb 4, 15; 1Pd 2, 22). Mesmo assim, ele recebe o batismo de João para se identificar com pecadores, como parte do plano salvífico do Pai para eles (CIC 536). A *voz* do Pai, o batismo do *Filho* e a descida do *Espírito* marcam esse episódio como uma revelação da própria Santíssima Trindade (v. comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 3, 15).



1, 10: “o céu se rasgando” – a expressão “se rasgando” é realmente dramá-

¹ São Gregório Magno, *Hom. sobre o evangelho*, 7.

A tentação de Jesus – ¹²Em seguida, o Espírito impeliu Jesus para o deserto. ¹³E Jesus ficou no deserto durante quarenta dias, e aí era tentado por Satanás. Jesus vivia entre os animais selvagens, e os anjos o serviam.

1, 12-13: Mt 4, 1-11; Lc 4, 1-13.

tica e vem do verbo grego *schizo*, que significa “romper” ou “dilacerar”. O céu, portanto, “se rompeu” ao som da voz de Deus e à descida do Espírito (Is 64, 1). Em outro momento do evangelho de Marcos, esse mesmo verbo denota o rasgo das cortinas do Templo de Jerusalém (15, 38), episódio que também é acompanhado de uma declaração da filiação divina de Jesus (15, 39).

“Como pomba”: uma imagem que tem várias associações ao longo da Bíblia (Ct 1, 15; 6, 9; Os 11, 11; Mt 10, 16).

- Pode se encontrar no Gênesis uma conexão muito próxima entre o Espírito e a figura de uma pomba: assim como, na criação, o Espírito de Deus pairava sobre as águas (Gn 1, 2),² também Noé enviou uma “pomba” para sobrevoar as águas do dilúvio uma vez que a criação fora varrida e renovada (Gn 8, 10-12). Do mesmo modo, o batismo de Jesus inaugura um novo começo para o mundo através do Espírito e representa antecipadamente a nossa própria purificação pelo batismo (1Pd 3, 18-22; CIC 536, 694, 701; v. também o comentário feito no nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 3, 11).

2 Na tradução da Bíblia da CNBB, o versículo em questão encontra-se da seguinte maneira: “[...] as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas”. O mesmo simbolismo do vento é usado para narrar a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos no dia de Pentecostes, pois em At 2, 2 lê-se que: “De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam”, e logo depois, em At 2, 4: “Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem” (NT).



1, 11: “meu Filho amado” – o anúncio do Pai faz recordar várias passagens do Antigo Testamento.

- 1. Is 42, 1 profetiza a vinda do Servo querido de Deus que irá resgatar Israel (Is 42, 7) e servir de “luz para as nações” (Is 42, 6). Jesus realiza plenamente esse papel de Servo Sofredor (Mc 10, 45) e luz do mundo (Jo 8, 12).
- 2. O Sl 2, 7 retrata o rei Davi como filho ungido de Deus. Jesus, por sua vez, é o real Filho de Deus ungido pelo Espírito Santo (Lc 4, 18; Rm 1, 3).
- 3. O mesmo título já havia sido atribuído a Isaac, uma vez que a versão grega do Antigo Testamento traduz a expressão “filho único”, em Gn 22, 2. 12 por “filho amado”. Como o quase-sacrifício de Isaac por Abraão obteve de Deus uma promessa de bênção universal (Gn 22, 16-18), Jesus então é enviado pelo Pai para cumprir essa promessa de aliança e despejar as bênçãos prometidas ao patriarca (Jo 3, 16; Rm 8, 32).



1, 12-13: Um relato resumido da tentação de Jesus.

- Jesus passa pela mesma provação pela qual passaram Adão e o povo de Israel no Antigo Testamento (CIC 538-540). Ele é, portanto, *tentado por Satanás* entre os *animais selvagens*, assim como o primeiro Adão fora tentado dentre as feras do paraíso terrestre. Ele também reconstitui os passos de Israel sendo impelido para o *deserto* pelo *Espírito* e tentado por *quarenta dias*, assim como os israelitas marcharam pelo deserto por quarenta anos de provação. No fim, Jesus é bem-sucedido naquilo mesmo em que Adão e Israel falharam: resistir ao demônio provando seu amor filial

Jesus anuncia o evangelho na Galiléia – ¹⁴Depois que João Batista foi preso, Jesus voltou para a Galiléia, pregando a Boa Notícia de Deus: ¹⁵“O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia”.

1, 14-15: Mt 4, 12-17; Lc 4, 14-15.

ao Pai. Esse evento marca, no Evangelho, o início de uma longa batalha contra o demônio, a morte e a doença (1, 25. 31. 34; 2, 11; 3, 5; 5, 13. 39-41).

- *Moralmente*,³ Jesus suporta as tentações para ensinar e treinar seus discípulos quanto ao modo como derrotar o demônio. Não é de se admirar, portanto, que, depois do batismo, o tentador nos ataque com maior agressividade do que antes. A vitória é assegurada, no entanto, se, como Jesus, nós nos comprometemos a jejuar, esperar no Senhor com paciência e não desejar qualquer coisa de que não necessitamos.

- O reino do Cristo está intimamente associado ao antigo reino de Israel que prosperou sob Davi e Salomão. Ainda que o império de Davi tenha rapidamente sucumbido, por um breve tempo foi a antecipação da glória do reino de Cristo sobre as tribos de Israel (2Sm 5, 1-5; Mt 19, 28) e também sobre outras nações de gentios (1Rs 4, 20-21; Mt 28, 18-20). O antigo reino internacional agora ressurgiu transfigurado na Igreja, onde Cristo reina como herdeiro legítimo de Davi (Mt 1, 1; Lc 1, 32-33), entronizado no Céu (Mc 16, 19; Hb 8, 1-2).

Jesus escolhe os primeiros discípulos – ¹⁶Ao passar pela beira do mar da Galiléia, Jesus viu Simão e seu irmão André; estavam jogando a rede ao mar, pois eram pescadores. ¹⁷Jesus disse para eles: “Sigam-me, e eu farei vocês se tornarem pescadores de homens”. ¹⁸Eles imediatamente deixaram as redes e seguiram a Jesus. ¹⁹Caminhando mais um pouco, Jesus viu Tiago e João, filhos de Zebedeu. Estavam na barca, consertando as redes. ²⁰Jesus logo os chamou. E eles deixaram seu pai Zebedeu na barca com os empregados e partiram, seguindo a Jesus.

1, 16-20: Mt 4, 18-22; Lc 5, 1-11; Jo 1, 40-42.

1, 14: “João Batista foi preso”: Um evento essencial que muda o foco do ministério de Jesus para a Galiléia. Antes disso, Jesus exerceu o início de seu ministério na Judéia, concomitantemente a João Batista (Jo 3, 23; v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 4, 12).



1, 15: “o Reino de Deus” – O governo soberano de Deus sobre todas as nações através de Jesus.

1, 16-20: Os primeiros discípulos respondem *imediatamente* ao chamado de Jesus (1, 18. 20). Esse convite enfático para que o *sigam* como discípulos é o primeiro passo que Jesus dá no sentido de enviar missionários pelo mundo como *pescadores de homens* (Mt 28, 18-20). Cristo escolhe homens de educação modesta para demonstrar ao mundo que a sabedoria evangélica deriva diretamente de Deus, não da ingenuidade humana (v. o *Quadro: Os doze apóstolos* em Mc 3).

1, 20: “deixaram seu pai”: Uma ruptura tão abrupta com a família e o trabalho era tão extraordinária na época quanto o é agora. O

3 São João Crisóstomo, *Hom. in Matt.* 13.

O homem possuído por um espírito maligno – ²¹Foram à cidade de Cafarnaum e, no sábado, Jesus entrou na sinagoga e começou a ensinar. ²²As pessoas ficavam admiradas com o seu ensinamento, porque Jesus ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da Lei. ²³Nesse momento, estava na sinagoga um homem possuído por um espírito mau, que começou a gritar: ²⁴“Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para nos destruir? Eu sei quem tu és: tu és o Santo de Deus!”. ²⁵Jesus ameaçou o espírito mau: “Cale-se, e saia dele!”. ²⁶Então o espírito mau sacudiu o homem com violência, deu um grande grito e saiu dele. ²⁷Todos ficaram muito espantados e perguntavam uns aos outros: “O que é isso? Um ensinamento novo, dado com autoridade... Ele manda até nos espíritos maus e eles obedecem!”. ²⁸E a fama de Jesus logo se espalhou por toda parte, em toda a redondeza da Galiléia.

1, 21-22: Mt 7, 28-29; Lc 4, 31-32. • 1, 23-28: Lc 4, 33-37. • 1, 24: Jo 6, 69.

impulso de abandonar tudo e seguir a Jesus destaca a insuperável excelência do verdadeiro discipulado cristão em relação a qualquer outro engajamento mundano.

“Os empregados”: esse trecho sugere que os negócios de pescaria de Zebedeu e seus filhos eram prósperos.

1, 12: “Cafarnaum”: A nova casa e como que a sede de Jesus na Galiléia (Mc 2, 1; Mt 4, 12-13). Ficava à costa norte do Mar da Galiléia.

noite da sexta-feira cristã e termina ao pôr-do-sol do sábado cristão.

“Sinagoga”: um pequeno prédio usado como local de reunião para oração, adoração e instrução em relação às Escrituras (v. o comentário do nosso estudo bíblico obre o evangelho de Mateus em Mt 4, 23).

“Um espírito mau”: um demônio ou anjo caído (Mc 3, 11; 5, 2; 6, 7; 9, 25). É por medo que ele confessa que Jesus é “o Santo de Deus” (Mc 1, 24), não por fé genuína (cf. Tg 2, 19).

As curas na casa de Simão – ²⁹Saíram da sinagoga e foram logo para a casa de Simão e André, junto com Tiago e João. ³⁰A sogra de Simão estava de cama, com febre, e logo eles contaram isso a Jesus. ³¹Jesus foi onde ela estava, segurou sua mão e ajudou-a a se levantar. Então, a febre deixou a mulher, e ela começou a servi-los. ³²À tarde, depois do pôr-do-sol, levavam a Jesus todos os doentes e os que estavam possuídos pelo demônio. ³³A cidade inteira se reuniu na frente da casa. ³⁴Jesus curou muitas pessoas de vários tipos de doença e expulsou muitos demônios. Os demônios sabiam quem era Jesus, e por isso Jesus não deixava que eles falassem.

1, 29-31: Mt 8, 14-15; Lc 4, 38-39. • 1, 32-34: Mt 8, 16-17; Lc 4, 40-41.

“No sábado”: o sétimo dia da semana judaica, reservado à adoração e ao descanso (Gn 2, 3; Ex 20, 8-11; CIC 2168-2173). Os judeus contam o dia do amanhecer ao pôr-do-sol e, portanto, o sábado judaico começa à

1, 27: “com autoridade”: O poder divino é demonstrado através das palavras de Jesus. Enquanto muitos exorcistas da época recitavam longos encantamentos ou usavam raízes aromáticas para expulsar os demônios,

Jesus vai ensinando e curando pela Galiléia – ³⁵De madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus se levantou e foi rezar num lugar deserto. ³⁶Simão e seus companheiros foram atrás de Jesus ³⁷e, quando o

encontraram, disseram: “Todos estão te procurando”.³⁸ Jesus respondeu: “Vamos para outros lugares, às aldeias da redondeza. Devo pregar também ali, pois foi para isso que eu vim”.³⁹ E Jesus andava por toda a Galiléia, pregando nas sinagogas e expulsando os demônios.

1, 35-38: Lc 4, 42-43. • 1, 39: Mt 4,23-25; Lc 4, 44.

Jesus simplesmente os manda sair e eles obedecem (CIC 550). A incapacidade de resisti-lo por parte dos demônios fica evidente nas dramáticas exibições de gritos e convulsões que dão (Mc 1, 26).

contagiosa – ou seja, que podia infectar qualquer um que entrasse em contato com ela –, portanto, os leprosos eram isolados da sociedade a fim de que se mantivessem separados daqueles que eram limpos daqueles que eram

Jesus purifica um leproso –⁴⁰ Um leproso chegou perto de Jesus e pediu de joelhos: “Se queres, tu tens o poder de me purificar”.⁴¹ Jesus ficou cheio de ira, estendeu a mão, tocou nele e disse: “Eu quero, fique purificado”.⁴² No mesmo instante, a lepra desapareceu e o homem ficou purificado.⁴³ Então Jesus o mandou logo embora, ameaçando-o severamente: “Não conte nada para ninguém! Vá pedir ao sacerdote para examinar você, e depois ofereça pela sua purificação o sacrifício que Moisés ordenou, para que seja um testemunho para eles”.⁴⁴ Mas o homem foi embora e começou a pregar muito e a espalhar a notícia. Por isso, Jesus não podia mais entrar publicamente numa cidade: ele ficava fora, em lugares desertos. E de toda parte as pessoas iam procurá-lo.

1, 40-45: Mt 8, 2-4; Lc 5, 12-16. • 1, 44: Lv 13, 49; 14, 2-32.

1, 32: “À tarde” – Ou seja, depois do pôr-do-sol do sábado (judaico). Levar os doentes e possuídos para Jesus era trabalhoso e, portanto, não era permitido pela Lei que se o fizesse antes que o dia do sábado judaico terminasse (v. o comentário sobre Mc 1, 21).

1, 35: “De madrugada” – De acordo com essa cronologia de Marcos, Jesus *foi rezar* bem cedo na manhã do domingo que sucedeu o sábado judaico. Essa prática antecipa a reza litúrgica da Igreja logo ao começo do primeiro dia da semana (CIC 2174). Jesus também está praticando aquilo que prega em relação à reza solitária (Mt 6, 5-6; CIC 2602; v também o comentário sobre Mc 1, 32).

1, 40: “Um leproso”: A lepra é uma doença de pele que, para os judeus, fazia com que suas vítimas se tornassem impuras, ou seja, impossibilitadas de participar da vida litúrgica de Israel (Lv 13, 1-8). Na Antiga Aliança, essa impureza ritualística era considerada

impuros (Lv 13, 45-46). Jesus ultrapassa essa fronteira quando toca no leproso e, enquanto os outros seriam contaminados por esse toque, Ele, por sua vez, vence a impureza com o maior poder de sua santidade. (Mc 1, 41; CIC 1503-1505).

1, 44: “Não conte nada para ninguém” – O “segredo messiânico” é um tema recorrente no evangelho de Marcos. Jesus ordena freqüentemente os homens (Mc 5, 43; 7, 36; 8, 30; 9, 9) e demônios (Mc 1, 25. 34; 3, 12) para que escondam sua identidade como Messias (CIC 439). Muitas considerações colaboram para essa visão:

1. Jesus queria evitar qualquer repercussão sensacionalista que acabaria por retratá-lo como mais um taumaturgo (operador de milagres). A divulgação de seus milagres por meio do falatório acarreta o perigo de que esses rumores começariam a dissociar os milagres de sua mensagem salvífica.

2. Ele queria deixar de lado qualquer expectativa popular de que o Messias seria um líder político e militar.
3. Ele não queria despertar a ira de seus inimigos antes do tempo previsto de sua Paixão (v. a *Introdução ao evangelho de Marcos: Temática*).

“Examinar você”: Pela Lei Mosaica, era necessário que os sacerdotes levitas inspecionassem os leprosos e determinassem sua condição como puro ou impuro (Lv 14, 1-32). Aprovado como puro, o indivíduo então deveria oferecer sacrifícios no Templo para ser devidamente reintegrado à comunidade religiosa de Israel (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 8, 4).



ESTUDO DA PALAVRA: CONVERSÃO (MC 1, 4)

Metanoia (grego): significa, literalmente, uma “mudança de idéia”. Esta palavra é usada por 22 vezes ao longo do Novo Testamento para denotar a conversão total da vida de alguém a Deus. De acordo com conceitos similares do Antigo Testamento, tal mudança envolve o coração num processo de duplo movimento: primeiro a repulsa que o leva para longe do pecado (1Rs 8, 35; Ez 18, 30) e depois a atração que o leva para perto de Deus (Os 6, 1; Eclo 17, 25-26; Hb 6, 1). Nisso se inclui a contrição genuína por falhas passadas e a firme resolução por evitá-las no futuro, o que também pode ser acompanhado de práticas de disciplina corporal, como o jejum (Dn 9, 3-5; Jl 2, 12; 2Cor 7, 10). Como o arrependimento é um processo gradual de transformação, Deus é paciente com os pecadores que batalham para corrigir e redirecionar suas vidas em direção à santidade (Sb 12, 10; Rm 2, 4; 2Pd 3, 9). O arrependimento é inspirado pela oferta da vida eterna feita pelo próprio Cristo (Mc 1, 15; At 2, 38) e sua eficácia e autenticidade ficam evidentes ao se observar as vidas que se transformam de acordo com o evangelho (Mt 3, 8; At 26, 20; Gl 5, 22-24).

2 Jesus cura um paralítico – ¹Alguns dias depois, Jesus entrou de novo na cidade de Cafarnaum. Logo se espalhou a notícia de que Jesus estava em casa. ²E tanta gente se reuniu aí que já não havia lugar nem na frente da casa. E Jesus anunciava a palavra. ³Levaram então um paralítico, carregado por quatro homens. ⁴Mas eles não conseguiam chegar até Jesus, por causa da multidão. Então fizeram um buraco no teto, bem em cima do lugar onde Jesus estava, e pela abertura desceram a cama em que o paralítico estava deitado. ⁵Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao paralítico: “Filho, os seus pecados estão perdoados”. ⁶Ora, alguns doutores da Lei estavam aí sentados, e começaram a pensar: ⁷“Por que este homem fala assim? Ele está blasfemando! Ninguém pode perdoar pecados, porque só Deus tem poder para isso!”. ⁸Jesus logo percebeu o que eles estavam pensando no seu íntimo, e disse: “Por que vocês pensam assim? ⁹O que é mais fácil dizer ao paralítico: ‘Os seus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘Levante-se, pegue a sua cama e ande’”. ¹⁰Pois bem, para que vocês saibam que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar pecados, – disse Jesus ao paralítico – ¹¹eu ordeno a você: levante-se, pegue a sua cama e vá para casa”. ¹²O paralítico então se levantou e, carregando a sua cama, saiu diante de todos. E todos ficaram muito admirados e louvaram a Deus dizendo: “Nunca vimos uma coisa assim!”.

2, 3-12: Mt 9, 2-18; Lc 5, 18-26. • 2, 12: Mt 9, 33.

COMENTÁRIOS

2, 1-12: A cura do paralítico revela a identidade de Jesus através de suas ações: ele diz ter o poder para perdoar os pecados que só Deus tem, além de poder ainda estender esse perdão a todo o mundo, o que, na Antiga Aliança, só o Templo e os sacerdotes do Templo eram autorizados a fazer.



2, 5: “a fé que eles tinham” – Ou seja, a fé dos quatro homens que carregaram o paralítico (Mc 2, 4).

- O perdão que Jesus confere ao paralítico indefeso em resposta à fé dos outros quatro homens que o carregaram reflete o efeito do

batismo nas crianças, pelo qual ele continua a regenerar a fé das crianças indefesas através da fé intercessora de seus pais (CIC 1250-1253).

2, 6: “doutores da Lei”: Os escribas, acadêmicos da Lei Mosaica e de sua interpretação tradicional. No evangelho de Marcos, eles são retratados como inimigos de Jesus – com a exceção de um episódio (Mc 12, 28-34).

2, 7: “Ele está blasfemando!” – Os doutores da Lei (ou escribas) ficam indignados quando Jesus clama para si uma prerrogativa que pertence somente a Deus – a de remir os pecados (Sl 103, 3; Is 43, 25; CIC 1441). Eles julgaram (mal) a situação como blasfêmia, que era um pecado mortal na antiga Israel (Lv 24, 16). É de se notar que Jesus manifesta sua divindade tanto ao absolver os pecados do homem quanto ao revelar a desaprovação dos críticos que ainda nem havia sido dita.

2, 9: “O que é mais fácil” – É mais fácil dizer que os pecados estão perdoados do que de fato perdoá-los concretamente, já que o efeito dessa remissão não pode ser detectado por observação. Por essa razão, Jesus revigora e cura o corpo do homem para demonstrar visivelmente aquilo que Ele já havia feito invisivelmente em sua alma (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 9, 8).

2, 14: “Levi” – Também chamado de “Mateus” (Mt 9, 9). Ele abandona seu trabalho

para seguir a Jesus e, mais tarde, é nomeado apóstolo (Mc 3, 18).

“Coletoria de impostos”: os fariseus desprezavam os coletores de impostos e os tinham como “pecadores” (2, 15) por vários motivos.

1. Ser coletor da receita pública na Galiléia implicava num contato freqüente com os gentios. Pelos padrões farisaicos, isso significava estar exposto à corrupção ritualística dos pagãos.
2. Os impostos eram coletados e entregues aos romanos, os indesejados que governavam a Palestina; portanto, os coletores de impostos eram tidos como traidores da esperança de Israel um dia ser uma nação independente.
3. Os coletores, às vezes, eram culpados de extorsão e roubo porque se dizia que extorquiam comissões para eles mesmos, sobre a quantia requerida pelo imposto.

2, 15-28: Nesse trecho estão relatadas três controvérsias entre Jesus e os fariseus. Em cada uma delas, os fariseus tentam negar Jesus enquanto líder espiritual (Mc 2, 16. 18. 24). Eles consideram seu comportamento questionável e até perigoso, como se Jesus estivesse levando Israel para longe da verdadeira santidade da Antiga Aliança.

1. Em Mc 2, 15-17, os fariseus ficam escandalizados *com quem* estava almoçando com Jesus (coletores de impostos, pecadores).
2. Em Mc 2, 18-22, eles questionam *por que* Ele e os discípulos não jejuam, como fazem os seguidores de João Batista.

Jesus chama Levi – ¹³Jesus saiu de novo para a beira do mar. Toda a multidão ia ao seu encontro. E Jesus os ensinava. ¹⁴Enquanto ia caminhando, Jesus viu Levi, o filho de Alfeu, sentado na coletoria de impostos, e disse para ele: “Siga-me”. Levi se levantou e o seguiu. ¹⁵Mais tarde, Jesus estava comendo na casa de Levi. Havia vários cobradores de impostos e pecadores na mesa com Jesus e seus discípulos; com efeito, eram muitos os que o seguiam. ¹⁶Alguns doutores da Lei, que eram fariseus, viram que Jesus estava comendo com pecadores e cobradores de impostos. Então eles perguntaram aos discípulos: “Por que Jesus come e bebe junto com cobradores de impostos e pecadores?”. ¹⁷Jesus ouviu e respondeu: “As pessoas que têm saúde não precisam de médico, mas só as que estão doentes. Eu não vim para chamar justos, e sim pecadores”.

A questão sobre o jejum – ¹⁸Os discípulos de João Batista e os fariseus estavam fazendo jejum. Então alguns perguntaram a Jesus: “Por que os discípulos de João e os discípulos dos fariseus fazem jejum e os teus discípulos não fazem?”. ¹⁹Jesus respondeu: “Vocês acham que os convidados de um casamento podem fazer jejum enquanto o noivo está com eles? Enquanto o noivo está presente, os convidados não podem fazer jejum. ²⁰Mas vão chegar dias em que o noivo será tirado do meio deles. Nesse dia eles vão jejuar. ²¹Ninguém põe um remendo de pano novo em roupa velha, porque o remendo novo repuxa o pano e o rasgo fica maior ainda. ²²Ninguém coloca vinho novo em barris velhos, porque o vinho novo arrebenta os barris velhos, e o vinho e os barris se perdem. Por isso, vinho novo deve ser colocado em barris novos”.

2, 18-22: Mt 9, 14-17; Lc 5, 33-38. • 2, 20: Lc 17, 22.

3. Em Mc 2, 23-28, o problema é *quando* os discípulos colhem o milho (no sábado judaico).

Essas tensões chegam ao ponto limite quando os fariseus passam a conspirar para eliminar Jesus (Mc 3, 6).

2, 16: “comendo com pecadores” – Sentar-se junto para comer com alguém era sinal de aceitação e amizade para os costumes contemporâneos do oriente. A clara associação de Jesus com esses rejeitados viola, portanto, os padrões dos fariseus, que consideravam os pecadores e coletores de impostos como más companhias para os judeus religiosos. Eles se apegam aos padrões de santidade da Antiga Aliança, que exigiam dos israelitas que se separassem de todas as fontes de impureza, o que incluía a amizade com gentios (At 10, 28). Jesus dá o exemplo da santidade própria da Nova Aliança, que estende a misericórdia a todos, imitando assim o Pai celestial (Mt 5, 43-48; Lc 6, 36; CIC 545, 574; v. também o *Ensaio sobre um tópico: Quem são os fariseus?*).

2, 17: “não precisam de médico” – Um provérbio bem conhecido. Jesus o adapta para significar que as amizades que fazia às refeições eram parte central de sua missão. Assim como os doutores não evitam seus pacientes doentes, também Jesus não pode evitar esses que eram feridos pelo pecado.

“Não vim para chamar justos”: Jesus não veio para prolongar a Antiga Aliança com a nação de Israel. Essa era uma aliança imperfeita e provisória, feita para que o povo de Israel se separasse dos gentios e de seus pecados (Lv 20, 26) enquanto ainda não estava pronto para amar a Deus de coração (Jr 11, 8; Mt 19, 8). Jesus inaugura a Nova Aliança para transformar o coração de seu povo (Jr 31, 31-34; Mt 5, 8) e então acolher a todos na família de Deus. Enquanto que a Antiga Aliança tirou Israel do mundo e a colocou em quarentena, a Nova Aliança inclui todo o mundo na misericórdia divina (Rm 11, 32).



2, 19: “o noivo” – Jesus faz uso de imagens próprias ao tema do matrimônio para revelar sua divindade.

- Suas palavras recordam diversas passagens do Antigo Testamento em que Javé é representado como noivo de Israel (Is 54, 5; Jr 3, 20; Os 2, 20) O Novo Testamento transfere essa relação de aliança ao Cristo, divino cônjuge da Igreja (Mt 25, 1-13; Ef 5, 25; CIC 796).

“Não podem fazer jejum”: o jejum simboliza o luto e a separação e, portanto, era inadequado para o tempo em que Jesus ainda estava presente entre os discípulos.

- Os cristãos jejuam antes de celebrar a liturgia, ou seja, antes de Cristo vir ao meio deles em

Palavra e Sacramento. A chegada do Cristo, portanto, é o que instaura o tempo de festejar, quando o noivo divino se entrega por amor à sua noiva, a Igreja. A comunhão com Jesus na Eucaristia é um antegosto do celestial “banquete do casamento do cordeiro” (Ap 19, 9).

2, 21-22: Como a Antiga Aliança se tornou como que a *roupa velha* e o *barril velho*, a Nova Aliança não pode nem ser remendada aos seus tecidos gastos e nem armazenada em sua frágil casca. Ao contrário, o preparo e a penitência da Antiga Aliança devem dar lugar à celebração e comemoração da Nova Aliança que Jesus faz com o mundo.

2, 21-24: “o que não é permitido em dia de sábado” – Ainda que em Dt 23, 25-26 esteja dito que é permitido aos israelitas arrancar e comer as espigas, os fariseus os acusam pela lei exposta em Ex 34, 21, que proíbe a colheita aos sábados (Ex 20, 8-11; CIC 2168-2173). Decididos a difamar Jesus, os fariseus então tomam por pressuposto que a colheita é a mesma coisa que arrancar e comer as espigas.

 **2, 25: “Vocês nunca leram”** – Um insulto pungente aos instruídos e educados fariseus (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 12, 3).

“O que Davi e seus companheiros fizeram”: Jesus recorda 1Sm 21, 1-6 a fim de ilustrar a presente situação.

- Foi permitido que Davi se sobrepusesse à lei ritual mosaica para alimentar seus companheiros famintos com o pão sagrado do Tabernáculo, que era reservado aos sacerdotes. Jesus, o Messias, é maior que Davi (12, 35-37), e portanto não devia ser condenado por não guardar o sábado para atender a uma necessidade legítima dos seus discípulos (a fome). Caso os fariseus denunciassem Jesus, estariam involuntariamente denunciando também o honrado rei Davi.



2, 26: “no tempo em que Abiatar era sumo sacerdote” – O sacerdote que originalmente deu os pães a Davi foi Aimeleque, pai de Abiatar (1Sm 21, 1). Essa discrepância aparente serve como motivo para alguns acadêmicos modernos dizerem que Jesus, nessa passagem, cita a Escritura de forma imprecisa, mas essa conclusão não é necessária.

- Jesus provavelmente mencionou Abiatar ao invés de Aimeleque para fazer um alerta aos fariseus. Abiatar é uma figura desonrosa na história do Antigo Testamento; ele foi o último sumo sacerdote de sua linhagem, banido de Jerusalém e do exercício do sacerdócio por se opor a Salomão, filho de Davi e herdeiro de seu reino (1Rs 2, 26-27). Ele representa, portanto, o fim de uma ordem antiga que acabou com a vinda do sucessor real de Davi. Como Jesus se compara e compara seus discípulos a Davi e seus companheiros, da mesma forma Ele coloca os fariseus na história ao identificá-los com Abiatar. Os fariseus, então, representam

Um ensinamento sobre o sábado – ²³Num dia de sábado, Jesus estava passando por uns campos de trigo. Os discípulos iam abrindo caminho, e arrancando as espigas. ²⁴Então os fariseus perguntaram a Jesus: “Vê: por que os teus discípulos estão fazendo o que não é permitido em dia de sábado?” ²⁵Jesus perguntou aos fariseus: “Vocês nunca leram o que Davi e seus companheiros fizeram quando estavam passando necessidade e sentindo fome?” ²⁶Davi entrou na casa de Deus, no tempo em que Abiatar era sumo sacerdote, comeu dos pães oferecidos a Deus e os deu também para os seus companheiros. No entanto, só os sacerdotes podem comer desses pães”. ²⁷E Jesus acrescentou: “O sábado foi feito para servir ao homem, e não o homem para servir ao sábado. ²⁸Portanto, o Filho do Homem é senhor até mesmo do sábado”.

uma antiga ordem de liderança na aliança do povo com Deus que está prestes a acabar – e se eles persistirem em sua oposição a Jesus, o novo herdeiro do reinado de Davi, eles terão o mesmo fim do desterrado Abiatar. A alusão que Jesus faz a essa passagem do Antigo Testamento foi uma sutil porém estratégica maneira de alertar os fariseus para os perigos do antagonismo que estavam se propondo a desempenhar em relação ao seu ministério.

2, 27: “O sábado” – Um dia para o descanso físico e a adoração espiritual (Gn 2,

1-3; Ex 20, 8-11). Era feito para lembrar os israelitas de sua total dependência de Deus. Os fariseus, no entanto, faziam com que o seu próprio modo de guardar o sábado fosse considerado uma grande prova de fé. Quem quer que desobedecesse a menor das regulações codificadas pelos fariseus para o sábado caía, automaticamente, sob a suspeita de frouxidão ou infração religiosa. De acordo com Jesus, Deus fez o sábado para beneficiar seu povo, não para sobrecarregá-los (CIC 2172-2173).

ENSAIO SOBRE UM TÓPICO: QUEM SÃO OS FARISEUS?

Os fariseus são parte de um movimento de renovação judaico freqüentemente presente no Novo Testamento. Em quase todos os momentos, eles estão sob grandes e pesadas nuvens de suspeita e controvérsia. Os evangelhos os representam como críticos oponentes de Jesus, de seus ensinamentos e de sua missão. Os fariseus parecem sempre estar à espreita, em todos os lugares, esperando para surpreenderem Jesus e o desmascarar diante das multidões. Qual é a origem desse conflito? Por que os fariseus sentiam-se tão ameaçados por Jesus e por seu ministério e proclamação do reino de Deus?

De acordo com informações bíblicas e extra-bíblicas, é evidente que os fariseus pregavam uma prática religiosa bastante em desacordo com o evangelho da Nova Aliança. Mesmo não sendo os mestres e líderes oficiais de Israel, os fariseus eram populares e tinham grande influência sobre as massas. Eles estavam muito preocupados com a crise religiosa e cultural de seus dias: como alguém poderia viver como um judeu verdadeiramente fiel numa região ocupada e governada por pagãos (romanos)? A resposta dos fariseus: Israel deveria se separar completamente de toda e qualquer impureza dos gentios, uma vez que apenas dessa forma Deus resgataria seu povo das garras de Roma. Até seu próprio nome – “*perushim*”, em hebraico, quer dizer “os separados” – evidencia essa intenção geral.

A nível prático, a busca separatista dos fariseus pela santidade era expressa de diversas maneiras.

- 1. Os fariseus davam considerável atenção à pureza ritual.** Eles viam no Templo de Jerusalém e em seus sacerdotes um modelo de pureza cabível às casas dos fiéis leigos, considerando inclusive os elaborados padrões e requisitos de pureza feitos aos sacerdotes (Lv 21 – 22). Todos os israelitas deveriam manter, de acordo com os fariseus, esse alto nível de santidade sacerdotal em suas próprias vidas pessoais. Com relação a isso...

2. Os fariseus agarravam-se fortemente aos símbolos nacionais de Israel.

A circuncisão (Lv 12, 3), o dia do sábado (Ex 20, 8-11), as leis quanto às comidas (Lv 1) e quanto ao dízimo (Dt 14, 22-29) eram expressões da aliança única de Israel com Deus sobre as quais os fariseus colocavam grande ênfase. Uma observação escrupulosa dessas leis dava aos fariseus a oportunidade de afirmar orgulhosamente sua identidade em meio aos vizinhos gentios. Além das leis estipuladas pelo próprio Deus (do Gênesis ao Deuteronomio)...

3. Os fariseus desenvolveram todo um corpo de leis quanto à prática ritualística individual que deveria ser observado juntamente dos livros de Moisés. Essas leis se incorporaram na própria interpretação farisaica da Lei mosaica e funcionavam como suplementos da Lei. Nesse corpo de leis incluíam-se práticas como lavar as mãos e os utensílios antes de preparar ou comer algum alimento (Mc 7, 3-4).

Tudo isso coloca os conflitos entre Jesus e os fariseus sob uma luz totalmente diferente. Os fariseus ligavam-se ao destino de Israel de acordo com a Antiga Aliança, enquanto que Jesus estava inaugurando uma Nova (e internacional) Aliança através da Igreja. Os fariseus tentaram isolar Israel dos gentios, ao passo que Jesus estava se pondo a alcançar e incluir todas as nações na misericórdia de Deus. Os fariseus eram religiosos separatistas, enquanto a proclamação do reino de Deus feita por Jesus era pública e inclusiva.

Por essas razões é que Jesus faz duras críticas aos fariseus (Mt 23). A preocupação obstinada que tinham com a exatidão ritualística e a observação externa os distraía dos pontos principais da Lei divina: “a justiça, a misericórdia e a fidelidade” (Mt 23, 23). A preocupação desordenada dos fariseus com o nacionalismo judaico tornou-se o ídolo que bloqueou a passagem deles para dentro do reino de Deus.

Nos evangelhos, essa tensão latente se incendiou quando Jesus pôs à prova a concepção dos fariseus sobre o sábado (Mt 12, 1-14), sobre a pureza espiritual (Mc 7, 1-23), sobre os companheiros com quem se podia sentar para comer (Mt 9, 10-13), sobre o dízimo (Mt 23, 23) e sobre o divórcio (Mt 19, 1-9). Ele acusou muitos deles de hipocrisia (Lc 12, 1) e de uma confiança descabida na própria devoção (Lc 18, 9-14).

No fim, os conflitos de Jesus com os fariseus tinham muito pouco a ver com o desentendimento pontual sobre alguns trechos isolados da Torá; eram, sim, parte do plano salvífico de Deus para Israel e o mundo.

A chegada de Cristo e de sua Nova Aliança marcou o fim da separação de Israel dos gentios e o começo de uma família mundial de Deus.

3 O homem da mão seca – ¹Jesus entrou de novo na sinagoga, onde estava um homem com a mão seca. ²Havia aí algumas pessoas espiando, para verem se Jesus ia curá-lo em dia de sábado, e assim poderem acusá-lo. ³Jesus disse ao homem da mão seca: “Levante-se e fique no meio”. ⁴Depois perguntou aos outros: “O que é que a Lei permite no sábado: fazer o bem ou fazer o mal, salvar uma vida ou matá-la?”. Mas eles não disseram nada. ⁵Jesus então olhou ao seu redor, cheio de ira e tristeza, porque eles eram duros de coração. Depois disse ao homem: “Estenda a mão”. O homem estendeu a mão e ela ficou boa. ⁶Logo depois, os fariseus saíram da sinagoga e, junto com alguns do partido de Herodes, faziam um plano para matar Jesus.

3, 1-6: Mt 12, 9-14; Lc 6, 6-11. • 3, 2: Lc 11, 54. • 3, 6: Mc 12, 13.

COMENTÁRIOS



3, 4: “O que é que a Lei permite [...]?” – Jesus indica que fazer o *bem* por misericórdia ou necessidade não constitui uma violação ao sábado. Deve-se abster-se de trabalhos servis, não dos de misericórdia.

“**Ou matá-la?**”: uma alternativa alarmante. O trabalho no sábado deve ser para a preservação da vida, não para sua destruição.

- Jesus talvez esteja aludindo ao relato de Mac 2, 41, quando os judeus temporariamente suspenderam o descanso de sábado a fim de se prepararem militarmente para se defender de ataques. Isso foi necessário para salvar a vida de ataques militares no seu dia de descanso. Então, se Israel pôde colocar o sábado de lado a fim de preservar a vida, certamente Jesus também pode curar a mão daquele homem nesse mesmo dia (v. comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Lucas em Lc 6, 9).

3, 6: “**Fariseus [...] Herodes**” – Dois grupos da Palestina do Novo Testamento – um religioso, o outro político. Eles tinham visões e posições políticas opostas sobre a vida judaica, mas se uniram em sua oposição a Jesus (CIC 574; v. também o comentário em Mc 12, 13).

3, 7-12: Jesus adquire grande popularidade com as multidões. Ainda que elas o vissem como alguém que realizava poderosas curas e exorcismos, os demônios, por seu lado, reconheciam sua verdadeira identidade de Filho de Deus (3, 11). O apelo popular de Jesus aparece aqui em contraste com Mc 3, 6 e a irritação dos fariseus e soldados herodianos.



3, 14: “**constituiu o grupo dos Doze**” – Jesus passou a noite toda rezando antes de escolher os apóstolos (Lc 6, 12).

Uma multidão à beira do mar – ⁷Jesus se retirou para a beira do mar, junto com seus discípulos. Muita gente da Galiléia o seguia. ⁸E também muita gente da Judéia, de Jerusalém, da Iduméia, do outro lado do Jordão, dos territórios de Tiro e da Sidônia, foi até Jesus, porque tinha ouvido falar de tudo o que ele fazia. ⁹Então Jesus pediu aos discípulos que arrumassem uma barca, para ele não ficar espremido no meio da multidão. ¹⁰Com efeito, Jesus tinha curado muitas pessoas, e todos os que sofriam de algum mal se jogavam sobre ele para tocá-lo. ¹¹Vendo Jesus, os espíritos maus caíam a seus pés gritando: “Tu és o Filho de Deus!”. ¹²Mas Jesus ordenava severamente para não dizerem quem ele era.

3, 7-12: Mt 4, 24-25; 12, 15-16; Lc 6, 17-19. • 3, 8: Mt 11, 21. • 3, 10: Mc 5, 29. 34; 6, 56. • 3, 12: Mc 1, 45.

Jesus elege os Doze – ¹³Jesus subiu ao monte e chamou os que desejava escolher. E foram até ele. ¹⁴Então Jesus constituiu o grupo dos Doze, para que ficassem com ele e para enviá-los a pregar, ¹⁵com autoridade para expulsar os demônios. ¹⁶Constituiu assim os Doze: Simão, a quem deu o nome de

Pedro; ¹⁷Tiago e João, filhos de Zebedeu, aos quais deu o nome de Boanerges, que quer dizer “filhos do trovão”; ¹⁸André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão o cananeu, ¹⁹e Judas Iscariotes, aquele que depois o traiu.

3, 13: Mt 5, 1; Lc 6, 12. • 3, 14-15: Mt 10, 1. • 3, 16-19: Mt 12, 24-29; Lc 11, 15-22. • 3, 19: Mc 2, 1; 7, 17.

- O número de apóstolos é simbólico: assim como os 12 filhos de Jacó representavam a Israel da Antiga Aliança (Gn 49, 3-28), assim também Jesus reúne 12 patriarcas para a sua Nova Aliança com o seu povo na Igreja (Mt 19, 28; Ap 21, 12-14; CIC 551, 765).

“Para enviá-los a pregar”: o apóstolo é “aquele que é enviado” como mensageiro ou emissário (cf. Mt 10, 5; CIC 858 e também o *Quadro: Os doze apóstolos*).

3, 22: “Belzebu” – Um deus pagão adorado na cidade de Ecrom (v. Baal-Zebube, 2Rs 1, 2-16). O nome provavelmente significava “Príncipe Baal”. Os Doutores da Lei atribuíam esse título, com desdém, a Satanás.

“É pelo príncipe dos demônios”: era comum a crença de que os demônios mais fracos poderiam ser exorcizados por demônios mais fortes. Os Doutores da Lei erroneamente atribuem o poder de Jesus à magia de Satanás, o demônio mais poderoso de todos (Mt 9, 34; 10, 25; CIC 548).

3, 24-25: ao atribuir o poder de Jesus a Satanás, os escribas passam a contribuir eles mesmos com o *reino* do demônio. A *casa* de Satanás irá sucumbir não porque seus demônios se enfraquecerão em divisões internas, mas porque Cristo irá conquistá-lo (Hb 2, 14; 1Jo 3, 8; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em 12, 25-26).



3, 29: “a culpa desse pecado dura para sempre” – Os escribas blasfemam absolutamente ao atribuir a Satanás o que na verdade é obra do Espírito Santo (3, 22-30). Tal pecado não é imperdoável a princípio, já que nenhum pecado pode nos colocar para além da misericórdia de Deus. No entanto, a blasfêmia *contra o Espírito Santo* é uma forma de rebelião particularmente grave porque cega a pessoa para a própria necessidade de perdão; nesse caso, os pecados não são perdoáveis porque não são confessados com contrição (CIC 1864).

Jesus e Belzebu – ²⁰Jesus foi para casa, e de novo se reuniu tanta gente que eles não podiam comer nem sequer um pedaço de pão. ²¹Quando souberam disso, os parentes de Jesus foram segurá-lo, porque eles mesmos estavam dizendo que Jesus tinha ficado louco. ²²Alguns doutores da Lei, que tinham ido de Jerusalém, diziam: “Ele está possuído por Belzebu”; e também: “É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios”. ²³Então Jesus chamou as pessoas e falou com parábolas: “Como é que Satanás pode expulsar Satanás? ²⁴Se um reino se divide em grupos que lutam entre si, esse reino acabará se destruindo; ²⁵se uma família se divide em grupos que brigam entre si, essa família não poderá durar. ²⁶Portanto, se Satanás se levanta e se divide em grupos que lutam entre si, ele não poderá sobreviver, mas também será destruído. ²⁷Ninguém pode entrar na casa de um homem forte para roubar suas coisas, se antes não amarrar o homem forte. Só depois poderá roubar a sua casa.

²⁸Eu garanto a vocês: tudo será perdoado aos homens, tanto os pecados como as blasfêmias que tiverem dito. ²⁹Mas quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca será perdoado, pois a culpa desse pecado dura para sempre”. ³⁰Jesus falou isso porque estavam dizendo: “Ele está possuído por um espírito mau”.

3, 20: Mc 6, 31. • 3, 21: Mc 3, 31-35; Jo 10-20. • 3, 22-27: Mc 12, 24-29; Lc 11, 15-22. • 3, 22: Mt 9, 34; 10, 25. • 3, 27: Is 49, 24-25. • 3, 28-30: Mt 12, 31-32; Lc 12, 10.

Os verdadeiros parentes de Jesus – ³¹Nisso chegaram a mãe e os irmãos de Jesus; ficaram do lado de fora e mandaram chamá-lo. ³²Havia uma multidão sentada ao redor de Jesus. Então lhe disseram: “Olha, tua mãe e teus irmãos estão aí fora e te procuram”. ³³Jesus perguntou: “Quem é minha mãe e meus irmãos?”. ³⁴Então Jesus olhou para as pessoas que estavam sentadas ao seu redor e disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos. ³⁵Quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.

3, 31-35: Mt 12, 46-50 • Lc 8, 19-21.

- O pecado contra o Espírito Santo foi prefigurado no Antigo Testamento quando os israelitas construíram o bezerro de ouro (Ex 32, 1-6). Ao invés de adorar e agradecer Javé por sua libertação, eles honraram como seu redentor um ídolo de sua própria fabricação (Ex 32, 4).

3, 32: “seus irmãos” – Os primos de Jesus, ou seus parentes próximos (CIC 500; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 12, 46).

3, 35: “a vontade de Deus” – A obediência ao Pai é mais importante do que o parentesco biológico com Jesus. Os cristãos

batizados são filhos de Deus e irmãos e irmãs de Jesus pelo Espírito Santo (Jo 1, 12; Rm 8, 29; Hb 2, 10-11). A participação na família da Nova Aliança é mantida através de uma vida configurada à vontade de Deus (Mt 7, 21).

“Meu irmão, minha irmã e minha mãe”: Jesus amplia o escopo de sua família espiritual a fim de *incluir* os seus discípulos, e não para *excluir* sua mãe ou seus parentes biológicos (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 12, 50).



O altar do Cordeiro (Ghent Altarpiece), Jan van Eyck – c. 1430-32

QUADRO: OS DOZE APÓSTOLOS

Mateus 10, 2-4:	Marcos 3, 16-19:	Lucas 6, 14-16:	Atos 1, 13:
Simão Pedro	Simão Pedro	Simão Pedro	Pedro
André	Tiago	André	João
Tiago	João	Tiago	Tiago
João	André	João	André
Filipe	Filipe	Filipe	Filipe
Bartolomeu (1)	Bartolomeu	Bartolomeu	Tomé
Tomé	Mateus	Mateus	Bartolomeu
Mateus	Tomé	Tomé	Mateus
Tiago (filho de Alfeu)			
Tadeu (2)	Tadeu	Simão (o Zelota)	Simão (o Zelota)
Simão (o cananeu) (3)	Simão (o cananeu)	Judas (filho de Tiago)	Judas (filho de Tiago)
Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	

1. Bartolomeu é chamado de "Natanael" no evangelho de João (Jo 1, 45-49; 21, 2)
2. O apóstolo chamado "Tadeu" no evangelho de Mateus e de Marcos é o mesmo apóstolo chamado "Judas, filho de Tiago" no evangelho de Lucas e nos Atos dos Apóstolos. Alguns sugerem que o nome "Tadeu" era mais adequado em determinadas circunstâncias porque evitava a confusão com o Judas Iscariotes, que traiu Jesus.
3. O título de "cananeu" provavelmente deriva de um termo aramaico que significa "fanático" (ou zeloso, de onde viria o "Zelota", como aparece no evangelho de Lucas e nos Atos dos Apóstolos). O título era comumente atribuído aos judeus revolucionários que resistiam forçosamente à ocupação e dominação romanas sobre a Palestina, no primeiro século.

4 A parábola do semeador – ¹Jesus começou a ensinar de novo às margens do mar da Galiléia. Uma multidão se reuniu em volta dele. Por isso, Jesus entrou numa barca e sentou-se. A barca estava no mar, enquanto a multidão estava junto ao mar, na praia. ²Jesus ensinava-lhes muitas coisas com parábolas. No seu ensinamento, dizia para eles: ³"Escutem. Um homem saiu para semear. ⁴Quando semeava, uma parte caiu à beira do caminho; os passarinhos foram e comeram tudo. ⁵Outra parte caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra; brotou logo, porque a terra não era profunda. ⁶Porém, quando saiu o sol, os brotos se queimaram e secaram, porque não tinham raiz. ⁷Outra parte caiu no meio dos espinhos. Os espinhos cresceram, a sufocaram, e ela não deu fruto. ⁸Outra parte caiu em terra boa e deu fruto, brotando e crescendo: rendeu trinta, sessenta e até cem por um". ⁹E Jesus dizia: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!".

4, 1-9; Mt 13, 1-9; Lc 8, 4-8.

COMENTÁRIOS

4, 2: "com parábolas" – Um método de ensino com dois objetivos: 1. *esconder* a mensagem de Jesus dos infieis, a fim de que as histórias e cenas comuns relatadas não causassem impacto algum naqueles que reagiam às verdades de Jesus com violência e forte oposição; 2. *revelar* o mistério da missão de Jesus àqueles que acreditam e adotam sua mensagem. Em resumo, as parábolas nos revelam os mistérios divinos à medida mesma com

que se intensifica a nossa fé (Mc 4, 33; CIC 546; v. também o *Estudo da palavra: Parábola* no nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 13).



4, 3-8: A parábola do semeador. Jesus se coloca numa longa linhagem de profetas cuja mensagem foi recebida por alguns e rejeitada por muitos (Mt 23, 37; Hb 11, 32-38). Jesus é o *semeador* cuja mensagem

Explicação da parábola – ¹⁰Quando Jesus ficou sozinho, os que estavam com ele, junto com os Doze, perguntaram o que significavam as parábolas. ¹¹Jesus disse para eles: “Para vocês, foi dado o mistério do Reino de Deus; para os que estão fora tudo acontece em parábolas, ¹²para que olhem, mas não vejam; escutem, mas não compreendam; para que não se convertam e não sejam perdoados”. ¹³Jesus lhes perguntou: “Vocês não compreendem essa parábola? Como então vão compreender todas as outras parábolas?” ¹⁴O semeador semeia a Palavra. ¹⁵Os que estão à beira do caminho são aqueles nos quais a Palavra foi semeada; logo que a ouvem, chega Satanás e tira a Palavra que foi semeada neles. ¹⁶Do mesmo modo, os que recebem a semente em terreno pedregoso são aqueles que ouvem a Palavra e a recebem com alegria, ¹⁷mas eles não têm raiz em si mesmos: são inconstantes, e, quando chega uma tribulação ou perseguição por causa da Palavra, eles logo desistem. ¹⁸Outros recebem a semente entre os espinhos: são aqueles que ouvem a Palavra; ¹⁹mas surgem as preocupações do mundo, a ilusão da riqueza e todos os outros desejos, que sufocam a Palavra, e ela fica sem dar fruto. ²⁰Por fim, aqueles que receberam a semente em terreno bom são os que ouvem a Palavra, a recebem e dão fruto; um dá trinta, outro sessenta e outro cem por um”.

4, 10-12: Mt 13, 10-15; Lc 8, 9-10. • 4, 11: 1Cor 5, 12-13; Cl 4, 5; 1Ts 4, 12; 1Tm 3, 7. • 4, 12: Is 6, 9-10. • 4, 13-20: Mt 13, 18-23; Lc 8, 11-15.

suscita diversas respostas. A condição do *solo* em cada cenário é o que determina a reação de alguém diante de Jesus e de sua mensagem (v. CIC 29). Três respostas são improdutivas: aqueles que se assemelham ao *caminho* são os corrompidos por Satanás (Mc 4, 15); aqueles que se assemelham ao *terreno pedregoso* são os prejudicados por um comprometimento fraco e parcial com o evangelho (Mc 4, 17); aqueles com *espinhos* são os que estão muito envolvidos e distraídos com as preocupações do mundo (Mc 4, 19). A linguagem figurada de Jesus (*comeram, queimaram, sufocaram* – 4, 4. 6-7) demonstra as conseqüências da oposição ao evangelho. Por contraste, a *terra boa* é receptiva à palavra de Deus e rende uma colheita abundante (CIC 2707).

• As imagens da parábola de Jesus evocam Is 55, 10-13, quando Isaías descreve a palavra de Deus como uma força efetiva e poderosa. Ele não pode semear sua palavra divina sem, ao mesmo tempo, dar bênçãos e realizar plenamente a sua vontade.



4, 11: “Para vocês, foi dado” – Jesus explica suas parábolas apenas ao seu exclusivo círculo de discípulos. Ao instruí-los confidencialmente, Ele os está preparando para o futuro papel que terão como professores e servidores dos mistérios de Deus (Mc 16, 15. 20; 1Cor 4, 1).

• De acordo com o Concílio Vaticano II,¹ Jesus garante a transmissão de sua verdade a todas as gerações através do Espírito Santo, que guia a Igreja através do ensinamento e da

A lâmpada não fica escondida – ²¹Jesus continuou: “Quem é que traz uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma vasilha ou debaixo da cama? Não a coloca no candeeiro?” ²²Com efeito, tudo o que está escondido deverá tornar-se manifesto, e tudo o que está em segredo deverá ser descoberto. ²³Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça”. ²⁴E Jesus dizia ainda: “Prestem atenção no que vocês ouvem: com a mesma medida com que vocês medirem, também vocês serão medidos; e será dado ainda mais para vocês. ²⁵Para aquele que tem alguma coisa, será dado ainda mais; para aquele que não tem, será tirado até mesmo o que ele tem”.

4, 21: Mt 5, 15; Lc 8, 16; 11, 33. • 4, 22: Mt 10, 26; Lc 8, 17; 12, 2. • 4, 23: Mt 11, 15; Mc 4, 9. • 4, 24: Mt 7, 2; Lc 6, 38. • 4, 25: Mt 13, 12; 25, 29; Lc 8, 18; 19, 26.

Parábola sobre sementes – ²⁶E Jesus continuou dizendo: “O Reino de Deus é como um homem que espalha a semente na terra. ²⁷Depois ele dorme e acorda, noite e dia, e a semente vai brotando e crescendo, mas o homem não sabe como isso acontece. ²⁸A terra produz fruto por si mesma: primeiro aparecem as folhas, depois a espiga e, por fim, os grãos enchem a espiga. ²⁹Quando as espigas estão maduras, o homem corta com a foice, porque o tempo da colheita chegou”.

³⁰Jesus dizia ainda: “Com que coisa podemos comparar o Reino de Deus? Que parábola podemos usar? ³¹O Reino é como uma semente de mostarda, que é a menor de todas as sementes da terra.

³²Mas, quando é semeada, a mostarda cresce e torna-se maior que todas as plantas; ela dá ramos grandes, de modo que os pássaros do céu podem fazer ninhos em sua sombra”.

4, 26-29: Mt 13, 24-30. • 4, 30-32: Mt 13, 31-32; Lc 13, 18-19.

sucessão apostólica de seus bispos (Jo 14, 26; 16, 13; 2Tm 2, 2; CIC 888-890).



4, 12: “olhem, mas não vejam” –

Uma paráfrase de Is 6, 9-10.

- Isaías foi escolhido por Deus para mover uma ação judicial contra Jerusalém, no séc. VIII a. C. Era um tempo no qual a maldade e a justiça proliferavam em Israel, apesar das várias tentativas de correção da população feitas pelo próprio Javé (Is 5, 1-30). Como resultado de sua rebelião persistente, Israel se tornou cega e surda aos avisos dos profetas. A terrível missão de Isaías era a de pregar o julgamento de sua geração teimosa e desobediente, até que a destruição e o exílio atingissem a todos, a não ser por um pequeno grupo de fiéis remanescentes (Is 6, 13). Da mesma forma, Jesus se dirige a uma geração pervertida e prega uma mensagem que alcança apenas os fiéis remanescentes de Israel, deixando todo o resto endurecido e insensível (Jo 12, 37-43; At 28, 23-28).

4, 14-20: Jesus explica suas parábolas aos seus discípulos apenas quando eles estão “sozinhos” (Mc 4, 10). A multidão que “está fora” não tem o privilégio de ouvir sua interpretação (Mc 4, 11).

4, 21-22: Uma parábola sobre o motivo e a função do ensinamento de Jesus. Ainda que o mistério do reino esteja temporariamente

escondido, em *segredo*, nas parábolas, seu verdadeiro significado eventualmente será *manifestado e virá à luz* (Lc 12, 2).



4, 26-29: Uma parábola de agricultura que se encontra somente no evangelho de Marcos. Jesus compara o mistério do crescimento natural e orgânico à expansão do *Reino de Deus*. O reino irá maturar visivelmente, como a semente, porém as forças espirituais por trás dele permanecerão invisíveis. A parábola do fermento, no evangelho de Mateus (Mt 13, 33), esclarece o mesmo mistério.

- *Moralmente*,² a semente madura representa a nossa maturação na virtude. Primeiro, as sementes da boa intenção são semeadas; depois, elas eventualmente atrairão a lâmina do arrependimento e, por último, virão os frutos do trabalho de caridade. Portanto, estabilizados na virtude, tornamo-nos maduros para a colheita de Deus.

4, 29: “colheita” – O dia da manifestação e julgamento de Deus (Jr 51, 33; Jl 3, 13; Mt 13, 39; Ap 14, 15).



4, 30-32: A parábola da semente de mostarda. Ela se baseia na diferença entre a *menor* semente e o *maior* arbusto e demonstra o modo como o *reino* de Cristo começa com um pequeno grupo de discípulos

² São Gregório Magno, *Hom. em Ezequiel*, 2, 3.

O uso das parábolas – ³³Jesus anunciava a Palavra usando muitas outras parábolas como essa, conforme eles podiam compreender. ³⁴Para a multidão Jesus só falava com parábolas, mas, quando estava sozinho com os discípulos, ele explicava tudo.

4, 34: Mt 13, 34; Jo 16, 25.

Jesus acalma uma tempestade no mar – ³⁵Nesse dia, quando chegou a tarde, Jesus disse a seus discípulos: “Vamos para o outro lado do mar”. ³⁶Então os discípulos deixaram a multidão e o levaram na barca, onde Jesus já se encontrava. E outras barcas estavam com ele. ³⁷Começou a soprar um vento muito forte, e as ondas se lançavam dentro da barca, de modo que a barca já estava se enchendo de água. ³⁸Jesus estava na parte de trás da barca, dormindo com a cabeça num travesseiro. Os discípulos o acordaram e disseram: “Mestre, não te importa que nós morramos?”. ³⁹Então Jesus se levantou e ameaçou o vento e disse ao mar: “Cale-se! Acalme-se!” O vento parou e tudo ficou calmo. ⁴⁰Depois Jesus perguntou aos discípulos: “Por que vocês são tão medrosos? Vocês ainda não têm fé?”. ⁴¹Os discípulos ficaram muito cheios de medo e diziam uns aos outros: “Quem é esse homem, a quem até o vento e o mar obedecem?”.

4, 34: Mt 13, 34; Jo 16, 25. • 4, 35-41: Mt 8, 18; 23-27; Lc 8, 22-25.

e cresce gradualmente até tornar-se uma Igreja mundial.

- As imagens que Jesus usa para explicar essa parábola são tiradas das profecias do Antigo Testamento que descreviam a dominação de antigos impérios. Babilônia (Dn 4, 10-12), Egito (Ez 31, 1-6) e Israel (Ez 17, 22-24) eram todos representados como reinos que haviam crescido e se tornado como grandiosas árvores (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 13, 32).



4, 35-41: Jesus manifesta sua divindade através do exercício de sua autoridade sobre a natureza.

- De acordo com o Antigo Testamento, *somente*

Deus tem o poder de subjugar os mares revoltos (Sl 89, 9; 93, 4; 107, 28-29). Esse pressuposto bíblico é o que chama a atenção dos discípulos e suscita sua interrogação: “*Quem é esse homem [...]*?” (Mc 4, 41).

- Moralmente, esse episódio no mar sintetiza o drama da vida cristã. Todos os filhos de Deus embarcam com Cristo numa vida repleta de tempestades perigosas – especialmente ataques de espíritos malignos e tentações da carne. Devemos aprender a confiar em Cristo diariamente, já que Ele, sozinho, é capaz de conter essas forças e nos trazer seguros ao porto da salvação (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 8, 23-27).

5 Jesus cura os gerasenos possuídos – ¹Jesus e seus discípulos chegaram à outra margem do mar, na região dos gerasenos. ²Logo que Jesus saiu da barca, um homem possuído por um espírito mau saiu de um cemitério e foi ao seu encontro. ³Esse homem morava no meio dos túmulos e ninguém conseguia amarrá-lo, nem mesmo com correntes. ⁴Muitas vezes tinha sido amarrado com algemas e correntes, mas ele arrebatava as correntes e quebrava as algemas. E ninguém era capaz de dominá-lo. ⁵Dia e noite ele vagava entre os túmulos e pelos montes, gritando e ferindo-se com pedras. ⁶Vendo Jesus de longe, o endemoninhado correu, caiu de joelhos diante dele ⁷e gritou bem alto: “Que há entre mim e ti, Jesus, Filho do Deus altíssimo? Eu te peço por Deus, não me atormentes!”. ⁸O homem falou assim, porque Jesus tinha dito: “Espírito mau, saia desse homem!”. ⁹Então Jesus perguntou: “Qual é o seu nome?”. O homem respondeu: “Meu nome é ‘Legião’, porque somos muitos”. ¹⁰Ele pedia com insistência para que Jesus não o expulsasse da região. ¹¹Havia aí perto uma grande manada de porcos, pastando na montanha. ¹²Os espíritos maus suplicaram: “Manda-nos para os porcos, para que entremos neles”. ¹³Jesus deixou. Os espíritos maus saíram do homem e entraram nos porcos. E a

manada – mais ou menos uns dois mil porcos – atirou-se monte abaixo para dentro do mar, onde se afogou.

¹⁴Os homens que guardavam os porcos saíram correndo e espalharam a notícia na cidade e nos campos. E as pessoas foram ver o que tinha acontecido. ¹⁵Foram até Jesus, viram o endemoninhado sentado, vestido e no seu perfeito juízo, ele que antes estava possuído pela Legião. E ficaram com medo. ¹⁶Os que tinham presenciado o fato explicaram para as pessoas o que tinha acontecido com o endemoninhado e com os porcos. ¹⁷Então começaram a suplicar que Jesus fosse embora da região deles. ¹⁸Enquanto Jesus entrava de novo na barca, o homem que tinha sido endemoninhado pediu-lhe que o deixasse ficar com ele. ¹⁹Jesus, porém, não deixou. E, em troca, lhe disse: “Vá para casa, para junto dos seus, e anuncie para eles tudo o que o Senhor, em sua misericórdia, fez por você”. ²⁰Então o homem foi embora e começou a pregar pela Decápole tudo o que Jesus tinha feito por ele. E todos ficavam admirados.

5, 1-20: Mt 8, 28-34; Lc 8, 26-39. • 5, 7: At 16, 17; Hb 7, 1; Mc 1, 24. • 5, 20: Mc 7, 31.

COMENTÁRIOS

5, 1: “gerasenos” – Gerasa era uma das cidades da “Decápole” (Mc 5, 20), uma confederação de 10 cidades da Palestina à época do Novo Testamento. A população era predominantemente de gentios, a maioria deles localizava-se ao leste do Rio Jordão. A presença de *porcos* no versículo 11 deste capítulo reforça o contexto gentio da passagem, uma vez que os judeus jamais teriam rebanhos de animais que o próprio Deus havia declarado como impuros (Lv 11, 7-8).



5, 9: “Legião” – Termo que designava um regimento armado de aproximadamente 6 mil soldados romanos. Isso

indica a quantidade esmagadora de demônios possuindo aquele homem e enfatiza a intensidade do combate espiritual entre Jesus e as forças do mal. No evangelho de Mateus está dito que, neste caso, foram duas pessoas que se aproximaram de Jesus sofrendo de possessão demoníaca (Mt 8, 28).

- *Alegoricamente*,³ os possuídos representam as nações de gentios salvas por Cristo. Como pagãos, eles viviam separados de Deus, por entre os túmulos de suas obras mortas, enquanto seus pecados eram cometidos a serviço dos demônios. Através de Cristo, os pagãos foram finalmente purificados e libertados da dominação de Satanás.

Uma garota volta à vida e uma mulher é curada – ²¹Jesus atravessou de barca novamente para o outro lado do mar. Uma numerosa multidão se reuniu junto dele, e Jesus ficou na praia. ²²Aproximou-se um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo. Quando viu Jesus, caiu a seus pés, ²³e pediu com insistência: “Minha filhinha está morrendo. Vem e põe as mãos sobre ela, para que sare e viva”. ²⁴Jesus acompanhou Jairo. E numerosa multidão o seguia e o apertava de todos os lados.

²⁵Aí chegou uma mulher que sofria de hemorragia já há doze anos; ²⁶tinha padecido na mão de muitos médicos, gastou tudo o que tinha e, em vez de melhorar, piorava sempre mais. ²⁷A mulher tinha ouvido falar de Jesus. Então ela foi no meio da multidão, aproximou-se de Jesus por trás e tocou na roupa dele, ²⁸porque pensava: “Ainda que eu toque só na roupa dele, ficarei curada”. ²⁹A hemorragia parou imediatamente. E a mulher sentiu no corpo que estava curada da doença. ³⁰Jesus percebeu imediatamente que uma força tinha saído dele. Então virou-se no meio da multidão e perguntou: “Quem foi que tocou na minha roupa?”. ³¹Os discípulos disseram: “Estás vendo a multidão que te aperta e ainda perguntas: ‘quem me tocou?’”. ³²Mas Jesus ficou olhando em volta para ver quem tinha feito aquilo. ³³A mulher, cheia de medo e tremendo, percebeu o que lhe havia acontecido. Então foi,

caiu aos pés de Jesus e contou toda a verdade. ³⁴Jesus disse à mulher: “Minha filha, sua fé curou você. Vá em paz e fique curada dessa doença”.

³⁵Jesus ainda estava falando, quando chegaram algumas pessoas da casa do chefe da sinagoga e disseram a Jairo: “Sua filha morreu. Por que você ainda incomoda o Mestre?”. ³⁶Jesus ouviu a notícia e disse ao chefe da sinagoga: “Não tenha medo; apenas tenha fé!”. ³⁷E Jesus não deixou que ninguém o acompanhasse, a não ser Pedro, Tiago e seu irmão João. ³⁸Quando chegaram à casa do chefe da sinagoga, Jesus viu a confusão e ouviu as pessoas chorando e gritando. ³⁹Jesus entrou e disse: “Por que essa confusão e esse choro? A criança não morreu. Ela está apenas dormindo”. ⁴⁰As pessoas começaram a zombar dele. Mas Jesus mandou que todos saíssem, menos o pai e a mãe da menina, e os três discípulos que o acompanhavam. Depois entraram no quarto onde a menina estava. ⁴¹Jesus pegou a menina pela mão e disse: “Talita cúmi”, que quer dizer: “Menina, eu lhe digo, levante-se!”. ⁴²A menina levantou-se imediatamente e começou a andar, pois já tinha doze anos. E todos ficaram muito admirados. ⁴³Jesus recomendou com insistência que ninguém ficasse sabendo disso. E mandou dar comida para a menina.

5, 21-43: Mt 9, 18-26; Lc 8, 40-56. • 5, 22: Lc 13, 14; At 13, 15; 18, 8. 17. • 5, 23: Mc 6, 5; 7, 32; 8, 23; At 9, 17; 28, 8. 5, 30: Lc 5, 17. • 5, 34: Lc 7, 50; Mc 10, 52. • 5, 37: Mc 9, 2; 13, 3. • 5, 41: Lc 7, 14; At 9, 40. • 5, 43: Mc 1, 43-44; 7, 36.



5, 13: “para dentro do mar” – O simbolismo bíblico associado ao mar é rico e vasto.

- De acordo com certa tradição, os inimigos de Deus surgiam dos mares em forma de bestas que massacravam o povo de Deus (Dn 7, 1-3; Ap 13, 1). Aqui Jesus inverte a direção do mal, enviando os porcos possuídos pelos demônios de volta ao mar. Como o exército do Faraó no Antigo Testamento, os adversários de Deus se *afogam* nas águas (Ex 14, 26-28; 15, 1).

5, 19: “o que o Senhor [...] fez por você” – Mais um apontamento da divindade de Jesus (cf. Mc 2, 28; 11, 3; 12, 37). O mesmo trecho está relatado no evangelho de Lucas com a palavra “Deus” ao invés de “Senhor” (cf. Lc 8, 39).

5, 21-43: Duas histórias miraculosas que se relacionam temática e cronologicamente. Ambas destacam o poder de Jesus sobre os males físicos (Mc 5, 29. 42) e sua resposta favorável àqueles que têm fé (Mc 5, 23. 34. 36; CIC 548, 2616). Os relatos também se ligam pela repetição da quantidade de *doze anos*, que é a duração da doença da mulher (Mc 5, 25) e a idade da menina (5, 42).

5, 23: “põe as mãos sobre ela” – por muitas vezes, nos evangelhos, Jesus responde às súplicas persistentes de pais cujos filhos estão sofrendo ou em perigo (Mc 7, 25-30; 9, 17-27; Mt 17, 14-18; Jo 4, 46-54). Sua misericórdia toca esses pais angustiados, todas as vezes em que eles se voltam para Jesus, com fé. O Cristo também demonstra uma grande e intensa afeição pelas crianças (Mc 10, 13-16; Mt 18, 5-6).

5, 25: “hemorragia” – tal condição tornava legalmente impura a mulher e toda e qualquer coisa que ela tocasse (Lv 15, 25-30). Isso a excluía da participação completa na vida religiosa de Israel. Para espanto da multidão, Jesus a purifica da impureza justamente através do contato físico, e não sem ele (v. o comentário sobre Mc 1, 40).

5, 37: “Pedro, Tiago e seu irmão João” – três dos discípulos mais próximos de Jesus, que também estavam presentes com Ele na hora da Transfiguração (Mc 9, 2) e no jardim do Getsêmani (Mc 14, 33). Eles são também os únicos apóstolos que Jesus renomeou: Simão se tornou “Pedro”, que significa “pedra”,

enquanto que Tiago e João foram chamados de “Boanerges”, que significa “filhos do trovão” (Mc 3, 16-17).



5, 39: “não morreu [...] está apenas dormindo” – os autores bíblicos frequentemente falam em “dormir” como um eufemismo para a morte biológica (Mt 27, 52; Jo 11, 11; 1Cor 15, 6). Jesus utiliza esse termo para enfatizar que a condição da menina era apenas temporária e reversível.

- *Moralmente*,⁴ a garota representa os jovens cristãos cujo coração permanece amortecido

pelo mundo. É necessário que Cristo os faça superar os pensamentos impuros a fim de reavivá-los e fortalecê-los, para que então percorram o caminho das boas ações. A nutrição espiritual para essa nova vida é dada através da Eucaristia.

5, 41: “*Talita cúmi*” – Uma das muitas expressões aramaicas preservadas no evangelho de Marcos (Mc 7, 11. 34; 14, 26; 15, 22. 34). Ele regularmente traduz essas expressões para os seus leitores não-judeus em Roma.

A rejeição de Jesus em Nazaré – ¹Jesus foi para Nazaré, sua terra, e seus discípulos o acompanharam. ²Quando chegou o sábado, Jesus começou a ensinar na sinagoga. Muitos que o escutavam ficavam admirados e diziam: “De onde vem tudo isso? Onde foi que arranjou tanta sabedoria? E esses milagres que são realizados pelas mãos dele? ³Esse homem não é o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, de Joset, de Judas e de Simão? E suas irmãs não moram aqui conosco?”. E ficaram escandalizados por causa de Jesus. ⁴Então Jesus dizia para eles que um profeta só não é estimado em sua própria pátria, entre seus parentes e em sua família. ⁵E Jesus não pôde fazer milagres em Nazaré. Apenas curou alguns doentes, pondo as mãos sobre eles. ⁶E Jesus ficou admirado com a falta de fé deles. Jesus começou a percorrer as redondezas, ensinando nos povoados.

6, 1-6: Mt 13, 53-58; Lc 4, 16-30. • 6, 2: Mc 1, 21; Mt 7, 28. • 6, 3: Mt 11, 6. • 6, 5: Mc 5, 32; 7, 32; 8, 23. • 6, 6: Mt 9, 35.

COMENTÁRIOS

6, 1: “sua terra” – Nazaré, a vila da Galiléia onde Jesus cresceu (Mt 2, 23). Esse episódio, que é subsequente a um outro incidente relatado em Lc 4, 16-30, marca a segunda rejeição de Jesus por parte de seus parentes e conterrâneos.

6, 3: “irmão [...] irmãs” – os primos de Jesus, ou seus parentes mais distantes (CIC

500). Não são parentes da mesma mãe biológica, a Virgem Imaculada (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 12, 46).

6, 4: “só não é estimado” – Jesus faz uma adaptação de um provérbio comum para explicar a sua rejeição: assim como os profetas do Antigo Testamento, anteriores a Ele, Jesus

A missão dos Doze – ⁷Chamou os doze discípulos, começou a enviá-los dois a dois e dava-lhes poder sobre os espíritos maus. ⁸Jesus recomendou que não levassem nada pelo caminho, além de um bastão; nem pão, nem sacola, nem dinheiro na cintura. ⁹Mandou que andassem de sandálias e que não levassem duas túnicas. ¹⁰E Jesus disse ainda: “Quando vocês entrarem numa casa, fiquem aí até partirem. ¹¹Se vocês forem mal recebidos num lugar e o povo não escutar vocês, quando saírem sacudam a poeira dos pés como protesto contra eles”. ¹²Então os discípulos partiram e pregaram para que as pessoas se convertessem. ¹³Expulsavam muitos demônios e curavam muitos doentes, unguindo-os com óleo.

6, 7-11: Mc 10, 1. 5. 7-11; Lc 9, 1-5. • 6, 7: Lc 10, 1. • 6, 11: Mt 10, 14. • 6, 12-13: Mt 11, 1; Lc 9, 6. • 6, 13: Tg 5, 14.

4 São Beda, *In Marcum*.

A morte de João Batista – ¹⁴O rei Herodes ouviu falar de Jesus, cujo nome tinha-se tornado famoso. Alguns diziam: “João Batista ressuscitou dos mortos. É por isso que os poderes agem nesse homem”. ¹⁵Outros diziam: “É Elias”. Outros diziam ainda: “É um profeta como os profetas antigos”. ¹⁶Ouvindo essas coisas, Herodes disse: “Ele é João Batista. Eu mandei cortar a cabeça dele, mas ele ressuscitou!”. ¹⁷De fato, Herodes tinha mandado prender João, amarrá-lo e colocá-lo na prisão. Fez isso por causa de Herodíades, com quem tinha casado, apesar de ser ela a mulher do seu irmão Filipe. ¹⁸João dizia a Herodes: “Não é permitido você se casar com a mulher do seu irmão”. ¹⁹Por isso, Herodíades ficou com raiva de João e queria matá-lo, mas não podia. ²⁰Com efeito, Herodes tinha medo de João, pois sabia que ele era justo e santo, e por isso o protegia. Gostava de ouvi-lo, embora ficasse embaraçado quando o escutava. ²¹Finalmente chegou o dia oportuno. Era o aniversário de Herodes. E ele fez um banquete para os grandes da corte, os oficiais e os cidadãos importantes da Galiléia. ²²A filha de Herodíades entrou e dançou, agradando a Herodes e seus convidados. Então o rei disse à moça: “Peça o que quiser e eu darei a você”. ²³E jurou: “Juro que darei qualquer coisa que você me pedir, mesmo que seja a metade do meu reino”. ²⁴A moça saiu e perguntou à mãe: “O que vou pedir?”. A mãe respondeu: “A cabeça de João Batista”. ²⁵A moça correu para a sala e pediu ao rei: “Quero que me dê agora, num prato, a cabeça de João Batista”. ²⁶O rei ficou muito triste. Mas não pôde recusar, pois tinha feito o juramento na frente dos convidados. ²⁷Imediatamente o rei mandou que um soldado fosse buscar a cabeça de João. O soldado saiu, foi à prisão e cortou a cabeça de João. ²⁸Depois levou a cabeça num prato, deu à moça, e esta a entregou à sua mãe. ²⁹Ao saber disso, os discípulos de João foram, levaram o cadáver e o sepultaram.

6, 14-16: Mt 14, 1-2; Lc 9, 7-9; 9, 19; Mt 21, 11. • 6, 17-18: Mt 14, 3-4; Lc 3, 19-20. • 6, 19-29: Mt 14, 5-12. • 6, 20: Mt 21, 26. • 6, 23: Mt 5, 3, 6.

é perseguido e rejeitado por pregar a palavra de Deus (Mt 5, 11-12; Hb 11, 32-38). Jesus é freqüentemente chamado de profeta ao longo dos evangelhos (Mt 21, 11; Lc 7, 16; 13, 33; 24, 19; Jo 4, 19).



6, 7-13: Jesus despacha os Doze Apóstolos como emissários, *dois a dois*, às cidades próximas da Galiléia (Mt 10, 5-6). A sua *autoridade* é que os dá o poder de exorcizar, curar e pregar (Mt 10, 1). Essa missão é um treino, um exercício para que eles se preparassem para liderar a Igreja quando chamados a abraçar a pobreza evangélica (6, 8-9) e a confiar em Deus até para as necessidades diárias (6, 11).

- *Moralmente*, o envio dos apóstolos *dois a dois* significa que os dois preceitos da caridade são indispensáveis para o exercício cristão de evangelizar: quem quer que seja encarregado dessa missão deve sempre ser um exemplo de amor a Deus e ao próximo.

6, 11: “sacudam a poeira” – um ato simbólico de julgamento daqueles que rejeitam as pregações dos apóstolos (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 10, 14).



6, 13: “ungindo-os com óleo” – um símbolo para a cura e um medicamento comum ao mundo antigo (Is 1, 6; Lc 10, 34).

- De acordo com o Concílio de Trento, o sacramento da unção dos enfermos está “sugerido” nesse trecho.¹ Se este episódio de fato marca ou não a instituição desse sacramento, o fato é que está claro que esse ministério dos discípulos antecipa a sua futura administração da vida da Igreja (Tg 5, 14-15; CIC 1511-1516).

6, 14-29: Um *flashback* narrativo de eventos passados. Marcos reconta esse episódio a

¹ Sess. 14, cap. 1.

Alimentando os cinco mil – ³⁰Os apóstolos se reuniram com Jesus e contaram tudo o que haviam feito e ensinado. ³¹Havia aí tanta gente que chegava e saía, a tal ponto que Jesus e os discípulos não tinham tempo nem para comer. Então Jesus disse para eles: “Vamos sozinhos para algum lugar deserto, para que vocês descansem um pouco”. ³²Então foram sozinhos, de barca, para um lugar deserto e afastado. ³³Muitas pessoas, porém, os viram partir. Sabendo que eram eles, saíram de todas as cidades, correram na frente, a pé, e chegaram lá antes deles. ³⁴Quando saiu da barca, Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão, porque eles estavam como ovelhas sem pastor. Então começou a ensinar muitas coisas para eles. ³⁵Quando estava ficando tarde, os discípulos chegaram perto de Jesus e disseram: “Este lugar é deserto e já é tarde. ³⁶Despede o povo, para que possa ir aos campos e povoados vizinhos comprar alguma coisa para comer”. ³⁷Mas Jesus respondeu: “Vocês é que têm de lhes dar de comer”. Os discípulos perguntaram: “Devemos gastar meio ano de salário e comprar pão para dar-lhes de comer?”. ³⁸Jesus perguntou: “Quantos pães vocês têm? Vão ver”. Eles foram e responderam: “Cinco pães e dois peixes”. ³⁹Então Jesus mandou que todos se sentassem na grama verde, formando grupos. ⁴⁰E todos se sentaram, formando grupos de cem e de cinqüenta pessoas. ⁴¹Depois Jesus pegou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos para o céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e ia dando aos discípulos, para que os distribuíssem. Dividiu entre todos também os dois peixes. ⁴²Todos comeram, ficaram satisfeitos, ⁴³e recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e também dos peixes. ⁴⁴O número dos que comeram os pães era de cinco mil homens.

6, 30-31: Lc 9, 10; Mc 3, 20. • **6, 32-44:** Mt 14, 13-21; Lc 9, 11-17; Jo 6, 5-13; Mc 8, 1-10; Mt 15, 32-39.
6, 34: Mt 9, 36. • **6, 37:** 2Rs 4, 42-44. • **6, 41:** Mc 14, 22; Lc 24, 30-31.

fim de acabar com os rumores que diziam que João Batista e Jesus eram, na verdade, a mesma pessoa (Mc 6, 16; 8, 28). A morte de João Batista prefigura tanto a morte de Jesus (Mc 9, 12; 10, 32-34) quanto o martírio daqueles primeiros fiéis da Igreja (Ap 20, 4; CIC 523).

6, 14: “O rei Herodes” – ou seja, Herodes Antipas. Depois da morte de Herodes, o Grande (cerca de 1 a. C.), o imperador romano dividiu o reinado da Palestina entre três dos filhos de Herodes. Herodes Antipas foi o que recebeu o título de “tetrarca” (Mt 14, 1) e governou as regiões da Galiléia e da Peréia até 39 d. C. Arquelau e Filipe, seus irmãos, dividiram entre si o restante dos territórios de seu falecido pai. Uma vez que “tetrarca” não é, estritamente, um título real, o uso da palavra “rei” aqui provavelmente reflete o seu uso corrente e popular e, portanto, não deve ser compreendido literalmente (Mt 14, 9).

6, 18: “a mulher do seu irmão” – João Batista foi preso e executado por expor e repudiar publicamente a união de Herodes Antipas e Herodíades, a mulher de seu meio-irmão

Filipe. De acordo com Lv 18, 16 e 20, 21, a Lei Mosaica proíbe a união de um homem com a mulher de seu irmão enquanto o irmão ainda estiver vivo. Já que Filipe estava vivo e até saudável, o casamento entre Antipas e Herodíades não era casamento coisa alguma, mas sim adultério (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 14, 4).



6, 23: “qualquer coisa que você me pedir” – esse juramento de Herodes relembra um banquete similar em Et 5 – 7.

- A rainha Ester estava dando uma festa para o rei Assuero quando ele prometeu dar a ela qualquer coisa que ela pedisse, nem que fosse metade de seu reino (Et 7, 1-2). Ester pediu, então, que o rei poupasse a vida dos judeus por todo o reino da Pérsia (Et 7, 3-4). Essa cena do Antigo Testamento é o espelho oposto da narrativa de Marcos: ao contrário da justa Ester, a perversa Herodíades aproveitava a oportunidade para demandar a execução de um judeu honesto.

Jesus anda sobre o mar – ⁴⁵Logo em seguida Jesus obrigou os discípulos a entrar na barca e ir na frente para Betsaida, enquanto ele despedia a multidão. ⁴⁶Logo depois de se despedir da multidão subiu ao monte para rezar. ⁴⁷Ao anoitecer, a barca estava no meio do mar e Jesus sozinho em terra. ⁴⁸Viu que os discípulos estavam cansados de remar, porque o vento era contrário. Então, entre as três e as seis horas da madrugada, Jesus foi até os discípulos andando sobre o mar, e queria passar na frente deles. ⁴⁹Quando os discípulos o avistaram andando sobre o mar, pensaram que era um fantasma e começaram a gritar. ⁵⁰Com efeito, todos o tinham visto e ficaram assustados. Mas Jesus logo falou: “Coragem! Sou eu, não tenham medo!”. ⁵¹Então subiu com eles na barca. E o vento parou. Mas os discípulos ficaram ainda mais espantados, ⁵²porque não tinham compreendido o acontecimento dos pães. O coração deles estava endurecido.

6, 45-52: Mt 14, 22-33; Jo 6, 15-21. • 6, 48: Mc 13, 35. • 6, 50: Mt 9, 2. • 6, 52: Mc 8, 17.

6, 24: “A cabeça de João Batista” – considerando o rancor de Herodíades em relação a João (Mc 6, 19), sua resposta pronta e imediata sugere que a morte do profeta já havia sido premeditada. O juramento negligente de Herodes Antipas ofereceu apenas o momento oportuno para que Herodíades implementasse seu plano (Mc 6, 26).

6, 26: “muito triste” – o remorso de Herodes é ofuscado por sua injustiça. Sua reputação perante a prestigiosa companhia dos altos oficiais (Mc 6, 21) lhe era mais importante que um justo julgamento – e, por consequência, mais importante que a vida de João Batista.



6, 34: “ovelhas sem pastor” – uma analogia típica do Antigo Testamento.

- Ela geralmente representa a necessidade de Israel por um guiamento espiritual (Nm 27, 17; 1Rs 22, 17; Jz 11, 19; Jr 23, 1-3; Zc 10, 2). Em última instância, o próprio Deus prometeu Ele mesmo cumprir a função de pastor de suas ovelhas através do Messias (Ez 34, 23; Jo 10, 11-16).

6, 35-44: O milagre dos pães está relacionado tanto a eventos passados a ele quanto a futuros: 1. ele recorda os alimentos miraculosos do Antigo Testamento, como o maná dos céus concedido por Deus para Israel, enquanto estava no deserto (Ex 16), e os múltiplos pães e cestas de sobras de alimento providos por Eliseu (2Rs 4, 42-44); 2. o milagre também antecipa a instituição da Eucaristia, quando a mesma sequência de verbos que aparecem na narrativa da Última Ceia é encontrada também (*pegou, deu graças, partiu e deu*) (Mc 14, 22; CIC 1335).

6, 37: “meio ano de salário” – ou seja, duzentos denários. Um denário era o valor equivalente a um dia de trabalho. Para comprar comida para toda aquela multidão, seria preciso gastar um tanto de denários equivalente a meio ano de trabalho.



6, 41: “ia dando aos discípulos” – Jesus não dá o alimento multiplicado

Jesus cura os doentes em Genesaré – ⁵³Acabando de atravessar, chegaram à terra, em Genesaré, e amarraram a barca. ⁵⁴Logo que desceram da barca, as pessoas imediatamente reconheceram Jesus. ⁵⁵Am de toda a região, levando os doentes deitados em suas camas para o lugar onde ouviam falar que Jesus estava. ⁵⁶E onde ele chegava, tanto nos povoados como nas cidades ou nos campos, colocavam os doentes nas praças e pediam que pudessem ao menos tocar a barra da roupa de Jesus. E todos os que tocaram ficaram curados.

6, 53-56: Mt 14, 34-36. • 6, 56: Mc 3, 10; Mt 9, 20.

diretamente à multidão, mas sim o distribuiu entre todos pelas mãos dos discípulos.

- Essa mediação é sombra do seu futuro papel como sacerdotes da Nova Aliança, quando eles passam a distribuir ao povo de Deus o pão celestial que Jesus nos dá na Eucaristia (CIC 1564).

6, 45: “Betsaida” – localizava-se no litoral norte do Mar da Galiléia. É a cidade natal de Pedro, André e Filipe (Jo 1, 44; 12, 21).

6, 48: “entre as três e as seis horas da madrugada” – ou seja, a “quarta guarda”, ou “quarta vigia”. As horas da noite – entre as seis da tarde e as seis da manhã – eram divididas em quatro “guardas” ou “vigias” (Mc 13, 35).



6, 50: “Sou eu” – o que também pode-se traduzir por “Eu sou”.

- Jesus toma para si o nome divino “Eu sou”, que Deus revela a Moisés na sarça ardente (Ex 3, 14). Essa alegação de divindade é corroborada pelo fato de que Jesus é capaz de fazer aquilo que só Deus pode fazer: ele caminha sobre as águas (Jó 9, 8).
- Misticamente, Jesus caminha sobre as águas para revelar o mistério de sua impecabilidade. É porque Ele é completamente livre do peso do pecado que Ele pode andar a passos largos e seguros através do mar sem se afogar.

6, 53: “Genesaré” – uma vila localizada à costa oeste do Mar da Galiléia.

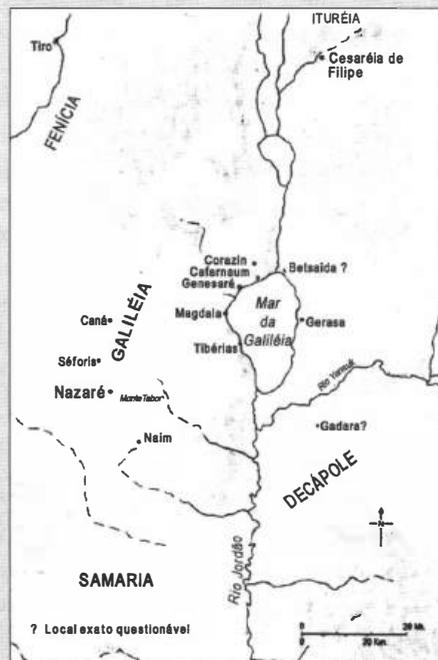


6, 56: “a barra da roupa” – Moisés instruiu os israelitas para que usassem borlas em suas vestimentas como forma visível de

lembrança de que eles deveriam guardar os mandamentos de Deus (Nm 15, 38- 40).

- Jesus freqüentemente se utiliza de coisas palpáveis (como a *saliva*, em Mc 8, 23, a *argila*, em Jo 9, 6, as *roupas*, em Mc 5, 28-29 e a *água*, em Jo 9, 7) como canais pelos quais ele transmite seu poder curativo. Assim Ele prepara o caminho para os sete sacramentos da Nova Aliança, que curam o corpo e a alma através de visíveis instrumentos de graça (CIC 1504).

MAPA: OS LOCAIS DO MINISTÉRIO DE JESUS NA GALILÉIA



7 A tradição que receberam dos antigos – ¹Os fariseus e alguns doutores da Lei foram de Jerusalém e se reuniram em volta de Jesus. ²Eles viram então que alguns discípulos comiam pão com mãos impuras, isto é, sem lavar as mãos. ³Os fariseus, assim como todos os judeus, seguem a tradição que receberam dos antigos: só comem depois de lavar bem as mãos. ⁴Quando chegam da praça pública, eles se lavam antes de comer. E seguem muitos outros costumes que receberam por tradição: a maneira certa de lavar copos, jarras e vasilhas de cobre. ⁵Os fariseus e os doutores da Lei perguntaram então a Jesus: “Por que os teus discípulos não seguem a tradição dos antigos, pois comem pão sem lavar

as mãos?”.⁶ Jesus respondeu: “Isaías profetizou bem sobre vocês, hipócritas, como está escrito:

‘Este povo me honra com os lábios,
Mas o coração deles está longe de mim.

⁷Não adianta nada eles me prestarem culto,
Porque ensinam preceitos humanos’.

⁸Vocês abandonam o mandamento de Deus para seguir a tradição dos homens”.

⁹E Jesus acrescentou: “Vocês são bastante espertos para deixar de lado o mandamento de Deus a fim de guardar as tradições de vocês. ¹⁰Com efeito, Moisés ordenou: ‘Honre seu pai e sua mãe’. E ainda: ‘Quem amaldiçoa o pai ou a mãe, deve morrer’. ¹¹Mas vocês ensinam que é lícito a alguém dizer a seu pai e à sua mãe: ‘O sustento que vocês poderiam receber de mim é Corbá, isto é, consagrado a Deus’. ¹²E essa pessoa fica dispensada de ajudar seu pai ou sua mãe. ¹³Assim, vocês esvaziam a Palavra de Deus com a tradição que vocês transmitem. E vocês fazem muitas outras coisas como essas”.

¹⁴Em seguida, Jesus chamou de novo a multidão para perto dele e disse: “Escutem todos e compreendam: ¹⁵o que vem de fora e entra numa pessoa, não a torna impura; as coisas que saem de dentro da pessoa é que a tornam impura. ¹⁶Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”. ¹⁷Quando Jesus entrou em casa, longe da multidão, os discípulos lhe perguntaram sobre essa parábola. ¹⁸Jesus disse: “Será que nem vocês entendem? Vocês não compreendem que nada do que vem de fora e entra numa pessoa pode torná-la impura, ¹⁹porque não entra em seu coração, mas em seu estômago, e vai para a privada?” (assim Jesus declarava que todos os alimentos eram puros). ²⁰Jesus continuou a dizer: “É o que sai da pessoa que a torna impura. ²¹Pois é de dentro do coração das pessoas que saem as más intenções, como a imoralidade, roubos, ²²crimes, adultérios, ambições sem limite, maldades, malícia, devassidão, inveja, calúnia, orgulho, falta de juízo. ²³Todas essas coisas más saem de dentro da pessoa, e são elas que a tornam impura”.

7, 1-15: Mt 15, 1-11; Lc 11, 38. • 7, 4: Mt 23, 25; Lc 11, 39. • 7, 5: Gl 1, 14. • 7, 6-7: Is 29, 13. • 7, 10: Ex 20, 12; Dt 5, 16; Ex 21, 17; Lv 20, 9. • 7, 17-23: Mt 15, 15-20; Mc 4, 10. • 7, 18-19: 1Cor 10, 25-27; Rm 14, 14; Tr 1, 15; At 10, 15.
7, 20-23: Rm 1, 28-31; Gl 5, 19-21. • 7, 22: Mt 6, 23; 20, 15.

COMENTÁRIOS

7, 3: “a tradição que receberam dos antigos” – ou seja, costumes religiosos instituídos pelos fariseus e adicionados à Lei Mosaica. Algumas vezes denominado de “a Lei oral”, esse corpo de práticas ritualísticas havia sido feito para complementar a Lei escrita de Deus e aumentar os requisitos de pureza espiritual. Essas tradições eram passadas adiante de forma oral, até que foram registradas pela primeira vez na Mishná² judaica, aproximadamente a 200 d. C. Aqui, a controvérsia se dá por causa das mãos “não lavadas” dos discípulos (Mc 7, 2). Os fariseus os acusam não de precariedade higiênica, mas de frouxidão religiosa. Jesus

responde com um vigoroso ataque a esses costumes farisaicos, porque eles distraem os praticantes daquilo que é mais importante na Lei Mosaica (Mc 7, 8-9). Ou seja, eles enfatizam o perigo da impureza ritualística (no caso, das mãos) e negligenciam a corrupção moral (do coração) definida pelos mandamentos (Mc 7, 20-23). No fim das contas, essas tradições promovidas pelos antigos são exemplos de práticas meramente humanas que os fariseus haviam equivocadamente elevado à condição de Lei revelada por Deus (CIC 581; v. também Cl 2, 8 e o *Ensaio sobre um tópico: Quem são os fariseus?* em Mc 2).

2 *Mishná* é o primeiro registro feito pelos rabinos judaicos, por volta de 200 d.C., desse conjunto de preceitos que compunham o que eles mesmos chamavam de “Torá oral” (NT).



7, 6-7: Uma referência a Is 29, 13.

- Isaías repreende Jerusalém por ter consultado seus políticos e rejeitado seus profetas.

A fé da mulher sírio-fenícia – ²⁴Então Jesus saiu daí e foi para a região de Tiro e Sidônia. Entrou numa casa e não queria que ninguém soubesse onde ele estava. Mas não conseguiu ficar escondido. ²⁵Uma mulher, que tinha uma filha com um espírito mau, ouviu falar de Jesus. Foi até ele e caiu a seus pés. ²⁶A mulher era pagã, nascida na Fenícia da Síria. Ela suplicou a Jesus que expulsasse de sua filha o demônio. ²⁷Jesus disse: “Deixe que primeiro os filhos fiquem saciados, porque não está certo tirar o pão dos filhos e jogá-lo aos cachorrinhos”. ²⁸A mulher respondeu: “É verdade, Senhor; mas também os cachorrinhos ficam debaixo da mesa e comem as migalhas que as crianças deixam cair”. ²⁹Então Jesus disse: “Por causa disso que você acaba de dizer, pode voltar para casa; o demônio já saiu da sua filha”. ³⁰Ela voltou para casa e encontrou sua filha deitada na cama, pois o demônio já tinha saído dela.

7, 24-30: Mt 15, 21-28.

Seus líderes excluíram Deus diariamente de suas decisões políticas e, ao invés disso, confiaram unicamente em sua própria sabedoria; por isso, a adoração a Deus que faziam tornou-se vã e vazia. Javé não vai mais tolerar, dizia Isaías, que o sirvam com os lábios enquanto seus corações continuarem desprovidos da vivência da fé. Os fariseus caíram nessa mesma armadilha de rejeitar a sabedoria divina e, em troca, acreditar somente na sua própria (Mt 23, 23; Cl 2, 20-23). O resultado foi que suas tradições veneradas tornaram-se vazias e, pior, em competição perigosíssima com a vontade de Deus revelada no evangelho.

7, 11: “Corbá” – a palavra aramaica para “oferenda”. Significa algo que é dedicado a Deus por motivos religiosos. Tratava-se, frequentemente, de dinheiro, bens ou propriedades que eram doados ao Templo por conta de promessas feitas. Jesus denuncia o abuso dessa prática: dar presentes ao Templo não isenta os filhos de honrar seus pais através do apoio financeiro (Ex 20, 12; Dt 5, 16; CIC 2218).

7, 19: “todos os alimentos eram puros” – Marcos faz, aqui, um comentário de editor. Uma vez que Jesus rastreia como fonte da verdadeira impureza o coração do homem (Mc 7, 21), as distinções exteriores entre alimentos puros e impuros, como definidas pela Lei da Antiga Aliança, não estão mais em vigor e nem são obrigatórias na lei da Nova

Aliança. Essas distinções ritualísticas foram suplantadas de duas maneiras distintas: 1. na Antiga Aliança, a corrupção do ritual era questão de fatores exteriores, enquanto que a Nova Aliança penetra no íntimo do infiel para, ali, realizar a purificação e a ordenação de sua vida (Mt 5, 8; At 15, 9); 2. já que a alimentação permitida e recomendada pela Lei Mosaica fazia visível e efetivamente a separação entre os judeus e os gentios, essas restrições e regulações alimentícias são postas de lado na Nova Aliança, uma vez que, nela, os judeus e os gentios deviam se unir numa mesma família. A Igreja primitiva teve de se atracar – e muito – com esses problemas relativos à alimentação, provenientes das regulações da Antiga Aliança a respeito do que e com quem se devia comer, e revê-los à luz do evangelho (At 10, 9-16; Rm 14, 13-23; Gl 2, 11-16; CIC 582).

7, 21: “de dentro do coração das pessoas” – em termos bíblicos, o coração é o centro da pessoa e a fonte de todas as suas decisões, que se manifestam através de suas ações. Jesus estabelece uma ligação, portanto, entre o verdadeiro definhamento e o coração humano, onde discretamente se originam as ações malignas e as más intenções (Mt 5, 28). Seu inventário (a lista que Ele faz) de vícios é similar a outros dispostos ao longo do Novo Testamento (Rm 1, 29-31; Gl 5, 19-21; 1Pd 4, 3; CIC 1432; 2517-2519).

8 Alimentando os quatro mil – ¹Naqueles dias, havia de novo uma grande multidão e não tinham o que comer. Jesus chamou os discípulos e disse: ²“Tenho compaixão dessa multidão, porque já faz três dias que está comigo e não têm nada para comer. ³Se eu os mandar para casa sem comer, vão desmaiar pelo caminho, porque muitos deles vieram de longe”. ⁴Os discípulos disseram: “Onde alguém poderia saciar essa gente de pão, aqui no deserto?”. ⁵Jesus perguntou: “Quantos pães vocês têm?”. Eles responderam: “Sete”. ⁶Jesus mandou que a multidão se sentasse no chão. Depois pegou os sete pães, agradeceu, partiu-os e ia dando aos discípulos, para que os distribuíssem. ⁷Tinham também alguns peixinhos. Depois de pronunciar a bênção sobre eles, mandou que os distribuíssem também. ⁸Comeram e ficaram satisfeitos, e recolheram sete cestos dos pedaços que sobraram. ⁹Eram mais ou menos quatro mil. E Jesus os despediu. ¹⁰Jesus entrou na barca com seus discípulos e foi para a região de Dalmanuta.

8, 1-10: Mt 15, 32-39; Mc 6, 32-44; Mt 14, 13-21; Lc 9, 11-17; Jo 6, 5-13.

COMENTÁRIOS

8, 1-10: Um episódio similar ao milagre relatado em Mc 6,35-44, ainda que diferente em muitos pontos. Jesus multiplica *sete* pães (Mc 8, 5), ao invés de cinco (Mc 6, 38), coleta *sete* (Mc 8, 8) cestas com sobras de pães, ao invés de doze (Mc 6, 43) e alimenta *quatro mil* pessoas (Mc 8, 9), ao invés de cinco mil (Mc 6, 44). O simbolismo desses números é examinado nos comentários sobre Mc 8, 19-21.

8, 2: “Tenho compaixão” – a falta de comida, nesse episódio, demonstra como Jesus recompensa a multidão por sua perseverança, constante mesmo apesar de desconfortos naturais, como a fome (Mc 8, 2).

8, 6: “agradeceu” – uma tradução do verbo grego *eucharisteo*, que é a base da palavra “Eucaristia”. Jesus multiplica os pães depois de o dar graças e isso é uma antecipação da Última Ceia e da instituição do Santíssimo Sacramento (1Cor 11, 24; CIC 1328, 1335; v. também o comentário feito em Mc 6, 35-44).

8, 10: “Dalmanuta” – um local desconhecido da Galiléia, também chamado de “Magadá” (Mt 15, 39).

8, 11: “um sinal do céu” – Jesus se recusa a realizar milagres a pedidos, especialmente aos *fariseus*, que estavam tramando a sua destruição (Mc 3, 6). Eles são como os israelitas no deserto que se recusaram a acreditar em Deus mesmo depois de terem visto numerosos sinais no Egito (Nm 14, 11; CIC 548).

8, 15: “o fermento” – uma metáfora baseada no “só um pão” da barca (Mc 8, 14). Jesus alerta os discípulos de que o fermento permeia o pão e o faz crescer, e que, portanto, os ensinamentos dos *fariseus* seriam uma influência corruptiva para as multidões (Mt 16, 11-12). Imagens similares são usadas em outros trechos do Novo Testamento (Lc 12, 1; 1Cor 5, 6-8; Gl 5, 9).

“Herodes”: o Antipas, tetrarca da Galiléia. A princípio, ele estava interessado em Jesus como quem se interessa por um milagreiro (Lc 23, 8; v. também o comentário feito em Mc 6, 14).

O pedido por um sinal – ¹¹Foram então os fariseus e começaram a discutir com Jesus. E, para tentá-lo, pediam-lhe um sinal do céu. ¹²Mas Jesus deu um suspiro profundo e disse: “Por que essa geração pede um sinal? Eu garanto a vocês: a essa geração não será dado nenhum sinal”. ¹³E, deixando-os, Jesus entrou de novo na barca e se dirigiu para a outra margem.

8, 11-12: Mt 16, 1-4; 12, 28-39; Lc 11, 29. • 8, 13-21: Mt 16, 4-12.

Os fermentos dos fariseus e de Herodes – ¹⁴Os discípulos tinham se esquecido de levar pães. Tinha consigo na barca só um pão. ¹⁵Então, Jesus os advertiu: “Prestem atenção e tomem cuidado com o fermento dos fariseus e com o fermento de Herodes”. ¹⁶Os discípulos diziam entre si: “É porque não temos pão”. ¹⁷Mas Jesus percebeu e perguntou: “Por que vocês discutem sobre a falta de pães? Vocês ainda não entendem e nem compreendem? Estão com o coração endurecido? ¹⁸Vocês têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem? Não se lembram ¹⁹de quando reparti cinco pães para cinco mil pessoas? Quantos cestos vocês recolheram cheios de pedaços?”. Eles responderam: “Doze”. ²⁰Jesus perguntou: “E quando reparti sete pães para quatro mil pessoas, quantos cestos vocês recolheram cheios de pedaços?”. Eles responderam: “Sete”. ²¹Jesus disse: “E vocês ainda não compreendem?”.

8, 15: Lc 12, 1; Mc 6, 14; 12, 13. • 8, 17: Mc 6, 52; Jr 5, 21; Is 6, 9-10; Mt 13, 10-15. • 8, 19: Mc 6, 41-44. • 8, 20: Mc 8, 1-10.

8, 19-21: Jesus repete os números nos dois milagres de multiplicação dos pães (Mc 6, 35-44 e Mc 8, 1-10). Ainda que em nenhum lugar o simbolismo desses números seja explicitado, muito provavelmente eles significam as nações que ouvirão o evangelho. As *doze* (Mc 8, 19) cestas com sobras de pães do primeiro episódio representam as doze tribos de Israel que Jesus reúne em sua Igreja (Mt 15, 24; 19, 28). As *sete* (Mc 8, 20) cestas do segundo milagre representam as sete nações de gentios que já haviam ocupado as terras de Canaã, ao lado de Israel (Dt 7, 1)



8, 22-26 – um único milagre, porém realizado em etapas. No evangelho de Marcos, esse milagre tem muitos significados: Jesus não apenas cura o homem como cura também a cegueira e a surdez espiritual dos discípulos (Mc 8, 18-21). Mesmo que eles ainda estivessem incertos quanto à verdadeira identidade do mestre, Jesus aguça suas visões para que o reconheçam como o Messias no episódio que vem a seguir (Mc 8, 29).

- *Alegoricamente*,¹ Jesus cura o homem cego para anunciar o mistério da redenção. Como

Jesus cura um homem cego em Betsaida – ²²Chegaram a Betsaida. Algumas pessoas levaram um cego e pediram que Jesus tocasse nele. ²³Jesus pegou o cego pela mão, levou-o para fora do povoado, cuspiu nos olhos dele, pôs as mãos sobre ele e perguntou: “Você está vendo alguma coisa?”. ²⁴O homem levantou os olhos e disse: “Estou vendo homens; parecem árvores que andam”. ²⁵Então Jesus pôs de novo as mãos sobre os olhos dele, e ele enxergou claramente. Ficou curado e enxergava todas as coisas com nitidez, mesmo de longe. ²⁶Jesus mandou o homem ir para casa, dizendo: “Não entre no povoado”.

8, 22-26: Mc 10, 46-52; Jo 9, 1-7. • 8, 22: Mc 6, 45; Lc 9, 10. • 8, 23: Mc 7, 33; 5, 23.

e às quais o Cristo oferece a salvação logo em seguida dos israelitas. A conversa anterior de Jesus com a mulher sírio-fenícia (ou *cananéia*) em Mc 7, 24-30 já havia tornado explícito que os pães que sobrassem de Israel seriam dados aos gentios. Juntos, esses números apontam para as dimensões internacionais da Nova Aliança (Rm 1, 16; Gl 3, 28).

Encarnação de Deus, Jesus cura o homem através da sacralidade de sua própria natureza humana, aqui identificada por suas mãos e sua saliva. Essa graça cura gradualmente a nossa cegueira espiritual e, assim como com o homem cego, o progresso é medido na proporção da nossa fé. *Alegoricamente* ainda,² a restauração do homem cego significa o nosso crescimento

1 São Beda, *In Marcum*.

2 São Jerônimo, *Homilia* 79.

A declaração de Pedro de que Jesus é o Messias – ²⁷Jesus partiu com seus discípulos para os povoados de Cesaréia de Filipe. No caminho, ele perguntou a seus discípulos: “Quem dizem os homens que eu sou?”. ²⁸Eles responderam: “Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; outros, ainda, que és um dos profetas”. ²⁹Então Jesus perguntou-lhes: “E vocês, quem dizem que eu sou?”. Pedro respondeu: “Tu és o Messias”. ³⁰Então Jesus proibiu severamente que eles falassem a alguém a respeito dele.

8, 27-30: Mt 16, 13-20; Lc 9, 18-21; Jo 6, 66-69. • 8, 28: Mc 6, 14. • 8, 30: Mc 9, 9; 1, 34.

gradual na sabedoria, da escuridão da ignorância à luz da verdade. O cuspe de Cristo é a doutrina perfeita que procede diretamente de sua boca, e que aguçá nossa visão e nos traz progressivamente ao conhecimento de Deus.



8, 27 – 10, 52: – por sete vezes ao longo desses capítulos é feita uma referência ao “caminho”, ainda que esse tema (tipicamente grego) se camufle por entre as várias alternâncias de palavras, como “jornada”, “estrada”, “beira do caminho” (Mc 8, 27; 9, 33-34; 10, 17. 32. 46. 52). No plano da narrativa, esse tema indica os firmes passos de Jesus a “caminho” de Jerusalém. A nível teológico, entende-se que aí Jesus está ensinando que o “caminho” que leva à glória celeste é um “caminho” de sofrimento heróico. Ele primeiro abre o caminho através da sua própria Paixão e aí então convoca os discípulos a seguir seus passos (1Pd 2, 21; 4, 13).

- Essa temática, muito presente no evangelho de Marcos, relembra a temática do Novo Êxodo presente nas profecias de Isaías. Assim como Javé liberta os israelitas do Egito e os conduz pelo “caminho” que leva à Terra Prometida (Ex 13, 21-22), Isaías também prevê um segundo Êxodo, que é o que leva da servidão do pecado a uma nova vida com Deus. O profeta chega a descrevê-lo como uma grande jornada pelo “caminho” que leva ao Monte Sião (Is 30, 19-21; 35, 8-10; 40, 3-5; 48, 17; 51, 10-11; 62, 10-11; v. também o comentário feito em Mc 1, 2-3).

8, 27: “Cesaréia de Filipe” – uma cidade de gentios para além da fronteira norte

da Palestina (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 16, 13).

“Quem dizem os homens [...]?”: a opinião popular estava de acordo sobre Jesus ser um profeta, mas não havia o consenso sobre *qual* profeta ele era (Mc 8, 28; 6, 14-15).

8, 29: “Tu és o Messias” – ou seja, o Cristo e rei de Israel. A confissão de Pedro é o clímax da primeira metade do evangelho de Marcos. Ao contrário da expectativa geral de que o Messias seria uma figura puramente militar e política, Jesus instrui imediatamente os discípulos a respeito do sofrimento e da desonra que terá de passar a fim de realizar sua missão (Mc 8, 31-33; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 16, 16 e o *Estudo da palavra: Messias* em Mc 14).

8, 30: “proibiu severamente” – a bênção que vem junto da renomeação de Simão como “Pedro” (Mc 3, 16) não é mencionada no evangelho de Marcos, ao contrário do que ocorre no evangelho de Mateus (Mt 16, 17-19). De acordo com uma antiga tradição, essa omissão revela a dependência de Marcos com relação a Pedro, que tinha de lhe dar as informações necessárias para escrever seus evangelhos; Pedro, por humildade, provavelmente omitiu de sua pregação os dizeres de Jesus que o exaltaram acima dos outros discípulos (CIC 552; v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 16, 17 e na introdução desse mesmo estudo, na seção *Autoria*).

Jesus prediz sua morte e Ressurreição – ³¹Em seguida, Jesus começou a ensinar os discípulos, dizendo: “O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e doutores da Lei, deve ser morto, e ressuscitar depois de três dias”. ³²E Jesus dizia isso abertamente. Então Pedro levou Jesus para um lado e começou a repreendê-lo. ³³Jesus virou-se, olhou para os discípulos e repreendeu a Pedro, dizendo: “Fique longe de mim, Satanás! Você não pensa as coisas de Deus, mas as coisas dos homens”.

³⁴Então Jesus chamou a multidão e os discípulos. E disse: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga. ³⁵Pois quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas quem perde a sua vida por causa de mim e da Boa Notícia, vai salvá-la. ³⁶Com efeito, que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se perde a própria vida? ³⁷Que é que um homem poderia dar em troca da própria vida? ³⁸Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras diante dessa geração adúltera e pecadora, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória do seu Pai com seus santos anjos”.

8, 31 – 9, 1; Mt 16, 21-28; Lc 9, 22-27. • 8, 33: Mt 4, 10. • 8, 34: Mt 10, 38; Lc 14, 27. • 8, 35: Mt 10, 39; Lc 17, 33; Jo 12, 25.

“Proibiu [...] que falassem a alguém”: Jesus ordena que seus discípulos se silenciem como parte da estratégia de manter oculto o seu “segredo messiânico” (v. o comentário feito em Mc 1, 44).

8, 31-33: A primeira das três previsões a respeito da Paixão e Ressurreição de Jesus Cristo (Mc 9, 30-32; 10, 32-34). Dessa forma, Jesus intensifica seu esforço de instruir os apóstolos sobre o sofrimento que aguarda não só ele, mas também seus seguidores (Mc 8, 34-47; 13, 9).

8, 31: “O Filho do Homem” – uma alusão à figura real descrita em Dn 7, 13-14. Jesus freqüentemente associa esse título à sua própria Paixão (Mc 9, 12. 31; 10, 33. 45; 14, 21. 41; v. também o *Ensaio sobre um tópico: Jesus, o Filho do Homem*, do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Lucas, em Lc 17).

8, 33: “Satanás!” – Jesus repreende Pedro porque ele rejeita o panorama de sofrimento que Ele apresenta. Pedro, escandalizado e talvez até amedrontado, rapidamente se conforma aos padrões de pensamento de Satanás, que de forma parecida também tentou tirar Jesus de sua missão de sofrimento (Mt 4, 1-11; Lc 4, 1-13). A crucificação provou ser uma pedra de tropeço para muitos dos contemporâneos de Jesus (1Cor 1, 23).

8, 34: “tome a sua cruz” – uma imagem do sofrimento. Refere-se ao costume romano de fazer com que seus criminosos carregassem uma viga em seus ombros até o local de sua crucificação (Mc 15, 21; Jo 19, 17). Jesus dá o alerta de que seus discípulos devem ser tão comprometidos com Ele ao ponto de estarem dispostos a suportarem as perseguições, privações e até a morte. Aos fiéis, Ele assegura que encontrarão a ressurreição e a glória para além da dureza da vida (Jo 12, 24-26; 2Tm 2, 11; CIC 458; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 10, 38).



8, 38: “quando vier na glória” – o Pai deu ao Cristo a autoridade de julgar os vivos e os mortos (Jo 5, 22-29; At 10, 42). No tempo certo, Ele irá recompensar os justos com a vida eterna (Rm 2, 7) e punir aqueles que se *envergonham* Dele com o sofrimento do fogo eterno (Mt 25, 31. 41-46; 2Tm 2, 11-13; CIC 678-679).

“Com seus santos anjos”: Jesus faz alusão à profecia de Zc 14, 5.

- Zacarias descreve o “dia do SENHOR”, quando Deus trará julgamento aos infiéis de Israel reunindo exércitos inimigos de Jerusalém e dispostos a saqueá-la (Zc 14, 1-2). Assim que

os fiéis tiverem evacuado a cidade, era esperado que Deus “viesses” com seus santos (Zc 14, 5 – ou seja, anjos) e ali fosse estabelecido “rei” de toda a terra (Zc 14, 9). Esses eventos todos

se cumpriram com a destruição de Jerusalém em 70 d. C., que prefigura o retorno glorioso do Cristo ao final da história e o completo desvendamento de seu reino.

9¹E Jesus dizia: “Eu garanto a vocês: alguns dos que estão aqui não morrerão sem ter visto o Reino de Deus chegar com poder”.

A transfiguração – ²Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e seu irmão João, e os levou sozinhos a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E se transfigurou diante deles. ³Suas roupas ficaram brilhantes e tão brancas, como nenhuma lavadeira no mundo as poderia alvejar. ⁴Apareceram-lhes Elias e Moisés, que conversavam com Jesus. ⁵Então Pedro tomou a palavra e disse a Jesus: “Mestre, é bom ficarmos aqui. Vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias”. ⁶Pedro não sabia o que dizer, pois eles estavam com muito medo. ⁷Então desceu uma nuvem e os cobriu com sua sombra. E da nuvem saiu uma voz: “Este é o meu Filho amado. Escutem o que ele diz!”. ⁸E, de repente, eles olharam em volta e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus com eles.

9, 1: Mc 13, 30; Mt 10, 23; Lc 22, 18. • 9, 2-8: Mt 17, 1-8; Lc 9, 28-36. 9, 2: Mc 5, 37; 13, 3.

9, 3: Mt 28, 3. • 9, 7: 2Pd 1, 17-18; Mt 3, 17; Jo 12, 28-29.

COMENTÁRIOS

9, 1: “não morrerão sem ter visto” – Jesus promete inaugurar seu reino ainda no tempo de vida de seus apóstolos (Mc 1, 15). Isso tem início com a entronização celestial de Cristo (Mc 16, 19) e o nascimento da Igreja. Sua autoridade é manifestada através do fim da Antiga Aliança, quando Jerusalém e o Templo são destruídos pelo fogo (Lc 21, 31-32). O reino, presente enquanto mistério na vida da Igreja, será plenamente manifestado na consumação da história (CIC 669-671).



9, 2-8: a Transfiguração como que equilibra o choque da primeira predição da Paixão de Cristo em Mc 8, 31-33, reforçando a fé dos três apóstolos (Mc 9, 2) destinados a terem posições especiais de liderança na Igreja primitiva. A contemplação da glória de Jesus assegura a eles o conhecimento da divina filiação do Cristo e também lhes serve de prenúncio da própria glorificação, que lhes será dada na ressurreição (CIC 554-555). Como o batismo de Jesus, esse episódio revela a Santíssima Trindade: a voz do Pai é ouvida (Mc 9, 7), o Filho é *transfigurado*

(Mc 9, 2) e o Espírito está presente na *nuvem* (Mc 9, 7).

- *Moralmente*,¹ Cristo leva seus discípulos para o alto da montanha depois de seis dias a fim de nos mostrar que devemos nos colocar acima do nosso amor pela criação, que foi feita em seis dias, para que alcancemos, ao sétimo dia, a visão da glória de Cristo.



9, 2: “Pedro, Tiago e seu irmão João” – três dos companheiros mais próximos de Jesus (v. o comentário feito em Mc 5, 17).

- *Anagógicamente*,² Cristo leva três discípulos ao alto do monte para significar que aqueles que, nesta vida, acreditam na Santíssima Trindade irão, na próxima e eterna vida, contemplar a glória das três Pessoas da divindade.

“Uma alta montanha” – essa montanha é tradicionalmente identificada com o Monte Tabor, na baixa Galiléia. Teologicamente,

1 Orígenes, *Comm. In Matt.*, 12, 36.

2 Rábano Mauro, *Comm. In Matt.*, 5, 17.

A vinda de Elias – ⁹Ao descender da montanha, Jesus recomendou-lhes que não contassem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos. ¹⁰Eles observaram a recomendação e se perguntavam o que queria dizer “ressuscitar dos mortos”. ¹¹Os discípulos perguntaram a Jesus: “Por que os doutores da Lei dizem que antes deve vir Elias?”. ¹²Jesus respondeu: “Antes vem Elias para colocar tudo em ordem. Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado. ¹³Eu, porém, digo a vocês: Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele”.

9, 9-13: Mt 17, 9-13; Lc 9, 36. • 9, 9: Mc 8, 30; 5, 43; 7, 36. • 9, 11: Mt 11, 14. • 9, 12: Mc 8, 31; 9, 31; 10, 33.

entende-se que essa montanha tem, na Nova Aliança, uma função análoga à do Monte Sinai: nela, Jesus manifesta seu esplendor divino, assim como Deus havia revelado sua glória a Moisés (Ex 24, 15-18) e a Elias (1Rs 19, 8-18) no Sinai – ou, Monte Horeb (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 17, 1-8).

9, 4: “Elias e Moisés” – representantes da Lei e dos profetas do Antigo Testamento. Juntos, eles testemunham que Jesus é o esperado Messias e o mediador da Nova Aliança (cf. Lc 24, 25-27; Jo 5, 39; Ap 11, 3-6).

9, 5: “três tendas” – pequenos abrigos nos quais os israelitas se instalam durante a festa litúrgica das Tendas (Lv 23, 39-43). Pedro pede para construir essas três tendas no desejo de prolongar aquela experiência celestial.

 **9, 7: “Escutem o que ele diz!”** – essa última prescrição faz alusão a Dt 18, 15.

- Jáve havia prometido enviar outro profeta como Moisés, de forma que assim como o povo de Israel recebeu instruções quanto à adoração de Deus e à vivência da fé através de Moisés, assim também eles deveriam obedecer às palavras desse seu sucessor. O Pai usa esse episódio para identificar Jesus como esse esperado profeta-sucessor de Moisés (Jo 6, 14; At 3, 22).

9, 10: “ressuscitar dos mortos” – a crença numa ressurreição coletiva era aceita

por muitos Judeus ao período do Novo Testamento (Dn 12, 2; Jo 11, 23-25; At 24, 15). Apenas os saduceus a negavam expressamente (Mc 12, 18). Os discípulos, aqui, ficam perplexos porque Jesus fala de uma ressurreição individual, afinal de contas eles ainda não haviam entendido claramente nem o fato de que o Messias morreria e voltaria (Mc 8, 31-33).



9, 11: “antes deve vir Elias” – a reaparição de Elias era uma expectativa comum, baseada na profecia de Ml 4, 5.

- Naquele contexto, Deus prometeu mandar Elias de volta para preparar Israel para a sua chegada, programada para o “dia do SENHOR”. A missão de Elias era restaurar as relações familiares (Ml 4, 6) e as tribos de Israel (Eclo 48, 10). João Batista realiza plenamente essa profecia como o precursor de Jesus (Mc 9, 13; v. o comentário feito em Mc 1, 6).

9, 13: “exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele” – assim como Elias sofreu nas mãos do rei Acabe e de sua mulher, Jezebel (1Rs 19, 1-10), também João Batista sofreu o martírio por causa de Herodes Antipas e sua amante, Herodíades (Mc 6, 27).

9, 17: “um espírito mudo” – a possessão demoníaca às vezes se manifesta através de doenças, convulsões e ferimentos causados pela própria pessoa em si mesma (Mt 8, 16; Mc 1, 26; 5, 2-5). Esses fenômenos não

A cura de um garoto possuído por um espírito mudo – ¹⁴Quando Jesus, Pedro, Tiago e João chegaram perto dos outros discípulos, viram que eles estavam rodeados por uma grande multidão. Alguns doutores da Lei estavam discutindo com eles. ¹⁵Logo que a multidão viu Jesus, ficou surpresa e correu para cumprimentá-lo. ¹⁶Jesus perguntou aos discípulos: “O que é que vocês estão discutindo com eles?”. ¹⁷Alguém da multidão respondeu: “Mestre, eu trouxe a ti meu filho que tem um espírito mudo. ¹⁸Cada vez que o espírito o ataca, joga-o no chão e ele começa a espumar, range os dentes e fica completamente rijo. Eu pedi aos teus discípulos para expulsarem o espírito, mas eles não conseguiram”. ¹⁹Jesus disse: “Ó gente sem fé! Até quando deverei ficar com vocês? Até quando terei que suportá-los? Tragam o menino aqui”. ²⁰E levaram o menino. Quando o espírito viu Jesus, sacudiu violentamente o menino, que caiu no chão e começou a rolar e a espumar pela boca. ²¹Jesus perguntou ao pai: “Desde quando ele está assim?”. O pai respondeu: “Desde criança. ²²E muitas vezes já o jogou no fogo e na água para matá-lo. Se podes fazer alguma coisa, tem piedade de nós e ajuda-nos”. ²³Jesus disse: “Se podes!... Tudo é possível para quem tem fé”. ²⁴O pai do menino gritou: “Eu tenho fé, mas ajuda a minha falta de fé”. ²⁵Jesus viu que a multidão corria para junto dele. Então ordenou ao espírito mau: “Espírito mudo e surdo, eu lhe ordeno que saia do menino e nunca mais entre nele”. ²⁶O espírito sacudiu o menino com violência, deu um grito e saiu. O menino ficou como morto e por isso todos diziam: “Ele morreu!”. ²⁷Mas Jesus pegou a mão do menino, levantou-o, e o menino ficou de pé. ²⁸Depois que Jesus entrou em casa, os discípulos lhe perguntaram à parte: “Por que nós não conseguimos expulsar o espírito?”. ²⁹Jesus respondeu: “Essa espécie de demônios não pode ser expulsa de nenhum modo, a não ser pela oração”.

9, 14-27: Mt 17, 14-18; Lc 9, 37-43. • 9, 23: Mt 17, 20; Lc 17, 6; Mc 11, 22-24.

diminuem de forma alguma a dimensão espiritual da possessão, mas apenas a tornam visível. Nesse caso, os sintomas se assemelham com os de epilepsia (Mc 9, 18).

9, 23: “Tudo é possível” – a questão não é se Jesus pode curar o garoto, mas sim se o seu pai está disposto a acreditar nisso. O poder onipotente de Deus é mais do que suficiente para essa tarefa, mas ele deve ser solicitado com fé e oração (Mc 9, 29; Jr 32, 17; Lc 1, 37). Esse pai, que luta com a sua própria “falta de fé” (Mc 9, 24), apela a Jesus para que ele estabilize sua fé vacilante (Lc 17, 5; CIC 162, 2610).

9, 30-32: Jesus prediz sua crucificação e Ressurreição pela segunda vez. Tal profecia

ainda é obscura e assustadora para os discípulos (Mc 9, 32; v. o comentário feito em Mc 8, 31-33).

9, 33: “Cafarnaum” – o local da residência de Jesus na Galiléia (v. o comentário feito em Mc 1, 21).

9, 35: “aquele que serve a todos” – a grandeza é medida, aos olhos de Deus, pela humildade e pelo serviço ao próximo (Lc 22, 24-27), um princípio colocado em prática por Jesus (Mc 10, 45). Como futuros líderes da Igreja, os apóstolos devem se esquivar de quaisquer aspirações à atenção e às honras mundanas, a fim de servirem a Cristo de forma mais fiel e eficiente (Mc 8, 35; CIC 876, 896).

Novamente Jesus prediz sua morte e Ressurreição – ³⁰Partindo daí, Jesus e seus discípulos atravessavam a Galiléia. Jesus não queria que ninguém soubesse onde ele estava, ³¹porque estava ensinando seus discípulos. E dizia-lhes: “O Filho do Homem vai ser entregue na mão dos homens, e eles o matarão. Mas, quando estiver morto, depois de três dias ele ressuscitará”. ³²Mas os discípulos não compreendiam o que Jesus estava dizendo, e tinham medo de fazer perguntas.

9, 30-32: Mt 17, 22-23; Lc 9, 43-45. • 9, 31: Mc 8, 31; 10, 33. • 9, 32: Jo 12, 16.

A verdadeira grandeza – ³³Quando chegaram à cidade de Cafarnaum e estavam em casa, Jesus perguntou aos discípulos: “Sobre o que vocês estavam discutindo no caminho?”. ³⁴Os discípulos ficaram calados, pois no caminho tinham discutido sobre qual deles era o maior. ³⁵Então Jesus se sentou, chamou os Doze e disse: “Se alguém quer ser o primeiro, deverá ser o último, e ser aquele que serve a todos”. ³⁶Depois Jesus pegou uma criança e colocou-a no meio deles. Abraçou a criança e disse: ³⁷“Quem receber em meu nome uma destas crianças, estará recebendo a mim. E quem me receber, não estará recebendo a mim, mas àquele que me enviou”.

9, 33-37: Mt 18, 1-5; Lc 9, 46-48. • 9, 34: Lc 22, 24. • 9, 35: Mc 10, 43-44; Mt 20, 26-27; 23, 11; Lc 22, 26.
9, 36: Mc 10, 16. • 9, 37: Mt 10, 40; Lc 10, 16; Jo 12, 44; 13, 20.

9, 37: “uma destas crianças” – uma representação dos fracos e desamparados. Acolhê-los com afeto é equivalente a servir tanto a Jesus (mim) quanto ao Pai (*àquele que me enviou*) (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 25, 40).



9, 42-48: Jesus se utiliza de hipérboles (exageros) para enfatizar que são necessárias medidas drásticas para evitar o pecado (CIC 1861, 2284-2287). Uma vez que um pecado exposto ou feito publicamente pode encorajar outras pessoas a pecarem também, as conseqüências que aguardam aqueles que causam esses escândalos são piores ainda do que afogar-se no mar por causa

do peso de uma *pedra de moinho* amarrada no pescoço (Mc 9, 42). Já que os pecados graves (mortais) merecem, como “recompensa”, o *inferno* (Mc 9, 43. 45. 47), para evitá-los nos são requeridas ações e medidas tão sérias que são comparáveis ao desmembramento corporal (Mt 5, 29-30).

- *Moralmente*,³ amputar membros do corpo significa cortar relações de íntima amizade. Quando os mais próximos companheiros de um cristão o afastam da santidade, eles devem ser excluídos. É melhor que entremos no Reino do Céu sem eles do que manter sua companhia na danação eterna (v. o *Estudo da palavra: Inferno*).

Um outro exorcista – ³⁸João disse a Jesus: “Mestre, vimos um homem que expulsa demônios em teu nome. Mas nós lhe proibimos, porque ele não nos segue”. ³⁹Jesus disse: “Não lhe proibam, pois ninguém faz um milagre em meu nome e depois pode falar mal de mim. ⁴⁰Quem não está contra nós, está a nosso favor. ⁴¹Eu garanto a vocês: quem der para vocês um copo de água porque vocês são de Cristo, não ficará sem receber sua recompensa.

9, 38-40: Lc 9, 49-50; 11, 23; Mt 12, 30; Nm 11, 27-29. • 9, 41: Mt 10, 42.

Tentações para pecar – ⁴²E se alguém escandalizar um destes pequeninos que acreditam, seria melhor que ele fosse jogado no mar com uma pedra de moinho amarrada no pescoço. ⁴³Se a sua mão é ocasião de escândalo para você, corte-a. É melhor você entrar para a vida sem uma das mãos, do que ter as duas mãos e ir para o inferno, onde o fogo nunca se apaga. ⁴⁴Aí o seu verme nunca morre e o seu fogo nunca se apaga. ⁴⁵Se o seu pé é ocasião de escândalo para você, corte-o. É melhor você entrar para a vida sem um dos pés, do que ter os dois pés e ser jogado no inferno. ⁴⁶Aí o seu verme nunca morre e o seu fogo nunca se apaga. ⁴⁷Se o seu olho é ocasião de escândalo para você, arranque-o. É melhor você entrar no Reino de Deus com um olho só, do que ter os dois olhos e ser jogado no inferno, ⁴⁸onde o seu verme nunca morre e o seu fogo nunca se apaga. ⁴⁹Com efeito, todos serão salgados com o fogo. ⁵⁰O sal é bom. Mas, se o sal se tornar insosso, com o que vocês lhe darão sabor? Tenham o sal em vocês, e estejam em paz uns com os outros”.

9, 42-48: Mt 18, 6-9; 5, 29-30; Lc 17, 1-2.
9, 48: Is 66, 24. • 9, 49-50: Mt 4, 13; Lc 14, 32-34. • 9, 50: Cl 4, 6; 1Ts 5, 13.

9, 49: “salgados com o fogo” – trata-se provavelmente de uma referência aos julgamentos e tentações por que passam os que são fiéis. Dentro do contexto dessa passagem e das anteriores (Mc 9, 42-48), pode significar também a necessidade de sofrer e fazer penitência a fim de se evitar o pecado e colocar-se distante de hábitos impuros. Esse fogo é necessário e tem a função de testar a autenticidade do nosso compromisso com a vida cristã e de nos guiar até a perfeição (Eclo 2, 5; 1Pd 1, 6-7; CIC 1430-1431). No fim, aqueles que foram aperfeiçoados pelo fogo temporal deste mundo serão poupados do fogo inextinguível do outro mundo.



ESTUDO DA PALAVRA: INFERNO (MC 9, 43)

Geenna (grego): “Geenã”, o vale diretamente a sudoeste de Jerusalém. Jesus se refere a ele por 11 vezes ao longo dos evangelhos, sempre como um símbolo temível do inferno. Duas associações são feitas com Geena – uma proveniente do Antigo Testamento e outra da época de Jesus.

1. “Geena” é uma apropriação grega do nome hebraico que denominava o “vale dos filhos de Hinom”. Esse era o lugar onde os cananeus faziam um culto medonho de adoração aos ídolos Moloque e Baal, no qual queimavam os próprios filhos em sacrifício (Jr 7, 30-32; 19, 1-6; 32, 35).

2. À época do Novo Testamento, o vale da Geena servia como terreno baldio onde o lixo era incinerado continuamente.

Jesus evoca essas associações para nos ensinar que o inferno não é um lugar de purgação ou purificação, mas sim de ardente punição (Mt 5, 22; 18, 9; 23, 33). Após a morte, os corpos e almas dos condenados sofrerão no inferno por toda a eternidade (Mt 10, 28; 25, 41. 46). Outras passagens bíblicas corroboram essa perspectiva terrível (Is 33, 14; 66, 24; Jd 7; Ap 20, 10).

10 **Ensinamentos sobre o divórcio** – ¹Jesus partiu daí e foi para o território da Judéia, do outro lado do rio Jordão. As multidões se reuniram de novo em torno de Jesus. E ele, como de costume, as ensinava.

²Alguns fariseus se aproximaram de Jesus. Queriam tentá-lo e lhe perguntaram se a Lei permitia um homem se divorciar da sua mulher. ³Jesus perguntou: “O que é que Moisés mandou vocês fazer?”. ⁴Os fariseus responderam: “Moisés permitiu escrever uma certidão de divórcio e depois mandar a mulher embora”. ⁵Jesus então disse: “Foi por causa da dureza do coração de vocês que Moisés escreveu esse mandamento. ⁶Mas, desde o início da criação, Deus os fez homem e mulher. ⁷Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe, ⁸e os dois serão uma só carne. Portanto, eles já não são dois, mas uma só carne. ⁹Portanto, o que Deus uniu, o homem não deve separar”.

¹⁰Quando chegaram em casa, os discípulos fizeram de novo perguntas sobre o mesmo assunto. ¹¹Jesus respondeu: “O homem que se divorciar de sua mulher e se casar com outra, cometerá adultério contra a primeira mulher. ¹²E se a mulher se divorciar do seu marido e se casar com outro homem, ela cometerá adultério”.

10, 1-12: Mt 19, 1-9. • 10, 1: Lc 9, 51; Jo 10, 40; 11, 7. • 10, 4: Dt 24, 1-4. • 10, 6: Gn 1, 27; 5, 2. • 10, 7-8: Gn 2, 24. • 10, 11: Mt 5, 32; Lc 16, 18; 1Cor 7, 10-11; Rm 7, 2-3.

COMENTÁRIOS

10, 1: “o território da Judéia” – Jesus finaliza seu ministério na Galiléia, ao norte do território galilaico (Mc 1, 14; 5, 1; 7, 24; 8, 27), e parte para o sul, em direção a Jerusalém (Mc 10, 32; Lc 9, 51).

“Do outro lado do rio Jordão”: território também chamado de Peréia, região governada por Herodes Antipas e local onde João Batista exercia seu ministério (Lc 3, 1-3; v. também o comentário feito em Mc 6,

14 e o do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus feito em Mt 19, 1).

10, 2: “Queriam tentá-lo” – Os fariseus preparam uma armadilha para Jesus como parte do plano para eliminá-lo (Mc 3, 6). Eles pressupõem que Jesus irá negar a legalidade do divórcio e, conseqüentemente, atrair para si a ira de Herodes Antipas e de sua amante, Herodíades. Era fato conhecido que Herodes, o governador daquele território, e sua amante haviam abandonado seus cônjuges a fim de se reunirem em casamento. Pelo fato de que João Batista havia sido executado por condenar essa união inválida (Mc 6, 17-19) no tempo em que lá exercia seu ministério, os fariseus esperavam que Jesus teria o mesmo fim que João se cometesse o mesmo erro de honestidade (v. o comentário sobre Mc 6, 18).

 **10, 4: “certidão de divórcio”** – Moisés permitia que os israelitas leigos se divorciassem de suas esposas dentro da lei da Antiga Aliança (Dt 24, 1-4). Isso era uma concessão legal temporária que se adequava à fraqueza do povo de Israel (Mc 10, 5). Agora, Jesus revoga a legislação mosaica sobre o divórcio e restaura a intenção original de Deus para o homem e a mulher casados: a monogamia para toda a vida (Mc 10, 6-9; v. o *Ensaio sobre um tópico: A fala de Jesus sobre casamento e divórcio* do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 19).

- O divórcio é uma das concessões que Javé fez ao povo de Israel no Deuteronômio. Pode-se notar isso através de uma leitura atenta do Pentateuco, que faz a distinção entre a aliança levítica ratificada no Monte Sinai (Ex 19-24; Lv 27, 34) e a aliança deuteronômica ratificada 40 anos depois, nas planícies de Moabe (Dt 1, 1-5; 29, 1). De fato, há muitas leis es-

pecíficas do Deuteronômio que estão ausentes nas legislações mosaicas mais antigas: o rito de adoração a Deus era restrito a um santuário central, apenas (Dt 12, 11); a guerra genocida era permitida pela primeira vez (Dt 20, 16-17); os animais que eram sacrificados apenas no Tabernáculo sagrado podiam então ser abatidos em contextos profanos (Dt 12, 15-24); era dada a permissão para se coletar juros sobre o dinheiro emprestado (Dt 15, 3; 23, 20) e a cruel realidade do divórcio era tolerada e regulamentada (Dt 24, 1-4). Essas e outras leis indicam que o Deuteronômio era uma legislação menor e imperfeita, que baixou os padrões de vivência da fé para o povo desobediente de Israel (Ez 20, 25); era e sempre foi um arranjo de concessões temporário projetado para permitir males menores no intuito de evitar outros maiores.



10, 6: “desde o início da criação” – Só Deus é o responsável pela criação e pela legislação do casamento.

- Jesus demonstra isso quando cita Gn 1, 27 e 2, 24, passagens que descrevem o projeto de Deus para o casamento: uma união para toda a vida entre um homem e uma mulher. Essa união matrimonial é exclusivamente espiritual e indissolúvel. Uma vez que é forjada pelo próprio Deus (Mc 10, 9), ela não pode ser quebrada por nenhuma autoridade civil ou religiosa (CIC 1603, 1640).

10, 11-12: O divórcio e a segunda união são proibidos na Nova Aliança (Lc 16, 18; 1Cor 7, 10-11; CIC 2382-2386). Divorciar-se e casar-se novamente constitui, na verdade, um *adultério*. De acordo com o relato de Marcos, Jesus alerta a ambos os cônjuges a respeito desse perigo. Isso atingia diretamente os leitores do evangelho de Marcos da antiga Roma, onde tanto o homem quanto a mulher tinham o direito de pedir divórcio. Esse aviso

Jesus abençoa as crianças – ¹³Depois disso, alguns levaram crianças para que Jesus tocasse nelas. Mas os discípulos os repreendiam. ¹⁴Vendo isso, Jesus ficou zangado e disse: “Deixem as crianças vir a mim. Não lhes proibam, porque o Reino de Deus pertence a elas. ¹⁵Eu garanto a vocês: quem não receber como criança o Reino de Deus, nunca entrará nele”. ¹⁶Então Jesus abraçou as crianças e abençoou-as, pondo a mão sobre elas.

10, 13-16: Mt 19, 13-15; 18, 3; Lc 18, 15-17. • 10, 16: Mc 9, 36.

duplo também evoca a conhecida história da união ilegal entre Herodes Antipas e Herodíades, já que *ambos* tinham abandonado seus respectivos cônjuges antes de se casarem novamente, de forma irregular (v. os comentários do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 14, 4 e 19, 9).



10, 14: “Deixem as crianças vir” – Quando Jesus abençoa as crianças, Ele dá grande importância ao seu ensinamento a respeito da indissolubilidade do casamento (Mc 10, 11-12). As crianças, afinal, são os frutos do amor matrimonial e os mais afetados pela tragédia do divórcio. A intenção de Deus é a de que eles cresçam e

sejam abençoados na segurança de uma família saudável.

- Jesus acolhe as crianças no *reino de Deus* e portanto lança a base para a prática do batismo infantil por parte da Igreja (CIC 1250-1252; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Lucas em Lc 18, 16).

10, 19: “os mandamentos” – Jesus reafirma a necessidade de manter as leis morais de Deus na Nova Aliança (Mc 12, 28-34; Rm 13, 8-10; 1Cor 7, 19). Os Dez Mandamentos guiarão para sempre as crianças e jovens para a maturidade e para se manterem íntegros na busca pela *vida eterna* (Mc 10, 17; CIC 2068,

O homem rico – ¹⁷Quando Jesus saiu de novo a caminhar, um homem foi correndo, ajoelhou-se diante dele e perguntou: “Bom Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?”. ¹⁸Jesus respondeu: “Por que você me chama de bom? Só Deus é bom, e ninguém mais. ¹⁹Você conhece os mandamentos: não mate; não cometa adultério; não roube; não levante falso testemunho; não engane; honre seu pai e sua mãe”. ²⁰O homem afirmou: “Mestre, desde jovem tenho observado todas essas coisas”. ²¹Jesus olhou para ele com amor, e disse: “Falta só uma coisa para você fazer: vá, venda tudo, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois venha e siga-me”. ²²Quando ouviu isso, o homem ficou abatido e foi embora cheio de tristeza, porque ele era muito rico.

²³Jesus então olhou em volta e disse aos discípulos: “Como é difícil para os ricos entrar no Reino de Deus!”. ²⁴Os discípulos se admiraram com o que Jesus disse. Mas ele continuou: “Meus filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus! ²⁵É mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!”. ²⁶Os discípulos ficaram muito espantados quando ouviram isso, e perguntavam uns aos outros: “Então, quem pode ser salvo?”. ²⁷Jesus olhou para os discípulos e disse: “Para os homens isso é impossível, mas não para Deus. Para Deus tudo é possível”. ²⁸Pedro começou a dizer a Jesus: “Eis que nós deixamos tudo e te seguimos”. ²⁹Jesus respondeu: “Eu garanto a vocês: quem tiver deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, filhos, campos, por causa de mim e da Boa Notícia, ³⁰vai receber cem vezes mais. Agora, durante esta vida, vai receber casas, irmãos, irmãs, mãe, filhos e campos, junto com perseguições. E, no mundo futuro, vai receber a vida eterna. ³¹Muitos que agora são os primeiros serão os últimos, e muitos que agora são os últimos serão os primeiros”.

10, 17-31: Mt 19, 16-30; Lc 18, 18-30. • 10, 17: Lc 10, 25; Mc 1, 40. • 10, 19: Ex 20, 12-16; Dt 5, 16-20. • 10, 21: Mt 6, 20; Lc 12, 33; At 2, 45; 4, 34-35. • 10, 28: Mc 1, 16-20. • 10, 30: Mt 6, 33. • 10, 31: Mt 20, 16; Lc 13, 30.

Jesus prediz sua morte e Ressurreição pela terceira vez – ³²Jesus e os discípulos estavam a caminho, subindo para Jerusalém. Jesus ia na frente. Os discípulos estavam espantados, e aqueles que iam atrás estavam com medo. Jesus chamou de novo os Doze à parte e começou a dizer-lhes o que estava para acontecer com ele: ³³“Eis que estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do Homem vai ser entregue aos chefes dos sacerdotes e aos doutores da Lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos pagãos. ³⁴Vão caçoar dele, cuspir nele, vão torturá-lo e matá-lo. E depois de três dias ele ressuscitará”.

10, 32-34: Mt 20, 17-19; Lc 18, 31-34. • 10, 33: Mc 8, 31; 9, 12; 9, 33. • 10, 34: Mc 14, 65; 15, 19. 26-32.

2072). Jesus cita cinco preceitos do Decálogo que nos mandam amar ao próximo e aos familiares (Ex 20, 2-17; Dt 5, 6-21).

“Não engane”: este não é um preceito do Decálogo, mas está incluído com os outros aqui. Pode ser que se refira a Dt 24, 14.

10, 25: “É mais fácil passar um camelo” – Uma parábola que apresenta a riqueza como obstáculo formidável para entrar no reino de Deus (1 Tm 6, 9-10; Hb 13, 5). Essa dificuldade é intensamente demonstrada pela recusa do jovem de se separar de suas riquezas e abraçar o evangelho (Mc 10, 22; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 19, 24).

10, 27: “isso é impossível” – Nós somos totalmente incapazes de alcançar a salvação por nossa própria conta. A família humana

que descende de Adão sofre de uma natureza maculada e ferida e é incapaz de obedecer a Deus completamente ou consistentemente sem que a graça divina nos assista (Rm 7, 21-25). Somente através da cooperação *com Deus* e com sua Graça é que nós podemos cumprir os justos mandamentos de sua Lei (Rm 8, 4). Por nossa própria conta, não há nada que podemos fazer (Jo 15, 5), mas com a ajuda de Deus *tudo é possível* (Jr 32, 17; Lc 1, 37; CIC 2082).



10, 33-34: A terceira e final previsão de Jesus de sua Paixão e Ressurreição (Mc 8, 31-33; 9, 30-32). É a mais detalhada das três e especifica até que sua morte resultará de uma conspiração proveniente do acordo entre as autoridades judaicas (*chefes dos sacerdotes e doutores da Lei*) e romanas (*pagãos*).

O pedido de Tiago e João – ³⁵Tiago e João, filhos de Zebedeu, foram a Jesus e lhe disseram: “Mestre, queremos que faça por nós o que vamos te pedir.” ³⁶Jesus perguntou: “O que vocês querem que eu lhes conceda?”. ³⁷Eles responderam: “Quando estiveres na glória, deixa-nos sentar um à tua direita e outro à tua esquerda”. ³⁸Jesus então lhes disse: “Vocês não sabem o que estão pedindo. Por acaso vocês podem beber o cálice que eu vou beber? Podem ser batizados com o batismo com que eu vou ser batizado?”. ³⁹Eles responderam: “Podemos”. Jesus então lhes disse: “Vocês vão beber o cálice que eu vou beber, e vão ser batizados com o batismo com que eu vou ser batizado. ⁴⁰Mas não depende de mim conceder o lugar à minha direita ou esquerda. É Deus quem dará esses lugares àqueles, para os quais ele preparou”. ⁴¹Quando os outros dez discípulos ouviram isso, começaram a ficar com raiva de Tiago e João. ⁴²Jesus chamou-os e disse: “Vocês sabem: aqueles que se dizem governadores das nações têm poder sobre elas, e os seus dirigentes têm autoridade sobre elas. ⁴³Mas entre vocês não deverá ser assim: quem de vocês quiser ser grande, deve tornar-se o servidor de vocês, ⁴⁴e quem de vocês quiser ser o primeiro, deverá tornar-se o servo de todos. ⁴⁵Porque o Filho do Homem não veio para ser servido. Ele veio para servir e para dar a sua vida como resgate em favor de muitos”.

10, 35-45: Mt 20, 20-28. • 10, 37: Mt 19, 28; Lc 22, 30. • 10, 38: Lc 12, 50; Jo 18, 11. • 10, 39: At 12, 2; Ap 1, 9.

10, 42-45: Lc 22, 25-27. • 10, 43: Mc 9, 35. • 10, 45: 1 Tm 2, 5-6.

Bartimeu ganha sua visão de volta – ⁴⁶Chegaram a Jericó. Jesus saiu de Jericó, junto com seus discípulos e uma grande multidão. Na beira do caminho havia um cego que se chamava Bartimeu, o filho de Timeu; estava sentado, pedindo esmolas. ⁴⁷Quando ouviu dizer que era Jesus Nazareno que estava passando, o cego começou a gritar: “Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!”. ⁴⁸Muitos o repreenderam e mandaram que ficasse quieto. Mas ele gritava mais ainda: “Filho de Davi, tem piedade de mim!”. ⁴⁹Então Jesus parou e disse: “Chamem o cego.” Eles chamaram o cego e disseram: “Coragem, levante-se, porque Jesus está chamando você”. ⁵⁰O cego largou o manto, deu um pulo e foi até Jesus. ⁵¹Então Jesus lhe perguntou: “O que você quer que eu faça por você?”. O cego respondeu: “Mestre, eu quero ver de novo”. ⁵²Jesus disse: “Pode ir, a sua fé curou você”. No mesmo instante o cego começou a ver de novo e seguia Jesus pelo caminho.

10, 46-52: Mt 20, 29-34; Lc 18, 35-43; Mc 8, 22-26. • 10, 47: Mt 9, 27. • 10, 52: Mt 9, 22; Mc 5, 34; Lc 7, 50; 8, 48; 17, 19.



10, 38: “beber o cálice” – Uma referência ao sofrimento vindouro do Cristo (Mc 10, 45; 14, 36).

- O Antigo Testamento usa essa imagem para retratar a miséria que Deus obriga os infiéis a beberem (Sl 75, 8; Is 51, 17; Jr 25, 15). Mesmo Jesus sendo inocente e puro, Ele bebe do cálice que havia sido enchido para os pecadores.

“Com o batismo”: um simbolismo da imersão no sofrimento e no julgamento. Tiago e João irão beber do cálice de Jesus e ser batizados com o batismo Dele assim que sofrerem perseguições na Igreja primitiva. O Novo Testamento relata o martírio de Tiago em At 12, 2 e o exílio de João em Ap 1, 9).

10, 42-45: As ambições reveladas por Tiago e João levam Jesus a esclarecer a real natureza da liderança cristã (Mc 10, 37). Seus discípulos não devem imitar as pompas e a tirania dos líderes dos gentios (Mc 10, 42), mas sim a humildade e o serviço dos quais Ele tem sido modelo durante seu ministério (Mc 10, 45; Jo 13, 14-15; CIC 1551).



10, 45: “de muitos” – A expressão é usada idiomáticamente para significar “de todos”. Indica que Jesus irá morrer não apenas por alguns, mas pelos pecados de todo o mundo (2Cor 5, 14; 1Jo 2, 2).

- Aqui e em outros lugares, Jesus interpreta sua Paixão como a realização plena da profecia de Isaías a respeito do Servo Sofredor (Is 52, 13 – 53, 12; Lc 22, 37). Dar sua vida “a muitos” faz lembrar que o Servo messiânico também fará “muitos” justos e irá redimir os pecados de “muitos”, suportando suas aflições (Is 53, 11-12; Rm 5, 19).

10, 46: “Jericó” – A aproximadamente 9, 5km ao norte do Mar Morto, no Vale do Jordão. A breve estadia de Jesus nessa cidade foi gasta toda ao lado de Zaqueu (Lc 19, 1-10).



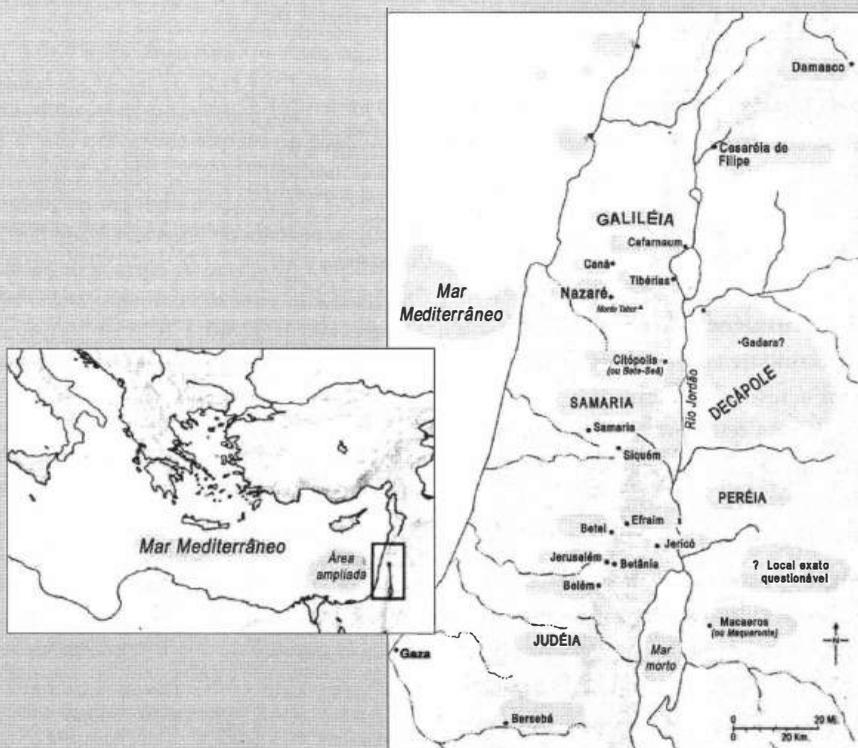
10, 47: “filho de Davi” – Refere-se ao Messias, que era esperado como um descendente do rei Davi, justo herdeiro de seu trono (Is 9, 7; Ez 34, 23-24). Muitos esperavam que ele tivesse o poder de curar doenças e exorcizar demônios (Mt 15, 22), de forma similar ao filho biológico original de Davi, o rei Salomão (Sb 7, 20). A confissão de Bartimeu aqui é irônica: esse homem cego vê a identidade messiânica de Jesus mais claramente do que muita gente do evangelho de Marcos.

- *Alegoricamente*, Bartimeu significa as nações de gentios salvas pelo Cristo. Jesus os manda superar sua cegueira espiritual, jogar para longe o manto de seus hábitos pecaminosos e segui-lo pela estrada da glória (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 12, 23).

ESTUDO DA PALAVRA: RESGATE (MC 9, 43)

Lytron (grego): um “preço de redenção” pago pela libertação de prisioneiros. Essa palavra aparece apenas por duas vezes ao longo do Novo Testamento (Mt 20, 28; Mc 10, 45), mas está relacionada a outros conceitos bíblicos de significado similar (Ef 1, 7; 1Tm 2, 5-6). No Antigo Testamento, era pressuposta em qualquer relação de parentesco a obrigação de proteger seus familiares – pais, irmãos, irmãs e primos. Por tanto, algum dos membros de uma família ficava responsável por pagar o preço de resgate por algum outro membro da família que havia sido tomado como prisioneiro ou vendido como escravo (Lv 25, 47-49). Como Pai divino, Deus se tornou o “redentor” de Israel (Is 41, 14; 54, 5), que resgatou esse seu filho querido do Egito (Ex 4, 22-23; Dt 7, 8). No Novo Testamento, Deus compra a libertação de seu povo da escravidão do pecado (Rm 6, 16-18) ao preço da vida do próprio Cristo (1Pd 1, 18-19). Sua morte salvífica, portanto, resgatou todos nós para a liberdade e a amizade da família de Deus (1Cor 6, 20; Cl 1, 11-14; Ap 5, 9).

MAPA: O EVANGELHO TODO NUM PEQUENO CANTO



11 A entrada de Jesus em Jerusalém – ¹Jesus e seus discípulos se aproximaram de Jerusalém, diante de Betfagé e de Betânia, perto do monte das Oliveiras. Então Jesus enviou dois discípulos, ²dizendo: “Vão até o povoado que está na frente de vocês, e logo que vocês entrarem aí, vão encontrar amarrado um jumentinho que nunca foi montado; desamarram o animal e trazem aqui. ³Se alguém lhes falar: ‘Por que estão fazendo isso?’, digam: ‘O Senhor precisa dele, mas logo o devolverá’”. ⁴Então eles foram e encontraram um jumentinho amarrado, do lado de fora, na rua, junto de uma porta, e o desamarraram. ⁵Algumas pessoas que aí estavam disseram: “O que vocês estão fazendo, desamarrando o jumentinho?”. ⁶Os discípulos responderam como Jesus havia dito, e então permitiram que fizessem isso. ⁷Então levaram o jumentinho a Jesus, colocaram os próprios mantos sobre ele, e Jesus montou. ⁸E muitas pessoas estenderam seus mantos pelo caminho; outros puseram ramos que haviam apanhado nos campos. ⁹Os que iam na frente e os que seguiam gritavam: “Hosana! Bendito aquele que vem em nome do Senhor!” ¹⁰Bendito seja o Reino que vem, o reino de nosso pai Davi! Hosana no mais alto do céu!”.

¹¹Jesus entrou em Jerusalém, no Templo, e olhou tudo ao redor. Mas, como já era tarde, saiu para Betânia com os Doze.

11, 1-10: Mt 21, 1-9; Lc 19, 29-38. • 11, 4: Mc 14, 16. • 11, 7-10: Jo 12, 12-15.
11, 9: Sl 118, 26; Mt 21, 15; 23, 39. • 11, 11: Mt 21, 10-11. 17.

COMENTÁRIOS

11, 1 – 15, 47: Marcos dedica mais de um terço de seu evangelho à semana da Paixão, os últimos dias da vida de Jesus. Essa ênfase nesses eventos reflete a importância deles para a Igreja, que os celebra anualmente do Domingo de Ramos ao Sábado Santo.

11, 1: “Jerusalém” – Jesus viaja à Cidade Santa entre milhares de peregrinos que chegavam para a festa da Páscoa (Ex 12, 1-13; CIC 583). É essa festa proveniente do Antigo Testamento que Jesus transforma fundamentalmente através da Última Ceia e da sua morte na cruz (Mc 14, 22-25; 1Cor 5, 7).

“Befagé”: palavra hebraica para “casa das figueiras”. Sua localização exata é incerta, mas provavelmente era próxima de *Betânia*, cerca de 3 km ao leste de Jerusalém (Jo 11, 18).

“Monte das Oliveiras”: uma montanha que fica diretamente ao leste de Jerusalém. Sua encosta oeste fica de frente ao Monte do Templo de Jerusalém (Mc 13, 3).



11, 7: “jumentinho” – Faz lembrar a antiga profecia de Zc 9, 9.

• O jumentinho, nessa profecia, simboliza a humildade do rei que chega “em paz” a Israel, e não montado num “cavalo de guerra” a fim de liderar um ataque militar contra Roma (Zc 9, 10). A entrada de Jesus na cidade também lembra a procissão de entrada de Salomão em Jerusalém, para sua coroação como rei de Israel (1Rs 1, 32-40; CIC 559-560; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 21, 1-11).



11, 8-10: três detalhes a respeito dessa entrada triunfal fazem lembrar o Sl 118, um salmo cantado pelos peregrinos que iam em bando para Jerusalém, para a festa da Páscoa.

• 1. Os *ramos* (Mc 11, 8) aludem ao versículo 27 do salmo 118: “Formem procissões com ramos”; 2. a aclamação hebraica “*Hosana*” (Mc 11, 9) significa “salvai-nos” e é tirada do versículo 25 desse salmo; 3. “*Bendito [...] em nome do senhor*” (Mc 11, 9) é uma citação direta do versículo 26 do mesmo salmo. Mais tarde, Jesus interpreta o salmo 118 no Templo (Mc 12, 10-11).

Jesus amaldiçoa a figueira – ¹²No dia seguinte, quando voltavam de Betânia, Jesus sentiu fome. ¹³Viu de longe uma figueira coberta de folhas e foi até lá ver se encontrava algum fruto. Quando chegou perto, encontrou somente folhas, pois não era tempo de figos. ¹⁴Então Jesus disse à figueira: “Que ninguém mais coma de seus figos”. E os discípulos escutaram o que ele disse.

11, 12-14: Mt 21, 18-19; Lc 13, 6-9.



11, 8: “estenderam seus mantos” – Um gesto simbólico de honra a um novo rei recém-coroadado (2Rs 9, 13).

- *Moralmente*,¹ os mantos estendidos no chão sob o jumentinho representam a carne dos cristãos martirizados, que despojam suas vidas pelo evangelho e assim proclamam o senhorio de Jesus Cristo.

11, 13: “uma figueira” – Um símbolo tradicional de Israel (Jr 8, 13; Os 9, 10).

“Não era tempo de figos”: o sentido dessa frase não é claro, a princípio. Provavelmente destaca o que é mais evidente a respeito de Israel: ela deve ainda colher os frutos do arrependimento (Lc 13, 6-9). Quando Jesus a amaldiçoa, o fato de a figueira murchar e morrer é uma clara profecia da destruição que aguarda Jerusalém por matar o Messias. O mesmo ponto é reforçado no episódio subsequente, quando Jesus vira as mesas dos comerciantes instalados no Templo de Jerusalém.



11, 15: “começou a expulsar” – Animais eram vendidos no pátio

Jesus purifica o Templo – ¹⁵Chegaram a Jerusalém. Jesus entrou no Templo e começou a expulsar os que vendiam e os que compravam no Templo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos vendedores de pombas. ¹⁶Ele não deixava ninguém carregar nada através do Templo. ¹⁷E ensinava o povo, dizendo: “Não está nas Escrituras: ‘Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos?’ No entanto, vocês fizeram dela uma toca de ladrões”. ¹⁸Os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei ouviram isso e começaram a procurar um modo de matá-lo. Mas tinham medo de Jesus, porque a multidão estava maravilhada com o ensinamento dele. ¹⁹Ao entardecer, Jesus e os discípulos saíram da cidade.

11, 15-18: Mt 21, 12-16; Lc 19, 45-48; Jo 2, 13-16. • 11, 17: Lc 56, 7; Jr 7, 11. • 11, 19: Lc 21, 37.

1 São Beda, *In Marcum*.

A lição da figueira seca – ²⁰Na manhã seguinte, Jesus e os discípulos, passando, viram a figueira que tinha secado até à raiz. ²¹Pedro lembrou-se e disse a Jesus: “Olha, Mestre: a figueira que amaldiçoaste secou”. ²²Jesus disse para eles: “Tenham fé em Deus. ²³Eu garanto a vocês: se alguém disser a esta montanha: ‘Levante-se e jogue-se no mar’, e não duvidar no seu coração, mas acreditar que isso vai acontecer, assim acontecerá. ²⁴É por isso que eu digo a vocês: tudo o que vocês pedirem na oração, acreditem que já o receberam, e assim será. ²⁵Quando vocês estiverem rezando, perdoem tudo o que tiverem contra alguém, para que o Pai de vocês que está no céu também perdoe os pecados de vocês. ²⁶Mas, se vocês não perdoarem, o Pai de vocês que está no céu não perdoará os pecados de vocês”.

11, 20-25: Mt 21, 20-22; Mt 17, 20; Lc 17, 6. • 11, 24: Jo 14, 13-14; 16, 23; Mt 7, 7-11. • 11, 25: Mt 6, 14-15; 18, 35.

permanente daquele culto sacrificial de Dn 9, 26-27; 3. a expulsão dos comerciantes feita por Jesus relembra a visão de Zc 14, 21, na qual o profeta prediz que, na era messiânica, nenhum vendedor será encontrado nos arredores do Templo (v. o comentário feito em Mc 13, 2 e o CIC 584).



11, 27: “casa de oração” – Uma referência a Is 56, 7.

- Isaías previu que Javé iria agregar os gentios na aliança de adoração feita com Israel. Jesus vê a corrupção nos pátios do Templo como uma afronta a esse oráculo (CIC 584). O pátio externo do Templo – área reservada para os peregrinos gentios – havia se tornado um mercado onde a adoração era impossível. Por fim, a visão de Isaías de um Templo só *para* todas as nações é realizada quando Jesus faz um Templo *de* todas as nações na Igreja (Ef 2, 11-22).

“Uma toca de ladrões”: um excerto de Jr 7, 11.

- Naquele contexto, Jeremias havia proferido um sermão no Templo para alertar Israel do julgamento vindouro de Deus sobre Jerusalém. Israel não se arrependeu e, portanto, o Templo de Salomão foi destruído pelos babilônios em 586 d. C. Jesus, da mesma forma, confronta os israelitas que acreditam que a sua relação com Deus na Aliança permanecerá segura apesar de seus pecados (Jr 7, 8-15). A impenitência deles resultará na segunda destruição do Templo, em 70 d. C.

11, 23: “a esta montanha” – Provavelmente uma referência ao Monte Sião, sobre o qual se ergue Jerusalém. Essa remoção dramática do monte ilustra o poder desencadeado pela oração (Mt 17, 20; 1Cor 13, 2; CIC 2610).

- Jesus aparentemente faz uma referência a Zc 4, 7, quando o profeta descreve uma visão na qual Zorobabel reconstruía o Templo após a sua primeira destruição (586 d. C.). Havia uma grande montanha no caminho para a

A autoridade de Jesus é questionada – ²⁷Jesus e os discípulos foram de novo a Jerusalém. Jesus estava andando no Templo. E os chefes dos sacerdotes, os doutores da Lei e os anciãos se aproximaram dele. ²⁸Perguntaram: “Com que autoridade fazes tais coisas? Quem te deu autoridade para fazer isso?”. ²⁹Jesus respondeu: “Vou fazer uma só pergunta. Respondam-me, e eu direi com que autoridade faço isso. ³⁰O batismo de João vinha do céu ou dos homens? Respondam-me”. ³¹Eles comentavam entre si: “Se respondemos que vinha do céu, ele vai dizer: ‘Então, por que vocês não acreditaram em João?’”. ³²Devemos então dizer que vinha dos homens?”. Mas eles tinham medo da multidão, porque todos consideravam João como verdadeiro profeta. ³³Então eles responderam a Jesus: “Não sabemos”. E Jesus disse: “Pois eu também não vou dizer a vocês com que autoridade faço essas coisas”.

11, 27-33: Mt 21, 23-27; Lc 20, 1-8; Jo 2, 18.

reconstrução, que Zorobabel deveria primeiro superar para depois começar sua obra. Aqui também a montanha de Jerusalém e do Templo deve ser posta de lado para dar espaço a um novo Templo: a verdadeira casa de oração construída pelos fiéis cristãos extraídos de todas as nações (Mt 16, 18; 1Pd 2, 4-5; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 24, 1 – 25, 46).

11, 25: “estiverem rezando” – Os judeus tradicionalmente rezavam em pé (Sl 134, 2; Mt 6, 5; Lc 18, 11).

11, 30: “O batismo de João” – Jesus questiona seus interrogadores a fim de expor a malícia com que agiam (Mc 11, 18). Se eles negassem que o batismo de João *vinha do céu*, eles rapidamente perderiam o apreço popular (Mc 11, 32). Se eles afirmassem a autoridade celestial, seriam condenados por terem ignorado o plano de Deus para suas vidas (Mt 21, 32; Lc 7, 28, 30).



12 A **parábola dos agricultores perversos** – ¹Jesus começou a falar para eles em parábolas: ²“Um homem plantou uma vinha, cercou-a, fez um tanque para pisar a uva e construiu uma torre de guarda. Depois arrendou a vinha para alguns agricultores, e viajou para o estrangeiro. ³Na época da colheita, ele mandou um empregado aos agricultores para receber a sua parte dos frutos da vinha. ⁴Mas os agricultores pegaram o empregado, bateram nele, e o mandaram de volta sem nada. ⁵Então o dono da vinha mandou mais um empregado. Os agricultores bateram na cabeça dele e o insultaram. ⁶Então o dono mandou mais um, e eles o mataram. Trataram da mesma maneira muitos outros, batendo em uns e matando outros. ⁷Sobrou para o dono apenas um: seu filho querido. Por último, ele mandou o filho até aos agricultores, pensando: ‘Eles vão respeitar meu filho’. ⁸Mas os agricultores comentaram: ‘Esse é o herdeiro. Venham, vamos matá-lo, e a herança será nossa’. ⁹Então agarraram o filho, o mataram, e o jogaram fora da vinha. ¹⁰Que fará o dono da vinha? Ele virá, destruirá os agricultores, e entregará a vinha a outros. ¹¹Por acaso, vocês não leram na Escritura:

‘A pedra que os construtores deixaram de lado,
Tornou-se a pedra mais importante;

¹²Isso foi feito pelo Senhor
E é admirável aos nossos olhos?’”.

¹³Então os chefes dos judeus procuraram prender Jesus. Eles tinham entendido muito bem que Jesus havia contado essa parábola contra eles. Mas ficaram com medo da multidão e, por isso, deixaram Jesus e foram embora.

12, 1-12: Mt 21, 33-46; Lc 20, 9-19; Is 5, 1-7. • 12, 10-11: Sl 118, 22-23; At 4, 11; 1Pd 2, 7. • 12, 12: Mc 11, 18.

COMENTÁRIOS

 **12, 1-9:** a parábola dos agricultores perversos narra a história de Israel. A história sublinha que Deus tem sido paciente com seus filhos desobedientes há muitas eras. A *vinha* representa a residência de Israel dentro de Jerusalém, cidade cercada por muros (Jr 2, 21; Os 10, 1); a *torre* é o Templo (de acordo com uma tradição judaica fundamen-

tada em Is 5, 1-2) e os *agricultores* são os líderes de Israel. Os empregados são os profetas do Antigo Testamento, repetidamente enviados por Deus para clamar ao povo para que se arrependesse. Muitos profetas foram abusados e *mortos* (Mc 12, 5; Lc 13, 34). Deus, então, eventualmente manda seu próprio *filho querido* (Mc 12, 6), que também é *morto* por

A questão sobre os impostos – ¹³Então as autoridades mandaram alguns fariseus e alguns partidários de Herodes, para apanharem Jesus em alguma palavra. ¹⁴Quando chegaram, disseram a Jesus: “Mestre, sabemos que tu és verdadeiro, porque não dás preferência a ninguém. Com efeito, não levas em conta as aparências, e ensinas de verdade o caminho de Deus. Dize-nos: é lícito ou não pagar o imposto a César? Devemos pagar ou não?” ¹⁵Jesus percebeu a hipocrisia deles, e respondeu: “Por que vocês me tentam? Tragam uma moeda para eu ver”. ¹⁶Eles levaram a moeda, e Jesus perguntou: “De quem é a figura e a inscrição que está nessa moeda?”. Eles responderam: “É de César”. ¹⁷Então Jesus disse: “Pois devolvam a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. E eles ficaram admirados com Jesus.

12, 13-17: Mt 22, 15-22; Lc 20, 20-26. • 12, 13: Mc 3, 6; Lc 11, 54. • 12, 17: Rm 13, 7.

eles (Mc 12, 8). Ao adicionar o detalhe de que o filho é jogado fora da vinha (Mc 12, 8), Jesus prediz sua crucificação fora dos muros de Jerusalém (Jo 19, 20). Deus vingará seu filho quando Ele o mandar para destruir (Mc 12, 9) os infieis de Jerusalém em 70 d. C. (v. o comentário feito em Mc 13, 2).

- *Moralmente*,¹ a vinha de Israel representa todo e qualquer cristão, cuja tarefa é cultivar sua vida nova, dada pelo batismo. A Lei, os profetas e os salmos são enviados como mensageiros, um após o outro, e finalmente, como relatado nos evangelhos, o Pai envia seu próprio Filho. Caso desprezemos esses servos por orgulho e ainda por cima tratarmos com desprezo o Filho de Deus através de pecados, as graças que nós perderemos serão dadas a outros mais aptos a recebe-las.



12, 10-11: uma citação do Sl 118, 22-23, um salmo cantado pelos peregrinos que iam em bando para Jerusalém, para a festa da Páscoa.

- O Sl 118 prediz a amarga ironia da Semana Santa: os líderes de Jerusalém (*os construtores*) irão rejeitar seu Messias (*a pedra*), apesar de sua missão divina (*feito pelo Senhor*), enquanto que seu trabalho será aclamado como *admirável* por aqueles que o reconhecem *aos olhos* da fé. O salmo implica em que o antigo

Templo será substituído por outro, no qual o Messias rejeitado servirá como pedra fundamental e admirada do novo edifício (Ef 2, 19-22; 1Pd 2, 4-5; CIC 756; v. também o comentário feito em Mc 11, 8-10).

12, 13: “fariseus [...] partidários de Herodes” – Dois grupos originalmente opostos à época do Novo Testamento. Eles se mantêm muito distantes quanto às suas visões políticas, mas perto o suficiente quanto à sua oposição a Jesus (Mc 3, 6). Os fariseus se opunham ao governo romano e sua ocupação da Palestina, enquanto que os partidários de Herodes simpatizavam com o governo romano de Israel através da dinastia herodiana (v. o *Ensaio sobre um tópico: Quem são os fariseus?* em Mc 2).

“Apanharem Jesus”: o imposto romano era um assunto perigoso e potencialmente explosivo para os judeus à época do Novo Testamento. Os oponentes de Jesus, portanto, o confrontam quanto ao assunto a fim de apanhá-lo e eliminá-lo de vez. O dilema que eles colocam parece ser inescapável: se Jesus concordasse com o imposto, Ele perderia credibilidade com a maioria dos judeus amargurados pela lei romana; se ele negasse o imposto, Ele seria denunciado ao governo romano por instigar a rebelião.

12, 16: “De quem é a figura [...]?” – Jesus responde com uma charada sobre a pala-

1 São Beda, *In Marcum*.

A questão sobre a ressurreição dos homens – ¹⁸Os saduceus afirmam que não existe ressurreição. Alguns deles foram até Jesus, e lhe propuseram este caso: ¹⁹“Mestre, Moisés escreveu para nós: ‘Se alguém morrer, e deixar a esposa sem filho, o irmão desse homem deve casar-se com a viúva, a fim de que possam ter filhos em nome do irmão que morreu’.” ²⁰Ora, havia sete irmãos: o primeiro casou-se, e morreu sem ter filhos. ²¹O segundo casou-se com a viúva, e morreu sem ter filhos. A mesma coisa aconteceu com o terceiro. ²²E nenhum dos sete teve filhos. Por último, morreu também a mulher. ²³Na ressurreição, quando eles ressuscitarem, de quem ela será? Todos os sete se casaram com ela!”

²⁴Jesus respondeu: “Vocês estão enganados, porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus. ²⁵Com efeito, quando os mortos ressuscitarem, os homens e as mulheres não se casarão, pois serão como os anjos do céu. ²⁶E, quanto ao fato de que os mortos vão ressuscitar, vocês não leram, no livro de Moisés, a passagem da sarça ardente? Deus falou a Moisés: ‘Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó’.” ²⁷Ora, ele não é Deus de mortos, mas de vivos! Vocês estão muito enganados”.

12, 18-27: Mt 22, 23-33; Lc 20, 27-38. • 12, 19: Dt 25, 55. • 12, 26: Ex 3, 6.

vra “figura”. Já que a figura de César estava estampada nas moedas usadas nas transações de impostos, elas deveriam, portanto, ser restituídas ao seu proprietário de direito. A imagem de Deus, no entanto, está estampada em toda e qualquer pessoa, incluindo César (Gn 1, 27). Mais importante ainda do que as responsabilidades civis é a obrigação de todos – incluindo César – de doar-se de volta a Deus. No fim, Jesus é capaz de elevar-se acima da controvérsia sobre o imposto ao destacar esse dever superior a todos os outros deveres (CIC 450; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 22, 19).

12, 18: “Os saduceus” – Aristocratas sacerdotais que lidavam com os negócios do Templo de Jerusalém. Sua negação de uma futura *ressurreição* era inaceitável à maioria dos Judeus daquela época (At 23, 8; CIC 992-993). Aqui eles consideram a futura ressurreição apenas como hipotética; eles, no entanto, querem mesmo provar que ela não existe de fato (v. o *Ensaio sobre um tópico: Quem são os saduceus?*).



12, 19: “Se alguém morrer [...] e o irmão desse homem” – Os saduceus

enfocam a lei levítica do Dt 25, 5-6.

- Essa lei requeria que um homem se casasse com a esposa (viúva) de seu falecido irmão, caso este tivesse morrido sem deixar filhos (Gn 38, 6-8). O homem então geraria filhos para seu irmão falecido e então carregaria o nome de sua família em Israel. Os saduceus consideravam que essa legislação era inconsistente com a crença na ressurreição corporal, uma vez que os muitos casamentos da viúva levariam apenas a confusões caso todos os seus maridos ressuscitassem.

12, 25: “quando os mortos ressuscitarem” – Na ressurreição geral, os justos tornar-se-ão *como anjos* na glória da imortalidade; eles, porém, não viverão como espíritos sem corpo. O casamento não mais existirá nesse estado uma vez que seus propósitos já terão sido cumpridos na vida terrena (CIC 1619; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 22, 30).



12, 26: “Eu sou o Deus” – Já que os saduceus restringiam a autoridade bíblica apenas ao Pentateuco, Jesus deliberadamente cita o Pentateuco para demonstrar e provar a ressurreição (Ex 3, 6).

O primeiro mandamento – ²⁸Um doutor da Lei estava aí, e ouviu a discussão. Vendo que Jesus tinha respondido bem, aproximou-se dele e perguntou: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?”. ²⁹Jesus respondeu: “O primeiro mandamento é este: Ouça, ó Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor! ³⁰E ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu entendimento e com toda a sua força. ³¹O segundo mandamento é este: Ame ao seu próximo como a si mesmo. Não existe outro mandamento mais importante do que esses dois”. ³²O doutor da Lei disse a Jesus: “Muito bem, Mestre! Como disseste, ele é, na verdade, o único Deus, e não existe outro além dele. ³³E amá-lo de todo o coração, de toda a mente, e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo, é melhor do que todos os holocaustos e do que todos os sacrifícios”. ³⁴Jesus viu que o doutor da Lei tinha respondido com inteligência, e disse: “Você não está longe do Reino de Deus”. E ninguém mais tinha coragem de fazer perguntas a Jesus.

12, 28-34: Mt 22, 34-40; Lc 20, 39-40; 10, 25-28. • 12, 29: Dt 6, 4. • 12, 31: Lv 19, 18; Rm 13, 9; Gl 5, 14; Tg 2, 8. • 12, 33: 1Sm 15, 22; Os 6, 6; Mq 6, 6-8; Mt 9, 13.

- Essa passagem narra como Javé revelou-se a Moisés na sarça ardente como sendo o mesmo Deus de seus patriarcas mortos: *Abraão, Isaac e Jacó*. Sua intimidade com Deus mesmo após suas mortes prova a imortalidade de suas almas (Sb 3, 1) e, portanto, aponta para a futura ressurreição de seus corpos (Is 26, 19; v. também o comentário feito em Mc 12, 18).



12, 29-31: Jesus resume os ensinamentos de toda a Antiga Aliança em apenas dois mandamentos.

- O maior deles é o *Shema* (palavra hebraica para “ouve!”), tirado do Dt 6, 4-5. Os israelitas consideravam essa passagem como um sumário ou um credo de toda a sua fé no único Deus do universo. O segundo é tirado de Lv 19, 18. Juntos, esses comandos de amar a Deus e ao próximo embasam todos os 613 preceitos da Lei Mosaica e especialmente os Dez Mandamentos (Ex 20, 2-17; Dt 5, 6-21). A destilação da Lei revelada por Javé em dois mandamentos já estava anunciada e representada nas *duas* tábuas do Decálogo (Ex 34, 1).



12, 33: “holocaustos [...] sacrifícios” – Os Doutores da Lei recordam aquilo que é freqüentemente repetido nas Escrituras: a lei moral de Deus é superior

às leis de sacrifício do Templo (1Sm 15, 22; Jz 16, 16; Sl 40, 6-8; Os 6, 6; Mq 6, 6-8). Está implícito que ao aproximar-se do reino da Nova Aliança, a pessoa se afasta do Templo da Antiga Aliança (Mc 12, 34).

- Os métodos de sacrifício, geridos da maneira como os sacerdotes levitas o faziam, não eram parte da aliança mosaica exposta no Ex 19 – 24, mas haviam sido impostos aos israelitas depois que eles adoraram o bezerro de ouro, em Ex 32. Originalmente, a aliança mosaica deveria se constituir apenas dos Dez Mandamentos (Dt 5, 22; Jr 7, 22) e de um único rito sacrificial, no qual os israelitas deveriam renunciar a idolatria de uma vez por todas através do sacrifício geral daqueles mesmos animais que haviam começado a adorar no Egito (Ex 24, 3-8; Ez 20, 7-8). No entanto, o episódio do bezerro de ouro em Ex 32 provou que os israelitas eram ainda muito apegados aos seus ídolos e, portanto, necessitavam de meios permanentes para erradicar a idolatria da nação. Foi, então, adicionada à aliança mosaica uma legislação detalhada a respeito do sacerdócio e dos sacrifícios, como solução temporária – dada pelo próprio Javé – desse problema (Ex 25 – 31; 35 – 40; Lv 1 – 27).

Uma questão sobre o Messias – ³⁵Jesus ensinava no Templo, dizendo: “Como é que os doutores da Lei falam que o Messias é filho de Davi? ³⁶O próprio Davi, movido pelo Espírito Santo, falou:

‘O Senhor disse ao meu Senhor:

Sente-se à minha direita,

Até que eu ponha seus inimigos debaixo de seus pés’.

³⁷Portanto, o próprio Davi chama o Messias de Senhor. Como é que ele pode então ser seu filho?”. E uma grande multidão o escutava com gosto.

12, 35-37: Mt 22, 41-46; Lc 20, 41-44. • 12, 36: Sl 110, 1; At 2, 34-35; Hb 1, 13.



12, 36: “movido pelo Espírito Santo” – Jesus afirma a divina inspiração da Escritura (2Tm 3, 16; 2Pd 1, 20-21). Por mais que *Davi* tenha escrito os salmos, foi o Espírito Santo quem postulou aquelas divinas e proféticas palavras através dele.

“Falou”: a própria Escritura expõe a interpretação inadequada dos líderes religiosos de Israel a respeito da questão. Mesmo estando certos a respeito da real descendência de Davi que o Messias herdaria (Mc 12, 35; 2Sm 7, 12-14), eles negligenciavam o senhorio do próprio Messias sobre Davi, exposto no Sl 110. Isso os deixa com uma questão pendente: como é possível que o sucessor e filho de Davi seja, ao mesmo tempo, seu superior?

- No Sl 110, Davi previu a grandeza do Messias ao chamá-lo de *Senhor*, um título associado aos reis de Israel (1Sm 24, 6; 26, 19; 1Rs 1,

37). Conseqüentemente, o sucessor de Davi se tornaria seu superior uma vez que esse seu herdeiro fosse coroado e entronizado pelo Senhor. Jesus clama para si essa realidade majestosa (Mc 14, 62; 16, 19).

- Algumas considerações teológicas dão outra solução a esse problema: Jesus, em sua humanidade, é filho de Davi e, portanto, seu sucessor (Lc 1, 32; Rm 1, 3), enquanto que Ele também é, em sua divindade, filho de Deus e, portanto, o Senhor e superior de Davi (CIC 202, 668).

12, 42: “duas pequenas moedas” – Da menor unidade e cujo valor corrente era o menor em circulação.

“Uns poucos centavos”: isso era o equivalente a 1/64 avos do valor de um dia de trabalho.

12, 44: “na sua pobreza” – Jesus destaca o paradoxo: mesmo valendo pouco a sua doação,

Jesus denuncia a hipocrisia dos Doutores da Lei – ³⁸E Jesus continuava ensinando: “Tenham cuidado com os doutores da Lei. Eles gostam de andar com roupas compridas, de ser cumprimentados nas praças públicas; ³⁹gostam dos primeiros lugares nas sinagogas e dos lugares de honra nos banquetes.

⁴⁰No entanto, exploram as viúvas e roubam suas casas, e para disfarçar fazem longas orações. Por isso eles vão receber uma condenação mais severa’.

12, 38-40: Mt 23, 5-7; Lc 20, 46-47; Lc 11, 43.

A oferta da viúva – ⁴¹Jesus estava sentado diante do Tesouro do Templo e olhava a multidão que depositava moedas no Tesouro. Muitos ricos depositavam muito dinheiro. ⁴²Então, chegou uma viúva pobre, e depositou duas pequenas moedas, que valiam uns poucos centavos. ⁴³Então Jesus chamou os discípulos, e disse: “Eu garanto a vocês: essa viúva pobre depositou mais do que todos os outros que depositaram moedas no Tesouro. ⁴⁴Porque todos depositaram do que estava sobrando para eles. Mas a viúva na sua pobreza depositou tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver”.

12, 41-44: Lc 21, 1-4; Jo 8, 20.

a *viúva pobre* (Mc 12, 42) deu mais ao tesouro do Templo do que *muitos ricos* (Mc 12, 41) porque, ao contrário deles, ela ofereceu a Deus o seu próprio sustento, com intenções puras e um espírito generoso (2Cor 9, 7).

ENSAIO SOBRE UM TÓPICO: QUEM SÃO OS SADUCEUS?

Os saduceus fazem poucas porém memoráveis aparições no Novo Testamento. Eles são freqüentemente taxados como adversários de Jesus e dos primeiros cristãos. Aparentemente, os saduceus eram judeus conservadores que não se inclinavam a abraçar novas idéias e movimentos. Esse instinto religioso – de se agarrar às “modas antigas” – os colocou em desacordo com Jesus e com as alegações radicais de seu evangelho.

Ainda que os detalhes a respeito dos saduceus durante o período do Novo Testamento sejam fragmentários, a combinação de textos bíblicos e evidências extra-bíblicas traz à luz uma imagem consideravelmente nítida a respeito deles. Os saduceus surgiram por volta do séc. II a. C. como um grupo religioso e de interesse político. A denominação “saduceus” vem do sumo-sacerdote Zadoque, que serviu durante o reinado do rei Salomão (1Rs 2, 35) e a cujos descendentes foram dados os direitos exclusivos de ministrar em Jerusalém (Ez 40, 46). Como parte da alta classe judaica, é provável que muitos dos saduceus fossem ricos e tivessem posições importantes na Cidade Santa; mais notavelmente ainda, muitos saduceus eram intimamente associados ao templo e aos sacerdotes (At 4, 1; 5, 17). Mesmo que nem todos os saduceus fossem sacerdotes levitas, muitos sacerdotes se alinhavam a eles e à sua maneira de praticar a vida judaica. Os saduceus, portanto, mantinham muitas posições “oficiais” de liderança no judaísmo da Antiga Aliança e tinham a responsabilidade de manter as relações nacionais entre Israel e Roma. Esse perfil refinado atraía para eles o apoio de cidadãos mais abastados, enquanto que muitos dos judeus de classes mais baixas os tinham como suspeitos, ou até desprezíveis. As grandes massas provavelmente consideravam os saduceus corruptos.

As controvérsias em torno dos saduceus se originam de diversos fatores. Em primeiro lugar, eles eram notadamente contrários aos fariseus, um movimento que era honrado aos olhos de muitos judeus. Diferentemente dos fariseus, os saduceus desejavam manter o *status quo*. A visão que tinham da vida judaica era primordialmente a da tolerância: viver pacificamente com os governantes romanos até que o judaísmo triunfasse sobre a opressão do governo estrangeiro. Isso colidia com a perspectiva farisaica segundo a qual Israel deveria se separar e se purificar das nações de gentios, mesmo que isso significasse expulsar os romanos por conta própria. Em segundo lugar, os saduceus se destacavam do panorama dos fiéis judeus por conta de suas enfáticas negações da doutrina. Ao contrário da grande maioria dos judeus do primeiro século, os saduceus negavam expressamente:

1. A vida após a morte, de recompensa para os justos e punição para os condenados;
2. A imortalidade da alma;
3. A ressurreição do corpo;
4. A existência de anjos ou quaisquer outros espíritos (At 23, 6-8)

A um nível mais fundamental, os saduceus negavam autoridade total a qualquer Escritura que não fosse o Pentateuco, ou seja, os cinco primeiros livros da Bíblia (do Gênesis ao Deuteronômio). Como consequência, eles se opunham a qualquer doutrina que não fosse explicitamente ensinada dentro do Pentateuco. Essa visão restrita do cânone bíblico os legava mais uma oposição aos fariseus: os saduceus repudiavam a tradição oral que os fariseus desenvolveram para complementar os livros de Moisés (Mc 7, 1-5).

Nos evangelhos, Jesus tem de lidar com os saduceus apenas uma vez (Mt 22, 23-33; Mc 12, 18-27; Lc 20, 27-38). Enquanto Jesus ensinava no Templo, os saduceus se aproximaram dele e o testaram com um desafio teológico, convencidos de que a doutrina da ressurreição geral era incompatível com o ensinamento do Pentateuco (Dt 25, 5). Eles dizem: se uma mulher é casada com vários homens durante a sua vida, certamente isso causará uma grande confusão na próxima vida. Se todos os maridos dela ressuscitarem, de quem ela será esposa (Mc 12, 20-23)? Jesus responde com inteligência e habilidade, afirmando praticamente tudo o que os saduceus negavam expressamente. Ele assegura a existência dos *anjos* e cita deliberadamente o Pentateuco (Ex 3, 6) para demonstrar que as *almas vivem para além da morte* e que seus corpos serão um dia *ressuscitados* (Mc 12, 27).

13 **A destruição do Templo é predita** – ¹Quando Jesus saiu do Templo, um discípulo comentou: “Mestre, olha que pedras e que construções!”. ²Jesus respondeu: “Você está vendo essas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra; tudo será destruído”. ³Jesus estava sentado no monte das Oliveiras, de frente para o Templo. Então Pedro, Tiago, João e André lhe disseram em particular: ⁴“Dize-nos, quando vai acontecer isso, e qual será o sinal de que todas essas coisas estarão para acabar?”. ⁵Jesus começou a dizer: “Cuidado para que ninguém engane vocês. ⁶Muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Sou eu’. E enganarão muita gente. ⁷Quando vocês ouvirem falar de guerras e de rumores de guerra, não fiquem assustados. Essas coisas devem acontecer, mas ainda não é o fim. ⁸Com efeito, uma nação lutará contra outra, e um reino contra outro reino. Haverá terremotos em vários lugares, e também haverá fome. Isso será o começo das dores”.

13, 1-37: Mt 24, Lc 21, 5-36. • 13, 2: Lc 19, 43-44; Mc 14, 58; 15, 29; Jo 2, 19; At 6, 14.

13, 3: Mc 5, 37; 9, 2. • 13, 4: Lc 17, 20. • 13, 6: Jo 8, 24; 1Jo 2, 18.

COMENTÁRIOS

13, 1-37: comumente denominado de “Discurso das Oliveiras” ou “Pequeno Apocalipse”, no qual Jesus ensina a seus discípulos longamente a respeito da iminente destruição

Perseguições também são preditas – ⁹Tomem muito cuidado! Entregarão vocês aos tribunais. Vocês serão torturados nas sinagogas, serão levados diante de governadores e reis por minha causa, para vocês darem testemunho diante deles. ¹⁰Mas antes a Boa Notícia deve ser anunciada a todas as nações. ¹¹Quando conduzirem vocês para serem entregues, não se preocupem com aquilo que vocês deverão dizer: digam o que vier na mente de vocês nesse momento, porque não serão vocês que falarão, mas o Espírito Santo. ¹²Um irmão entregará seu próprio irmão à morte, e o pai entregará o filho; os filhos ficarão contra os pais, e os entregarão à morte. ¹³Vocês serão odiados por todos por causa do meu nome. Quem perseverar até o fim, será salvo”.

13, 9-13: Mt 10, 17-22. • 13, 11: Jo 14, 26; 16, 7-11; Lc 12, 11-12. • 13, 13: Jo 15, 21.

de Jerusalém e do Templo (o que acontece em 70 d. C.). Essa catástrofe anunciada marcará o fim da Antiga Aliança, trazendo a vingança de Deus sobre aqueles que rejeitaram Jesus como o Messias. O colapso do Templo é também um símbolo profético do fim do mundo (CIC 585-586; v. também o *Ensaio sobre um tópico: Fim do mundo?*, no nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus, em Mt 24).

13, 1: “que pedras e que construções!” – Herodes, o Grande, havia começado a reconstrução do Templo de Jerusalém em 20 a. C. e o projeto ainda estava em andamento durante o ministério de Jesus (Jo 2, 20). Muitas de suas maravilhosas pedras mediam cerca de doze metros de comprimento, algumas pesando algo em torno de 100 toneladas. Sua plataforma maciça media mais de 170 mil metros quadrados e a parede leste, que fazia frente ao Monte das Oliveiras, tinha mais de 90 metros de altura. Aos olhos humanos, o Templo era uma visão inexpugnável, extremamente atrativa – uma fortaleza aparentemente indestrutível, de todos os padrões mundanos que se a considerasse.



13, 2: “pedra sobre pedra” – Essas palavras de Jesus se cumpriram em 70 d. C., quando legiões romanas destruíram Jerusalém e deram à Antiga Aliança um final trágico e violento (Lc 19, 41-44). Mais de um

milhão de judeus morreram nessa catástrofe.

- Jesus prevê a debacle do Templo assim como os profetas do Antigo Testamento predisseram a devastação do Templo de Salomão pelos babilônios em 586 a. C. (Jr 26, 6; Mq 3, 12).

13, 3: “Monte das Oliveiras” – veja o comentário feito em Mc 11, 1.

“De frente para o Templo”: Jesus simboliza a oposição quanto à corrupção do Templo ao colocar-se defronte dele. Já tão sagrado e reverenciado, aquele lugar havia se tornado “uma toca de ladrões” (Mc 11, 17).

13, 6: “Muitos virão” – De acordo com At 5, 35-39 e algumas fontes extra-bíblicas, muitos auto-proclamados Messias apareceram em Israel ao longo do primeiro e do segundo século depois de Cristo.

13, 1-10: “a todas as nações” – Os missionários da Igreja primitiva deviam espalhar a Boa Notícia por todo o império romano e, eventualmente, por todo o mundo. Boa parte do mundo romano foi evangelizada até a metade do primeiro século depois de Cristo, pouco antes do início do julgamento de Jerusalém, em 70 d.C. (Rm 1, 8; Cl 1, 6. 23; 1Ts 1, 8).



13, 12: “irmão [...] pai [...] filhos” – As exigências do discipulado cristão prevalecem até mesmo sobre os sagrados

A abominação da desolação – ¹⁴Quando vocês virem a abominação da desolação estabelecida no lugar onde não deveria estar – que o leitor entenda! –, então, os que estiverem na Judéia devem fugir para as montanhas. ¹⁵Quem estiver no terraço, não desça para apanhar coisa alguma dentro de casa. ¹⁶Quem estiver no campo, não volte para pegar o manto. ¹⁷Infelizes as mulheres grávidas e aquelas que estiverem amamentando nesses dias! ¹⁸Rezem para que isso não aconteça no inverno. ¹⁹Porque, nesses dias, haverá uma tribulação como nunca houve, desde o início da criação feita por Deus, até agora; e nunca mais haverá outra igual. ²⁰Se o Senhor não abreviasse esses dias, ninguém conseguiria salvar-se. ²¹Mas, ele abreviou aqueles dias, por causa dos eleitos que escolheu. ²¹Se alguém disser a vocês: ‘Aqui está o Messias’, ou: ‘Ele está ali’, não acreditem. ²²Porque vão aparecer falsos messias e falsos profetas, que farão sinais e prodígios para enganar até mesmo os eleitos se fosse possível. ²³Prestem atenção! Eu estou falando tudo isso para vocês, antes que aconteça”.

13, 14: Dn 9, 27; 11, 31, 12, 11. • 13, 17: Lc 23, 29. • 13, 22: Mt 7, 15; Jo 4, 48.

deveres da unidade e lealdade familiar (Lc 14, 26).

- Essas cenas de conflitos familiares recordam Mq 7, 6, em que o profeta condena Jerusalém por suas excessivas injustiças (Mq 6, 9 – 7, 10). Ainda que as famílias sofressem com divisões internas (Ez 22, 7), Miquéias assegura a Israel que os fiéis seriam vingados por Deus. Jesus evoca esse oráculo para traçar um quadro análogo da Jerusalém de seus dias: os discípulos, por mais que sofressem perseguições, seriam vingados e libertos no *fim* (Mc 13, 13).



13, 14: “a abominação da desolação” – Uma expressão recorrente em Dn 9, 27; 11, 31 e 12, 11).

- A abominação da desolação, para Daniel, referia-se à dessacralização do Templo de Jerusalém em 167 a.C., por parte do infame Antíoco Epifânio IV, que saqueou Jerusalém e ergueu, dentro do Templo, uma imagem idolatrando o deus grego Zeus (1Mq 1, 31. 54). De acordo com Jesus, esse evento trágico prefigura a profanação final do Templo de Jerusalém pelos

exércitos de romanos pagãos (Lc 21, 20).

“Os que estiverem na Judéia devem fugir”: Jesus adverte os cristãos (Mc 13, 23) para que evacuassem a cidade de Jerusalém às proximidades de sua *debacle* (Mc 13, 29) e também para que resistissem a toda tentação de defender a cidade (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 24, 16).

13, 19: “uma tribulação como nunca houve” – Grandes calamidades precederiam o fim da Antiga Aliança (Dn 12, 1).



13, 24-25: Jesus fala sobre desastres celestes à maneira dos profetas.

- Essas não são previsões literais de convulsões celestes ou desastres atmosféricos, mas recordam as profecias do Antigo Testamento que prediziam a queda dos reinos pagãos (Is 13, 9-10; 34, 4; Ez 32, 7-8; Jl 2, 10. 31; Am 8, 9). Visões do caos celeste servem para destacar a magnitude do temível julgamento de Deus; ou seja, será um evento que abalará o mundo.

A vinda do Filho do Homem – ²⁴Nesses dias, depois da tribulação, o sol vai ficar escuro, a lua não brilhará mais, ²⁵as estrelas começarão a cair do céu, e os poderes do espaço ficarão abalados. ²⁶Então, eles verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens com grande poder e glória. ²⁷Ele enviará os anjos dos quatro cantos da terra, e reunirá as pessoas que Deus escolheu, do extremo da terra ao extremo do céu”.

13, 26: Mc 8, 38; Mt 10, 23; Dn 7, 13.

A lição da figueira – ²⁸Aprendam, portanto, a parábola da figueira: quando seus ramos ficam verdes, e as folhas começam a brotar, vocês sabem que o verão está perto. ²⁹Vocês também, quando virem acontecer essas coisas, fiquem sabendo que ele está perto, já está às portas. ³⁰Eu garanto a vocês: tudo isso vai acontecer antes que morra esta geração que agora vive. ³¹O céu e a terra desaparecerão, mas as minhas palavras não desaparecerão.

13, 30: Mc 9, 1. • 13, 31: Mt 5, 18; Lc 16, 17.

Jesus usa essa linguagem das profecias contra Jerusalém a fim de condenar seus modos pagãos de vida e prognosticar sua eminente condenação.



13, 26: “o Filho do Homem” – Jesus se identifica com a figura real prevista em Dn 7, 13.

- Baseando-se em detalhes do contexto original dessa profecia, Jesus indica que Ele será entronizado junto ao Pai e receberá o “domínio eterno” sobre um “reino” universal (Dn 7, 14; cf. Mt 28, 18). O oráculo prediz a sua Ascensão aos céus (Mc 16, 19) e também a sua Segunda Vinda, na glória (At 1, 11; CIC 673; v. também o *Ensaio sobre um tópico: Jesus, o Filho do Homem* do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Lucas, em Lc 17).

13, 27: “os anjos” – Ou seja, “os mensageiros”. Isso pode significar também os próprios apóstolos e seu trabalho missionário (cf. Mc 16, 15; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 24, 31).

13, 30: “esta geração” – Essas palavras do Cristo foram cumpridas com a debacle de Jerusalém em 70 d.C., ainda dentro do tempo de vida de seus contemporâneos (Mt 10, 23; 16, 28). Suas palavras, portanto, são mais confiáveis do que o nosso estável universo (Mc 13, 31; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 24, 35).

13, 32: “nem o Filho” – Jesus descreve os grandes sinais que precederiam a destruição de Jerusalém (Mc 13, 6-23), mas não revela o *dia* ou a *hora* exata em que virá o julgamento do Pai (CIC 672-674; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 24, 36).



13, 34: “Vai acontecer como” – Uma breve parábola para promover a necessidade da constante vigilância.

- *Alegoricamente*,² essa parábola realça as responsabilidades da Igreja antes da Segunda Vinda do Cristo: o homem representa a natureza humana que Cristo assume em sua

A necessidade da vigilância constante – ³²Quanto a esse dia e a essa hora, ninguém sabe nada, nem os anjos no céu, nem o Filho. Somente o Pai é quem sabe. ³³Prestem atenção! Não fiquem dormindo, porque vocês não sabem quando vai ser o momento. ³⁴Vai acontecer como a um homem que partiu para o estrangeiro. Ele deixou a casa, distribuiu a tarefa a cada um dos empregados, e mandou o porteiro ficar vigiando. ³⁵Vigiem, portanto, porque vocês não sabem quando o dono da casa vai voltar; pode ser à tarde, à meia-noite, de madrugada ou pelo amanhecer. ³⁶Se ele vier de repente, não deve encontrá-los dormindo. ³⁷O que eu digo a vocês, digo a todos: Fiquem vigiando”.

13, 32: At 1, 7. • 13, 33: Ef 6, 18; Cl 4, 2. • 13, 34: Mt 25, 14. • 13, 35: Lc 12, 35-40.

2 São Gregório Magno, *Hom. in Evan.*, 9.

Encarnação e leva ao distante continente do Paraíso, através de sua Ascensão celestial; o Cristo, então, transmite o Espírito Santo aos seus servos, possibilitando a eles que cumpram suas tarefas durante a sua ausência; os pastores da Igreja são os porteiros, que fazem guarda para prevenir a entrada do demônio até que Cristo retorne.

13, 35: “Vigiem, portanto” – O mandamento da vigilância opera em diferentes patamares:

1. Os primeiros cristãos, que ainda praticavam a adoração a Deus no Templo de Jerusalém (Lc 24, 52), deveriam se preparar para abandonar a cidade antes de sua queda (Mc 13, 14-16).

2. Todos deveriam se preparar para o seu julgamento pessoal feito também pelo próprio Deus (2Cor 5, 10).
3. A Igreja deveria perseverar na santidade enquanto espera a Segunda Vinda de Jesus ao final dos tempos (At 1, 11; 1Ts 1, 10).

Os evangelhos focam no mesmo tema da vigilância e da responsabilidade também em outras partes (Mc 14, 32-42; Mt 24, 45-51; 25, 1-13; Lc 19, 11-27; CIC 2612, 2849).

“À tarde, à meia-noite, de madrugada ou pelo amanhecer”: os nomes dos quatro períodos “de guarda” da noite, entre as seis horas da tarde e as seis da manhã (v. o comentário feito em Mc 6, 48).

14 A conspiração para matar Jesus – ¹Faltavam dois dias para a festa da Páscoa e para a festa dos Ázimos. Os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei procuravam um modo esperto de prender Jesus e depois matá-lo. ²Eles diziam: “A fim de que, durante a festa, não haja confusão no meio do povo”.

14, 1-2: Mt 26, 1-5; Lc 22, 1-2; Jo 11, 47-53.

COMENTÁRIOS

14, 1: “festa da Páscoa” – A antiga festa judaica em comemoração à libertação do povo de Israel da escravidão no Egito (Ex 12). Na tarde anterior à festa, cordeiros pascais (Mc 14, 12) eram sacrificados nos pátios do Templo. Ao anoitecer, as famílias e alguns pequenos grupos de pessoas reuniam-se para uma refeição chamada de “Seder”: cordeiro, pães ázimos, vinho e ervas. Junto com a festa dos Ázimos, essa celebração durava sete dias, do 15º ao 21º dia daquele mês (março ou abril) (Lv 23, 4-8; Nm 9, 1-14). A Páscoa era uma das três festas que requeriam dos judeus peregrinos que viajassem a Jerusalém (Dt 16, 16).

14, 2: “do povo” – Com o fluxo proveniente da vinda dos peregrinos para a Páscoa, a população normal de Jerusalém, de aproximadamente 50 mil habitantes, inchava para

mais de centenas de milhares. Isso fez com que os líderes religiosos da cidade pensassem duas vezes antes de prender uma figura pública como Jesus: provocar uma população ingovernável e desse porte poderia facilmente causar uma reação violenta por parte dos judeus e, conseqüentemente, atrairia uma forte represália por parte dos romanos sobre a cidade.

14, 3: “Betânia” – Veja o comentário feito em Mc 11, 1.

“Chegou uma mulher”: segundo Jo 12, 3, essa era Maria, a irmã de Marta e de Lázaro (Jo 11, 1-2).

“Nardo puro”: um perfume provavelmente importado da Índia, também mencionado no Antigo Testamento (Ct 1, 12; 4, 13-14).

A unção em Betânia – ³Jesus estava em Betânia, na casa de Simão, o leproso. Enquanto faziam a refeição, chegou uma mulher com um vaso de alabastro, cheio de um perfume de nardo puro, muito caro. Ela quebrou o vaso, e derramou o perfume na cabeça de Jesus. ⁴Alguns que aí estavam ficaram com raiva, e comentavam: “Por que desperdiçar esse perfume? ⁵O perfume poderia ser vendido por mais de trezentas moedas de prata, que poderiam ser dadas aos pobres”. E criticavam a mulher. ⁶Mas Jesus disse a eles: “Deixem-na. Por que vocês a aborrecem? Ela está me fazendo uma coisa muito boa. ⁷Vocês terão sempre os pobres com vocês, e poderão fazer-lhes o bem quando quiserem. Mas eu não vou estar sempre com vocês. ⁸Ela fez o que podia: derramou perfume em meu corpo, preparando-o para a sepultura. ⁹Eu garanto a vocês: por toda a parte, onde a Boa Notícia for pregada, também contarão o que ela fez, e ela será lembrada”.

14, 3-9: Mt 26, 6-13; Lc 7, 36-38; Jo 12, 1-8. • 14, 7: Dt 15, 11. • 14, 8: Jo 19, 40.

14, 5: “trezentas moedas” – Ou trezentos “denários”: era o equivalente a trezentos dias de trabalho (v. o comentário feito em Mc 6, 37).

14, 7: “Vocês terão sempre os pobres” – Jesus, aqui, não está sendo insensível e nem antipático em relação aos pobres. Pelo contrário: seu ministério é marcado por uma profunda preocupação por eles (Mt 19, 21; Lc 4, 18; 14, 7-14). Suas palavras apenas destacam o valor inestimável de sua presença entre os discípulos.

14, 8: “preparando-o para a sepultura” – Na época, era costume que não se ungesse o corpo dos mortos que haviam sido condenados à execução. O gesto dessa mulher já remedia, antecipadamente, esse problema que era iminente, dado que em breve Jesus seria condenado à morte, falsamente acusado de inimigo de Roma (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 26, 12).

14, 11: “dar dinheiro a Judas” – A Judas foram dadas “trinta moedas de prata” (Mt 26, 15). Sua traição contrasta nitidamente com o generoso gesto da mulher no episódio ante-

rior (Mc 14, 3-9). A ganância foi o que cegou Judas e o impediu de ver a verdadeira identidade de Jesus e seu verdadeiro valor.

14, 13: “Um homem carregando um jarro de água” – Isso era muito incomum de se ver, na cultura judaica, uma vez que a mulher é que costumava assumir a tarefa de buscar e carregar a água (Gn 24, 11; Ex 2, 16; Jo 4, 7).



14, 18: “É alguém que come comigo” – De acordo com Mateus e João, Jesus nesse momento discretamente identifica Judas Iscariotes como seu traidor (Mt 26, 25; Jo 13, 26).

- Essas palavras aludem ao Sl 41, 9, que prediz a traição do Messias por parte de um de seus amigos próximos e confiáveis (Jo 13, 18).



14, 22: “tomou [...] bênção [...] partiu [...] distribuiu” – Marcos usa essa mesma sequência de verbos quando relata a multiplicação dos pães (Mc 6, 41; v. também o comentário feito em Mc 6, 35-44).

“Isso é o meu corpo”: Jesus identifica o pão sem fermento da festa da Páscoa com a sua própria carne (Jo 6, 51). Esse presente de sua humanidade nesse sacramento é inseparável

Judas aceita trair Jesus – ¹⁰Judas Iscariotes, um dos doze discípulos, foi ter com os chefes dos sacerdotes, para entregar Jesus. ¹¹Eles ficaram muito contentes quando ouviram isso, e prometeram dar dinheiro a Judas. Então Judas começou a procurar uma boa oportunidade para entregar Jesus.

14, 10-11: Mt 26, 14-16; Lc 22, 3-6.

A Páscoa com os discípulos – ¹²No primeiro dia dos Ázimos, quando matavam os cordeiros para a Páscoa, os discípulos perguntaram a Jesus: “Onde queres que vamos preparar para que comas a Páscoa?”. ¹³Jesus mandou então dois de seus discípulos, dizendo: “Vão à cidade. Um homem carregando um jarro de água virá ao encontro de vocês. Sigam-no ¹⁴e digam ao dono da casa onde ele entrar: ‘O Mestre manda dizer: Onde é a sala em que eu e os meus discípulos vamos comer a Páscoa?’. ¹⁵Então ele mostrará para vocês, no andar de cima, uma sala grande, arrumada com almofadas. Preparem aí tudo para nós”. ¹⁶Os discípulos saíram e foram à cidade. Encontraram tudo como Jesus havia dito. E prepararam a Páscoa.

¹⁷Ao cair da tarde, Jesus chegou com os Doze. ¹⁸Enquanto estavam à mesa comendo, Jesus disse: “Eu garanto a vocês: um de vocês vai me trair. É alguém que come comigo”. ¹⁹Os discípulos começaram a ficar tristes e, um depois do outro, perguntaram a Jesus: “Será que sou eu?”. ²⁰Jesus lhes disse: “É um dos Doze. É aquele que põe comigo a mão no prato. ²¹O Filho do Homem vai morrer, conforme diz a Escritura sobre ele. Contudo, aí daquele que trair o Filho do Homem! Seria melhor que nunca tivesse nascido!”.

14, 12-16: Mt 26, 17-19; Lc 22, 7-13. • 14, 17-21: Mt 26, 20-25; Lc 22, 14. 21-23; Jo 13, 21-30; Sl 41, 9.

de sua auto-doação na cruz (Mc 14, 24; Hb 10, 10), uma vez que, juntos, constituem um mesmo sacrifício, no qual Jesus é, ao mesmo tempo, o sacerdote e a vítima sacrificada na Nova Aliança (CIC 1363-1365).

- *Alegoricamente*,¹ as ações de Jesus representam o mistério da Paixão: ao quebrar o pão, o Cristo indica a quebra do seu próprio corpo, na cruz. Assim como Jesus se dá *voluntariamente* a nós na Última Ceia, da mesma forma a sua crucificação é uma morte que Ele aceita *livremente*, e não o resultado final de forças hostis a Ele e que Ele mesmo não consegue controlar (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 26, 26-29).

 **14, 24: “o sangue da aliança”** – Uma referência a Ex 24, 8.

- Assim como a Antiga Aliança entre Javé e Israel fora selada, no Monte Sinai, através de sangue que provinha de sacrifício, a Nova Aliança entre Cristo e a Igreja é selada através do seu próprio sangue, *derramado* no cenáculo do Monte Sinai. Esse novo e perfeito sacrifício nos permite aderir a uma aliança de comunhão com

o Pai através do perdão de nossos pecados (Jr 31, 31-34; Rm 5, 9; Hb 9, 22). O sangue de Jesus será para sempre um sacramento de sua vida divina para aqueles que o recebem na santa Eucaristia (Jo 6, 53; CIC 610, 1392-1393).

14, 26: “cantado salmos” – Provavelmente os Sl 115 a 118. Esses eram os salmos complementares dentre os Salmos de Aleluia (do 113 ao 118) que eram cantados durante a liturgia da Páscoa.

 **14, 27: “Ferirei o pastor”** – Uma referência a Zc 13, 7.

- Zacarias previu a derrubada do pastor messiânico de Israel, que deixaria suas ovelhas temporariamente sem liderança. O profeta via isso como um plano deliberado para que Deus mesmo identificasse e purificasse os fiéis do seu rebanho (Zc 13, 8-9). A prisão de Jesus coloca esse tempo de provação em andamento, o que causa a dispersão de seus discípulos temerosos (Mc 14, 49-50).

14, 30: “antesque o galante” – Isso pode ser uma referência ao terceiro período de guarda da noite, entre a meia-noite e as três da manhã, comumente chamado de “cantar-do-galo”

1 São Beda, *In Marcum*.

A instituição da Eucaristia na Última Ceia – ²²Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, o partiu, distribuiu a eles, e disse: “Tomem, isto é o meu corpo”. ²³Em seguida, tomou um cálice, agradeceu e deu a eles. E todos eles beberam. ²⁴E Jesus lhes disse: “Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos.” ²⁵Eu garanto a vocês: nunca mais beberei do fruto da videira, até o dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus”.

14, 22-25: Mt 26, 26-29; Lc 22, 17-19; 1Cor 11, 23-26. • 14, 22: Mc 6, 41; 8, 6; Lc 24, 30.

14, 23: 1Cor 10, 16. • 14, 24: Ex 24, 8; Hb 9, 20.

(Mc 13, 35). Outros interpretam que isso significava apenas “antes do amanhecer” (v. o comentário feito em Mc 6, 48).

“Você me negará”: Marcos freqüentemente faz notar o conhecimento antecipado que Jesus tem de eventos com importância significativa (Mc 2, 20; 8, 31; 10, 33-34; 11, 1-2; 13, 6-9; 14, 9).

14, 32: “Getsêmani” – Nome hebraico que significa “imprensa de óleo”. Era uma área de jardim que fazia frente a Jerusalém, no extremo oeste do Monte das Oliveiras (Jo 18, 11).



14, 36: “Abba” – Palavra aramaica que significa “pai”. Jesus a usa para se dirigir a Deus Pai e assim revela sua íntima relação com Ele (Mt 11, 27). São Paulo preserva essa denominação em Rm 8, 15 e Gl 4, 6.

- A divina paternidade de Deus é um ensinamento familiar ao Antigo Testamento, no qual Javé é chamado de Pai de Israel (Dt 32, 6; Sl 103, 13; Jr 31, 9) e Pai de Davi e de seus sucessores reais (2Sm 7, 14; Sl 89, 26-27).

“Afasta de mim este cálice”: Jesus teme sua iminente Paixão e crucificação (Hb 5, 7; v. também o comentário feito em Mc 10, 38 e o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 26, 39).

“O que tu queres”: Jesus aceita plenamente o plano de salvação e, portanto, entrega perfeita e continuamente sua vontade

humana à vontade divina do Pai (Jo 6, 38; 8, 29; Fl 2, 8).

14, 38: “cair na tentação” – A oração e a vigia constante são necessárias para que não se caia nas tentações de Satanás (Cl 4, 2; 1Pd 5, 8-10). Aqui, Jesus se refere ao conflito interno do homem, no qual sua *carne*, ferida pelo pecado, está constantemente em conflito com seu *espírito* (Rm 8, 12-14; Gl 5, 19-24). As graças de que necessitamos para superar nossas fraquezas devem ser buscadas através da oração persistente (1Ts 5, 17; Hb 4, 16). Ainda que o poder do Espírito Santo nos permita viver vitoriosamente, a batalha não é minimizada ou facilitada. A pronta ajuda de Deus durante os períodos de tentação é também o objetivo do último pedido da oração do Pai-nosso (Mt 6, 13; Lc 11, 4; CIC 2849).

14, 45: “o beijo” – Um gesto normalmente retratado na Bíblia como sinal de afeto (Lc 7, 45; Rm 16, 16; 1Pd 5, 14). Judas deforma o signo ao usá-lo como sinal de traição (Pr 27, 6).

14, 47: Marcos não identifica nem o portador da *espada* e nem o atingido por ela. É João quem revela que foi “Pedro” quem reagiu violentamente com a espada e identifica a vítima como “Malco” (Jo 18, 10). Lucas, inclusive, relata que Jesus curou a orelha do homem (Lc 22, 51).

14, 51: “Um jovem” – Uma testemunha não nomeada que muitos acadêmicos identificam como sendo o próprio Marcos. Se esse

A negação de Pedro é predita – ²⁶Depois de terem cantado salmos, foram para o monte das Oliveiras. ²⁷Então Jesus disse aos discípulos: “Vocês todos vão ficar desorientados, porque a Escritura diz: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas se dispersarão’”. ²⁸Mas, depois de ressuscitar, eu irei à frente de vocês para a Galiléia”. ²⁹Pedro declarou a Jesus: “Mesmo que todos fiquem desorientados, eu não ficarei”. ³⁰Jesus disse a Pedro: “Eu garanto a você: ainda hoje, esta noite, antes que o galo cante duas vezes, você me negará três vezes”. ³¹Mas Pedro repetiu com mais força: “Ainda que eu tenha de morrer contigo, mesmo assim não te negarei”. E todos disseram a mesma coisa.

14, 26-31: Mt 26, 30-35; Lc 22, 39; 33-34. • 14, 27: Zc 13, 7; Jo 16, 32. • 14, 28: Mc 16, 7.
14, 30: Mc 14, 66-72; Jo 13, 36-38; 18, 17-18; 25-27.

é mesmo o caso, o evangelista pode ter escolhido por permanecer anônimo por conta dos detalhes embaraçosos do ocorrido. No fim das contas, o modo como identificamos esse indivíduo exerce pouca influência na tradição que diz que Marcos escreveu o segundo evangelho como uma espécie de síntese dos ensinamentos de Pedro, já que ele poderia muito bem ter testemunhado a prisão de Jesus sem ter, no entanto, testemunhado seus três anos de ministério.

14, 53: “sumo sacerdote” – Caifás, que serviu como sumo sacerdote de Jerusalém no período entre 18 a. C. e 36 d. C. Enquanto sumo sacerdote, ele também presidia a corte judaica, ou seja, o Sinédrio (v. o comentário feito em Mc 14, 55).

14, 55: “todo o Sinédrio” – A suprema corte dos judeus, que realizava suas convocações

em Jerusalém (Mc 15, 1; At 5, 27; 23, 1). Sua origem vem do século II a. C. e sua função primordial era fazer com que as leis e os costumes judaicos fossem cumpridos. No total, o Sinédrio era constituído provavelmente de 71 membros: (1) o “sumo sacerdote”, que encabeçava a corte; (2) os “anciãos” das principais famílias de Jerusalém; (3) os “sacerdotes honorários”, aqueles que já haviam ocupado a posição de sumo sacerdote; e (4) os “escritas”, ou “doutores da Lei”, juízes profissionais com conhecimento especializado da Lei de Moisés. Muitos membros também se alinhavam com os fariseus e com os saduceus (At 23, 6-10). Sob o governo romano, o Sinédrio matinha uma liberdade considerável quanto à regulação da vida civil e dos aspectos religiosos da vida judaica. Apenas o direito de administrar as penas de morte é que lhes era negado (Jo 18, 31).

Jesus reza no Getsêmani – ³²Eles chegaram a um lugar chamado Getsêmani. Então Jesus disse aos discípulos: “Sentem-se aqui, enquanto eu vou rezar”. ³³Jesus levou consigo Pedro, Tiago e João, e começou a ficar com medo e angústia. ³⁴Então disse a eles: “Minha alma está numa tristeza de morte. Fiquem aqui e vigiem”. ³⁵Jesus foi um pouco mais adiante, prostrou-se por terra e pedia que, se fosse possível, aquela hora se afastasse dele. ³⁶Ele rezava: “Abba! Pai! Tudo é possível para ti! Afasta de mim este cálice! Contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres”. ³⁷Depois Jesus voltou, encontrou os três discípulos dormindo, e disse a Pedro: “Simão, você está dormindo? Você não pôde vigiar nem sequer uma hora?” ³⁸Vigiem e rezem, para não cair na tentação! Porque o espírito está pronto para resistir, mas a carne é fraca”. ³⁹Jesus se afastou de novo e rezou, repetindo as mesmas palavras. ⁴⁰Voltou novamente, e encontrou os discípulos dormindo, porque seus olhos estavam pesados de sono. E eles não sabiam o que dizer a Jesus. ⁴¹Então Jesus voltou pela terceira vez, e disse: “Agora vocês podem dormir e descansar. Basta! Chegou a hora! Eis que o Filho do Homem vai ser entregue ao poder dos pecadores. ⁴²Levantem-se! Vamos! Aquele que vai me trair já está chegando”.

14, 32-42: Mt 26, 36-46; Lc 22, 40-36; Hb 5, 7-8. • 14, 34: Jo 12, 27. • 14, 36: Rm 8, 15;
Gl 4, 6; Mc 10, 38; Jo 18, 11. • 14, 38: Mt 6, 13; Lc 11, 4.

A traição de Judas e a prisão de Jesus – ⁴³Logo mais, enquanto Jesus ainda falava, chegou Judas, um dos Doze, com uma multidão armada de espadas e paus. Iam da parte dos chefes dos sacerdotes, dos doutores da Lei e dos anciãos do povo. ⁴⁴O traidor tinha combinado com eles um sinal, dizendo: “Jesus é aquele que eu beijar. Prendam, e levem bem guardado”. ⁴⁵Judas logo se aproximou de Jesus, dizendo: “Mestre!” E o beijou. ⁴⁶Então eles lançaram as mãos sobre Jesus, e o prenderam. ⁴⁷Mas um dos presentes puxou a espada, e feriu o empregado do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha. ⁴⁸Jesus perguntou: “Vocês saíram com espadas e paus para me prender, como se eu fosse um bandido?” ⁴⁹Todos os dias eu estava com vocês no Templo, ensinando, e vocês não me prenderam. Mas, isso é para se cumprirem as Escrituras”. ⁵⁰Então todos fugiram, abandonando Jesus.

⁵¹Um jovem, vestido só com um lençol, estava seguindo Jesus, e eles o prenderam. ⁵²Mas o jovem largou o lençol, e fugiu nu.

14, 43-50: Mt 26, 47-56; Lc 22, 47-53; Jo 18, 2-11. • 14, 49: Lc 19, 47; Jo 18, 19-21.

14, 58: “destruir esse templo” – Falsas testemunhas dão más interpretações aos sentidos ocultos das frases de Jo 2, 19 e do “discurso das oliveiras” (Mt 24, 2; Mc 13, 2; Lc 21, 6). Naquela passagem anterior, Jesus predisse sua Ressurreição como sendo a reconstrução de seu corpo crucificado, e, no outro contexto, ele estava prevendo a destruição do Templo de Jerusalém. Apenas sombras desses sentidos podem ser filtradas dessa acusação, uma vez que Jesus jamais disse que ele mesmo reconstruiria o santuário de Jerusalém após sua queda (Mc 13, 2). O escândalo que essa falsa acusação quer salientar tem dois sentidos:

por um lado, quer fazer notar que Jesus diz que irá erguer um novo santuário em um final de semana enquanto que o Templo de Jerusalém vinha sendo construído há 46 anos (Jo 2, 20); por outro lado, quer salientar que ele diz que irá reconstruí-lo sem usar as mãos enquanto que todo um exército de trabalhadores ainda estava se esforçando para finalizar aquele Templo.



14, 62: “Eu sou” – Jesus aceita inequivocamente a acusação de ser ele o Filho de Deus e o Messias de Israel (v. o *Estudo da palavra: Messias*).

Jesus diante do Sinédrio – ⁵³Então eles levaram Jesus à casa do sumo sacerdote. E se reuniram todos os chefes dos sacerdotes, os anciãos e os doutores da Lei. ⁵⁴Pedro seguiu Jesus de longe, e entrou no pátio da casa do sumo sacerdote. Sentou-se junto com os guardas, e se esquentava junto ao fogo. ⁵⁵Ora, os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam contra Jesus algum testemunho, a fim de o condenar à morte. E nada encontraram, ⁵⁶porque muitos testemunhavam falsamente contra Jesus, mas os testemunhos deles não estavam de acordo. ⁵⁷Alguns se levantaram e testemunharam falsamente contra Jesus, ⁵⁸dizendo: “Nós o ouvimos dizer: ‘Vou destruir esse templo feito por homens, e em três dias construirei um outro, que não será feito pelos homens!’”. ⁵⁹Mas, nem mesmo assim o testemunho deles estava de acordo. ⁶⁰Então o sumo sacerdote levantou-se e, no meio de todos, interrogou a Jesus: “Nada tens a responder aos que testemunham contra ti?”. ⁶¹Mas Jesus continuou calado, e nada respondeu. O sumo sacerdote o interrogou de novo: “És tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?”. ⁶²Jesus respondeu: “Eu sou. E vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do Todo-poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu”. ⁶³Então o sumo sacerdote rasgou as próprias vestes, e disse: “Que necessidade temos ainda de testemunhas? ⁶⁴Vocês ouviram a blasfêmia! O que parece a vocês?”. Então todos eles decretaram que Jesus era réu de morte. ⁶⁵Então alguns começaram a cuspir em Jesus. Cobriram o rosto de Jesus e o esbofetavam, dizendo: “Faze uma profecia!”. E os guardas lhe davam bofetadas.

14, 53-65: Mt 26, 57-68; Lc 22, 54-55; 63, 71; Jo 18, 12-24. • 14, 58: Mc 13, 2; 15, 29; At 6, 14; Jo 2, 19.

14, 62: Dn 7, 13; Mc 9, 1; 13, 26. • 14, 63: At 14, 14; Nm 14, 6. • 14, 64: Lv 24, 16.

Pedro nega Jesus – ⁶⁶Pedro estava embaixo, no pátio. Chegou então uma criada do sumo sacerdote, ⁶⁷e quando viu Pedro se esquentando, olhou bem para ele, e disse: “Você também estava com Jesus Nazareno?”. ⁶⁸Mas Pedro negou: “Não sei, nem compreendo o que você diz!”. E o galo cantou. ⁶⁹A criada viu Pedro, e começou a dizer novamente aos que estavam perto: “Esse aí é um deles!”. ⁷⁰Mas Pedro negou outra vez. Pouco depois, os que estavam junto diziam novamente a Pedro: “É claro que você é um deles, pois você é da Galiléia”. ⁷¹Então Pedro começou a maldizer e a jurar, dizendo: “Nem conheço esse homem de quem vocês estão falando!”. ⁷²Nesse instante, o galo cantou pela segunda vez. Pedro se lembrou de que Jesus lhe havia dito: “Antes que o galo cante duas vezes, você me negará três vezes”. Então Pedro começou a chorar.

14, 66-72: Mt 26, 69-75; Lc 22, 56-62; Jo 18, 16-18; 25-27; Mc 14,30.

“O Filho do Homem”: Jesus espera que o Pai irá vingá-lo assim que ele for condenado. Suas palavras evocam o contexto majestoso do Sl 110, 1 e de Dn 7, 13.

- Esses contextos específicos dessas passagens do Antigo Testamento unem-se por usarem imagens em comum: tanto o Messias do Sl 110 quanto o Filho do Homem de Dn 7 ficam diante de Deus no salão do trono real (Sl 110, 2; 5-7; Dn 7, 23-27). Fundindo ambos os contextos num só auto-retrato, Jesus afirma que o próprio Deus reverterá a sentença de morte dada pelo Sinédrio, o reerguerá da morte e o entronizará em sua glória (CIC 664; v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 26, 64 e o *Ensaio sobre um tópico: Jesus, o Filho do Homem* do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Lucas, em Lc 17).



14, 63: “rasgou as próprias vestes” – A Bíblia frequentemente relaciona esse gesto com um estado de profundo pesar ou angústia (Gn 37, 29; 2Rs 19, 1; Ed 9, 3). Aqui, o *sumo sacerdote* desconsidera a própria Lei Mosaica, que proibia os sacerdotes de rasgarem suas roupas (Lv 10, 6; 21, 10).

- *Misticamente*,² o drama de Caifás, rasgando suas roupas, representa o fim do sacerdócio da Antiga Aliança. Como contraste, a simples

ESTUDO DA PALAVRA: MESSIAS (MC 14, 61)

Christos (grego): ou seja, “O Ungido”. É tradução do termo hebraico “Messias”. Por conta de seus respectivos ministérios, os reis (2Sm 2, 4; 1Rs 1, 34), os profetas (Sl 105, 15) e os sacerdotes (Ex 29, 7; Lv 8, 12) eram ungidos com óleo; esperava-se que o Messias, que tomaria para si todos esses ministérios, fosse ele mesmo o representante da aliança divina ungido, por sua vez, pelo Espírito (Is 61, 1). Muitos achavam que o Messias seria um rei ideal da linhagem de Davi (Mc 12, 35). Ele deveria nascer na cidade natal de Davi, Belém (Mq 5, 2), governar o reino restaurado de Davi (Is 9, 7; Mc 11, 10) e gozar de uma relação única com Deus, como seu filho (2Sm 7, 14). O Antigo Testamento também apontava que o Messias sofreria o desprezo e a rejeição de seus inimigos (Sl 2, 2; 89, 38-51; Dn 9, 26). Tudo isso é plenamente realizado em Jesus Cristo. Ungido pelo Espírito Santo (At 10, 38), ele é o Filho de Deus (Mc 1, 1; Jo 1, 49) e filho de Davi (Mt 1, 1; Lc 1, 32-33), louvado pelos cristãos como o Messias (Jo 1, 41).

vestimenta de Jesus, sem costura alguma, permanece intacta (Jo 19, 23-24), o que significa que o novo sacerdócio de Cristo durará para sempre (Hb 7, 23-24).

14, 64: “blasfêmia” – O Sinédrio acusa Jesus do crime capital de Lv 24, 16. Eles consideram sua alegação de que será entronizado no céu como um insulto ao nome de Deus. Ele não tem, a seus olhos, nem as credenciais

² São Beda, *In Marcum*.

do Messias e rei de Israel, quanto mais de um rei que governará o universo, na presença de Deus (Mc 15, 32; Jo 10, 36).

14, 72: “o galo cantou” – Isso pode ser uma referência a um toque de trombeta, que sinalizava o fim do período de terceira guarda

da noite (ou seja, seriam três da manhã; v. o comentário feito em Mc 6, 48).

“Pedro se lembrou”: provavelmente, ele se lembrou tanto da profecia de Jesus (Mc 14, 30) quanto de seu rompante de excessiva confiança (Mc 14, 31).

15 **Jesus diante de Pilatos** – ¹De manhã, os chefes dos sacerdotes, com os anciãos, os doutores da Lei e todo o Sinédrio, prepararam um conselho. Amarraram Jesus, o levaram e entregaram a Pilatos. ²Pilatos interrogou a Jesus: “Tu és o rei dos judeus?”. Jesus respondeu: “É você que está dizendo isso”. ³E os chefes dos sacerdotes faziam muitas acusações contra Jesus. ⁴Pilatos o interrogou novamente: “Nada tens a responder? Vê de quanta coisa te acusam!”. ⁵Mas Jesus não respondeu mais nada, e Pilatos ficou impressionado.

15, 1: Mt 27, 1-2; Lc 22, 1; Jo 18, 28. • 15, 2-15: Mt 27, 11-26; Lc 23, 2-3; 18-25; Jo 18, 29 – 19, 16.

COMENTÁRIOS

15, 2: “Pilatos” – Pôncio Pilatos, o governador romano da Judéia (de 26 d. C. a 36 d. C.). Ele estava instalado em Jerusalém para a festa da Páscoa (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 27, 2).

“O rei dos judeus?”: os líderes religiosos judeus haviam dado a Jesus um título com claras conotações políticas, plenamente conscientes de que as leis romanas puniriam o crime de insubordinação com a condenação à morte (Lc 23, 2; Jo 19, 12). A acusação toma conta da narrativa que se segue (Mc 15, 9. 12. 18. 26).

15, 11: “Barrabás” – Um nome aramaico que significava, literalmente, “filho do pai”. Os cristãos que falavam aramaico com certeza notaram de imediato a trágica ironia: o criminoso Barrabás é solto ao invés de Jesus, o verdadeiro e inocente Filho do Pai (Mc 1, 1. 11; 3, 11; 9, 7; 15, 39).

15, 15: “queria agradecer a multidão” – Pilatos não se convenceu, durante todo o julgamento, de que Jesus era culpado de

alguma coisa (Mc 15, 14; Lc 23, 4; Jo 19, 4). Não obstante, faltou-lhe a integridade de soltar Jesus e, ao invés disso, cedeu à pressão do populacho de Jerusalém. Como governador romano, só ele tinha a autoridade de executar Jesus, uma vez que os líderes judeus não tinham o poder de fazer cumprir a pena de morte sem o seu consentimento (Jo 18, 31; 19, 10; CIC 596-597).

15, 16: “dentro do palácio do governador” – Ou seja, no *pretório*, a residência oficial de Pilatos em Jerusalém, construída por Herodes, o Grande.

“Toda a tropa”: um grupo de soldados de até 600 homens.

15, 17-19: A zombaria por parte dos soldados é cercada de paradoxos e ironias. Eles permanecem ignorantes, em seu ridículo, do fato de que Jesus é, de fato, um rei (Jo 18, 36). Ao adorná-lo com um *manto vermelho* e uma *coroa*, e ao ajoelharem-se em falsa *homenagem*, os soldados involuntariamente dão testemunho da real identidade de Jesus (Lc 1, 32-33; Ap 19, 16).

Pilatos entrega Jesus para a crucificação – ⁶Na festa da Páscoa, Pilatos soltava o prisioneiro que eles pedissem. ⁷Nesse tempo, um homem chamado Barrabás estava preso junto com os rebeldes, que tinham cometido um assassinato na revolta. ⁸A multidão subiu, e começou a pedir que Pilatos fizesse como costumava. ⁹Pilatos perguntou: “Vocês querem que eu solte o rei dos judeus?”. ¹⁰Pilatos bem sabia que os chefes dos sacerdotes haviam entregado Jesus por inveja. ¹¹Porém, os chefes dos sacerdotes atiraram a multidão para que Pilatos soltasse Barrabás. ¹²Pilatos perguntou de novo: “O que farei então com Jesus que vocês chamam de rei dos judeus?”. ¹³Mas eles gritaram de novo: “Crucifique!”. ¹⁴Pilatos perguntou: “Mas, que mal fez ele?”. Eles, porém, gritaram com mais força: “Crucifique!”. ¹⁵Pilatos queria agradar à multidão. Soltou Barrabás, mandou flagelar Jesus e o entregou para ser crucificado.

15, 11: At 3, 14.

15, 21: “obrigaram Simão” – As guardiões romanas da Palestina da época do Novo Testamento tinham o direito de recrutar judeus para serviços temporários (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 5, 41). Marcos identifica *Simão de Cirene* como o responsável por ajudar Jesus. Seu filho Rufo provavelmente foi um dos membros bem reconhecidos da Igreja primitiva (Rm 16, 13).

15, 22: “Gólgota” – Palavra aramaica que significava “caveira”. O termo popular “Calvário” deriva da tradução latina da Vulgata (*Calvariae*). Localizado fora dos muros de Jerusalém (Jo 19, 20), o lugar provavelmente recebeu esse nome por ser comumente usado para a execução de criminosos.

15, 23: “vinho misturado com mirra” – Uma droga analgésica. Jesus recusa e, ao invés disso, escolhe suportar todo o peso do sofrimento pelos pecados do homem (Mc 10, 45; 1Pd 2, 24).



15, 24: “Eles o crucificaram” – Uma forma de execução romana, adotada de uma antiga prática persa. A crucificação era torturante, degradante e reservada apenas aos criminosos mais hediondos (geralmente os revolucionários mais revoltos). Os pés da vítima eram pregados a uma estaca vertical e seus pulsos, a uma viga de madeira (Sl 22, 16). A morte vinha lentamente de uma combinação de perda de sangue e asfixia, um processo que podia ser apressado quebrando-se as pernas do criminoso (Jo 19, 33). Costumava-se deixar os corpos pendurados por dias, como forma de demonstração pública de repúdio aos criminosos e como um potente símbolo do controle romano sobre a Palestina.

- A tradição cristã enxerga na morte física de Jesus, pregado à madeira de uma árvore (At 10, 39), a antítese da morte espiritual de Adão, provocada pela árvore do conhecimento do Bem e do Mal (Gn 3, 6; 17, 19). Enquanto

Os soldados tiram sarro de Jesus – ¹⁶Então os soldados levaram Jesus para o pátio, dentro do palácio do governador, e convocaram toda a tropa. ¹⁷Vestiram Jesus com um manto vermelho, teceram uma coroa de espinhos e lhe puseram na cabeça. ¹⁸Depois começaram a cumprimentá-lo: “Salve, rei dos judeus!”. ¹⁹E batiam-lhe na cabeça com uma vara. Cuspiam nele e, dobrando os joelhos, prestavam-lhe homenagem. ²⁰Depois de zombarem de Jesus, tiraram-lhe o manto vermelho, o vestiram de novo com as próprias roupas dele, e o levaram para fora, a fim de o crucificarem.

15, 16-20: Mt 27, 27-31; Lc 23, 11; Jo 19, 2-3.

A crucificação de Jesus – ²¹Passava por aí um homem, chamado Simão Cireneu, pai de Alexandre e Rufo. Ele voltava do campo para a cidade. Então os soldados obrigaram Simão a carregar a cruz de Jesus. ²²Levaram Jesus para o lugar chamado Gólgota, que quer dizer “lugar da Caveira”. ²³Deram-lhe vinho misturado com mirra, mas Jesus não tomou. ²⁴Eles o crucificaram, e repartiram as roupas dele, fazendo um sorteio, para ver a parte de cada um. ²⁵Eram nove horas da manhã quando crucificaram Jesus. ²⁶E aí estava uma inscrição, com o motivo da condenação: “O Rei dos judeus”. ²⁷Com ele crucificaram dois bandidos, um à direita e outro à esquerda. ²⁸Desse modo cumpriu-se a Escritura que diz: “Ele foi incluído entre os fora-da-lei”. ²⁹As pessoas que passavam por aí o insultavam, balançando a cabeça e dizendo: “Ei! Você que ia destruir o Templo, e construí-lo de novo em três dias, ³⁰salve-se a si mesmo! Desça da cruz!”. ³¹Do mesmo modo, os chefes dos sacerdotes, junto com os doutores da Lei, zombavam dele dizendo: “a outros ele salvou... A si mesmo não pode salvar! ³²O Messias, o rei de Israel... Desça agora da cruz, para que vejamos e acreditemos!”. Os que foram crucificados com Jesus também o insultavam.

15, 21: Mt 27, 32; Lc 23, 26; Rm 16, 13. • 15, 22-32: Mt 27, 33-44; Lc 23, 33-39; Jo 19, 17-24.
15, 24: Sl 22, 18. • 15, 29: Mc 13, 2; 14, 58; Jo 2, 19. • 15, 31: Sl 22, 7-8.

que o pecado de Adão trouxe a morte a toda a família da humanidade, a morte de Jesus resgata o homem do pecado e o concede uma nova vida na família de Deus (Rm 5, 12-19).

“Repartiram as roupas dele”: a coleção de objetos roubados pelo pelotão que executou Jesus faz recordar a profecia messiânica do Sl 22, 18. Esse texto é explicitamente citado em Jo 19, 24 (v. o comentário feito em Mc 15, 34).

15, 25: “nove horas da manhã” – A “terceira hora” da manhã da sexta-feira da semana da Páscoa (Mc 15, 42; v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 20, 1).



15, 29: “o insultavam” – Literalmente, o trecho diz: “eles estavam blasfemando-o”.

- Ao xingar e balançar suas cabeças para Jesus, a multidão revolta involuntariamente cumpre a profecia do Sl 22, 7.

15, 33: “meio-dia [...] três horas da tarde” – Ou seja, da “sexta hora” à “nona hora”. A narrativa de Lucas pode sugerir que a *escurecimento* foi causada por um longo eclipse solar

(Lc 23, 45).

- O Antigo Testamento associa essa temível escurecimento com o julgamento divino dos pecados (Ex 10, 21-23; Is 13, 10-11; Am 8, 9; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 27, 45).



15, 34: “Eloi, Eloi” – Jesus cita a frase de abertura do Sl 22 em aramaico (CIC 603, 2605).

- O Sl 22 prevê tanto o sofrimento do Messias quanto sua libertação final. O contexto do Sl 22, inclusive, à luz de sua esperançosa finalização, descarta a possibilidade de que Jesus teria se entregado ao desespero (Lc 23, 46; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Mateus em Mt 27, 46).

15, 38: “a cortina” – Dois véus eram pendurados no Templo de Jerusalém para significar a inacessibilidade de Deus para os pecadores (Hb 9, 8). Um era bem visível, porque separava os pátios externos do santuário, e o outro ficava invisível para todos, exceto para os sacerdotes, pois se estendia já dentro do tabernáculo, à frente de sua sala mais sagrada, o “Santo dos Santos” (Ex 26, 31-34;

A morte de Jesus – ³³Ao chegar o meio-dia, até às três horas da tarde, houve escuridão sobre toda a terra. ³⁴Pelas três horas da tarde, Jesus deu um forte grito: “Eloi, Eloi, lamá sabactâni?”, que quer dizer: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. ³⁵Alguns dos que estavam aí junto, ouvindo isso, disseram: “Vejam, ele está chamando Elias!”. ³⁶Alguém, correndo, encheu de vinagre uma esponja, colocou-a na ponta de uma vara, e deu para Jesus beber, dizendo: “Deixem, vamos ver se Elias vem tirá-lo da cruz!”. ³⁷Então Jesus lançou um forte grito, e expirou. ³⁸Nesse momento, a cortina do santuário se rasgou de alto a baixo, em duas partes. ³⁹O oficial do exército, que estava bem na frente da cruz, viu como Jesus havia expirado, e disse: “De fato, esse homem era mesmo Filho de Deus!”.

⁴⁰Aí estavam também algumas mulheres, olhando de longe. Entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de Joset, e Salomé. ⁴¹Elas haviam acompanhado e servido a Jesus, desde quando ele estava na Galiléia. Muitas outras mulheres estavam aí, pois tinham ido com Jesus a Jerusalém.

15, 33-41: Mt 27, 45-56; Lc 23, 44-49; Jo 19, 28-30. • 15, 34: Sl 22, 1. • 15, 36: Sl 69, 21.
15, 38: Hb 10, 19-20. • 15, 39: Mc 1, 11; 9, 7. • 15, 40: Jo 19, 25. • 15, 41: Lc 8, 1-3.

Hb 9, 3, 7). Ainda que o evangelista não especifique qual dos dois véus foi rasgado, a lição a ser aprendida é clara: o acesso ao Pai agora foi aberto por Jesus e se dá também por ele, que, como sumo sacerdote, acessou-O por nós (Ef 2, 18; Hb 10, 19-22). Mais ainda: como o véu se rasgou *de alto a baixo*, a barreira entre a face de Deus e seu povo foi removida; o fim da Antiga Aliança fora então profeticamente anunciado.

“Se rasgou”: Marcos usa a mesma expressão grega em Mc 1, 10 para descrever a forma como Deus “rasga” o céu durante o batismo de Jesus. Se uma conexão está sendo feita entre esses dois eventos, como parece estar, pode ser então que tenha sido o véu estendido à frente do santuário o que foi rasgado em dois, já que as histórias confirmam que ele era bordado com imagens celestiais e

do cosmos (Flávio Josefo, *Guerra dos judeus*, livro 5, p. 212-214).

15, 39: “oficial do exército” – Ou, um “centurião”, comandante romano responsável por 100 soldados.

“Filho de Deus”: uma confissão de fé que contrasta com os gritos provocativos da multidão (Mc 15, 14. 18. 29-30. 31. 32. 36). Denota um ponto alto do evangelho de Marcos porque coroa o tema da filiação divina de Jesus desenvolvido ao longo de toda a narrativa (Mc 1, 1. 11; 3, 11; 9, 7; CIC 444). Também traz mais ironia à narrativa de Marcos: um soldado não-judeu foi a única pessoa a confessar sua fé no “rei dos judeus” pregado na cruz (Mc 15, 26). Fé parecida é também exibida por um centurião de uma nação de gentios em Mt 8, 5-13 e Lc 7, 1-10.

O sepultamento de Jesus – ⁴²Ao entardecer, como era o dia da Preparação, isto é, a véspera do sábado, ⁴³chegou José de Arimatéia. Ele era membro importante do Sinédrio, e também esperava o Reino de Deus. José encheu-se de coragem, foi a Pilatos, e pediu o corpo de Jesus. ⁴⁴Pilatos ficou admirado que Jesus já tivesse morrido. Chamou o oficial do exército, e perguntou se Jesus já estava morto. ⁴⁵Depois de informado pelo oficial, Pilatos mandou entregar o cadáver a José. ⁴⁶José comprou um lençol de linho, desceu o corpo da cruz, e o enrolou no lençol. Em seguida, colocou Jesus num túmulo, que tinha sido cavado na rocha, e rolou uma pedra para fechar a entrada do túmulo. ⁴⁷Maria Madalena e Maria, mãe de Joset, ficaram olhando onde Jesus tinha sido colocado.

15, 42-47: Mt 27, 57-61; Lc 23, 50-56; Jo 19, 38-42; At 13, 29. • 15, 42: Dt 21, 22-23.

15, 43: “José de Arimatéia” – Um membro rico do Sinédrio. Segundo Lucas, ele conteve seu consentimento em relação à condenação de Jesus por parte da corte judaica (Lc 23, 51). Sua coragem como um “discípulo de Jesus” (Jo 19, 38) o ajudou a arranjar o enterro do Cristo (Mt 27, 57-60), arriscando assim sua reputação de respeitável líder de Israel (v. o comentário feito em Mc 14, 55).

15, 46: “num túmulo” – Localizada num jardim próximo a Jerusalém (Jo 19, 41-42). O lugar devia ficar não muito longe, afinal o descanso obrigatório do sábado começava ao pôr-do-sol da sexta-feira e, então, todo trabalho deveria cessar até esse horário (Mc 15, 42; v. também o comentário feito em Mc 1, 21).

16 **A Ressurreição de Jesus** – ¹Quando o sábado passou, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram perfumes para unguir o corpo de Jesus. ²E bem cedo no primeiro dia da semana, ao nascer do sol, elas foram ao túmulo. ³E diziam entre si: “Quem vai tirar para nós a pedra da entrada do túmulo?” ⁴Era uma pedra muito grande. Mas, quando olharam, viram que a pedra já havia sido tirada. ⁵Então entraram no túmulo e viram um jovem, sentado do lado direito, vestido de branco. E ficaram muito assustadas. ⁶Mas o jovem lhes disse: “Não fiquem assustadas. Vocês estão procurando Jesus de Nazaré, que foi crucificado? Ele ressuscitou! Não está aqui! Vejam o lugar onde o puseram. ⁷Agora vocês devem ir e dizer aos discípulos dele e a Pedro que ele vai para a Galiléia na frente de vocês. Lá vocês o verão, como ele mesmo disse”. ⁸Então as mulheres saíram do túmulo correndo, porque estavam com medo e assustadas. E não disseram nada a ninguém, porque tinham medo.

16, 1-8: Mt 28, 1-8; Lc 24, 1-10; Jo 20, 1-2. • 16, 1: Lc 23, 56; Jo 19, 39. • 16, 7: Mc 14, 28; Jo 21, 1-23; Mt 28, 7.

COMENTÁRIOS

16, 1-20: A manhã da Páscoa marca o dia da vitória do Cristo sobre a morte e o demônio. O próprio Jesus anteviu esse desfecho triunfante de sua Paixão (Mc 8, 31; 9, 31; 10, 34; 14, 28).

16, 1: “Quando o sábado passou” – Já eram passadas as seis primeiras horas da manhã do sábado santo (v. o comentário feito em Mc 1, 21).

16, 2: “no primeiro dia da semana” – Ou seja, na manhã do domingo. Os cristãos comemoram esse dia semanalmente como “dia do Senhor” (Ap 1, 10). É um dia reservado por toda a Igreja à adoração, ao descanso e à celebração da Eucaristia (At 20, 7; CIC 2174-2177).

16, 5: “um jovem” – No evangelho de Mateus está dito “um anjo do Senhor” (Mt 28, 2).

16, 6: “Ele ressuscitou!” – A Ressurreição de Jesus é o maior milagre da história. O Novo Testamento o descreve como uma glo-

riosa realização da Trindade: o Pai (Rm 6, 4), o Filho (Jo 10, 17-18) e o Espírito Santo (Rm 1, 4), juntos, foram atuantes na Ressurreição, na glorificação e na Ascensão do Cristo (CIC 648-650).

16, 7: “e a Pedro” – Simão Pedro é destacado como líder do bando apostólico e como a cabeça da Igreja da Nova Aliança (Mt 16, 17-19; CIC 642). A convocação para o encontro com Jesus indica que a covardia de Pedro havia sido perdoada (Lc 22, 31-32). No evangelho de João, Pedro reafirma por três vezes o seu amor por Jesus, como reparação pessoal de sua tripla negação anterior (Jo 21, 15-17).

16, 9-20: Os manuscritos antigos do evangelho de Marcos diferem em suas conclusões no que diz respeito ao que vem após o oitavo versículo deste capítulo (Mc 16, 8). Dois dos mais importantes manuscritos do século IV simplesmente acabam nesse versículo (Mc 16, 8). Outras versões incluem um “desfecho curto” de duas frases, após

Jesus aparece a Maria Madalena – ⁹Depois de ressuscitar na madrugada do primeiro dia após o sábado, Jesus apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual havia expulsado sete demônios. ¹⁰Ela foi anunciar isso aos seguidores de Jesus, que estavam de luto e chorando. ¹¹Quando ouviram que ele estava vivo e fora visto por ela, não quiseram acreditar. Quando ele estava na Galiléia. Muitas outras mulheres estavam aí, pois tinham ido com Jesus a Jerusalém.

Mc 16, 8. A maioria dos manuscritos, porém, incluem esse “desfecho longo” (Mc 16, 9-20). De acordo com o Concílio de Trento, o cânon da Escritura corresponde a tudo que foi incluído na edição latina da Vulgata. Essa versão oficial inclui Mc 16, 9-20 como parte do evangelho inspirado.

16, 14: “aos onze” – Marcos não menciona o suicídio de Judas Iscariotes (Mt 27, 3-5), mas indica sua exclusão do grupo dos Doze (Mc 3, 14; 14, 10. 43).

16, 15-16: O relato de Marcos da grande missão deixada por Jesus aos apóstolos destaca que eles deviam, então, espalhar a fé cristã através da (1) evangelização e pregação e (2) da administração dos sacramentos (“quem acreditar e for batizado”; CIC 977, 1253, 1257). A missão dos apóstolos com toda a humanidade inclui, portanto, todas as nações do mundo (Lc 24, 47; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o

evangelho de Mateus em Mt 28, 19).

16, 17-18: O poder do evangelho é visto através dos milagres que fazem aqueles que o pregam. Na Igreja primitiva, os apóstolos expulsaram *demônios* (At 16, 16-18), falaram em *novas línguas* (At 2, 4-11), suportaram picadas de *cobras* sem se machucarem (At 28, 1-6) e curaram uma série de enfermidades através da prática da imposição das *mãos* (At 3, 6-8; 28, 8; CIC 434, 670). Ainda que esses sinais não têm fim em si mesmos, eles podem ser motivos de credibilidade que levam os infiéis a acolherem o evangelho e, da mesma forma, levam os fiéis a ver a razoabilidade de sua fé.

16, 19: “foi levado ao céu” – Jesus ascendeu aos céus 40 dias depois de sua Ressurreição (At 1, 3). Ele agora está entronizado como Rei e Juiz, ao lado direito do Pai (Cl 3, 1; Hb 12, 2; CIC 659, 663; v. também o comentário feito em Mc 14, 62).

Jesus aparece a dois discípulos – ¹²Em seguida, Jesus apareceu a dois deles, com outra aparência, enquanto estavam a caminho do campo. ¹³Eles também voltaram e anunciaram isso aos outros, que não acreditaram nem mesmo nestes.

Jesus comanda os discípulos – ¹⁴Por fim, Jesus apareceu aos onze discípulos enquanto estavam comendo. Jesus os repreendeu por causa da falta de fé e pela dureza de coração, porque não tinham acreditado naqueles que o tinham visto ressuscitado. ¹⁵Então Jesus disse-lhes: “Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia para toda a humanidade. ¹⁶Quem acreditar e for batizado, será salvo. Quem não acreditar, será condenado. ¹⁷Os sinais que acompanharão aqueles que acreditarem são estes: expulsarão demônios em meu nome, falarão novas línguas; ¹⁸se pegarem cobras ou beberem algum veneno, não sofrerão nenhum mal; quando colocarem as mãos sobre os doentes, estes ficarão curados”.

A Ascensão de Jesus – ¹⁹Depois de falar com os discípulos, o Senhor Jesus foi levado ao céu, e sentou-se à direita de Deus. ²⁰Os discípulos então saíram e pregaram por toda parte. O Senhor os ajudava e, por meio dos sinais que os acompanhavam, provava que o ensinamento deles era verdadeiro.

QUESTÕES PARA ESTUDO

CAPÍTULO I

Para compreender

1. (cf. 1, 4 e o *Estudo da palavra: Conversão*) O que significa a palavra grega “*metanoia*”? O Novo Testamento a usa para significar o quê? Se a *metanoia* é um processo gradual, como ela se manifesta?
2. (cf. 1, 11) Que passagens do Antigo Testamento são ecoadas pelo anúncio do Deus Pai de que Jesus é o seu “Filho amado”? O que elas dizem a respeito da identidade de Jesus?
3. (cf. 1, 12-13) Ainda que Marcos dê poucos detalhes da tentação de Jesus no deserto, qual a importância desses poucos detalhes que ele dá – a presença de animais selvagens, o Espírito que conduz Jesus ao deserto e o tempo que ele permanece lá?
4. (cf. 1, 44) Quais são as razões por trás da estratégia de Jesus de alertar os demônios e os homens para que mantivessem sua identidade em segredo?

Para meditar

1. (cf. 1, 6. 12-13) Tanto João Batista quanto Jesus praticavam exercícios de auto-disciplina por motivos religiosos. Que práticas autodisciplinares você exercita por motivos religiosos (e não por causa da saúde ou por outras razões pessoais)? Como essa prática tem influenciado a sua própria “mudança de coração” (seu arrependimento)?
2. (cf. 1, 7) João Batista admite que ele não é digno nem de realizar tarefas servis para o Messias. De que modo a humildade (o conhecimento de que você não é digno de Deus) difere dos sentimentos de baixa auto-estima (auto-depreciação)? Como a verdadeira humildade deve aumentar, à vista de Deus, a sua auto-estima?
3. (cf. 1, 20) Os filhos de Zebedeu deixaram imediatamente o pai e os negócios para seguir Jesus. Quão radical é a sua resposta a esse mesmo chamado do Cristo? Quão imediato ele é?

4. (cf. 1, 35) Jesus acorda antes do raiar do dia para rezar num local afastado. Para que, especificamente, você acha que o Filho de Deus rezou naquele momento e de que forma pode ele ter rezado? Quando, onde e com que frequência você reza? O que você faz ao rezar?

CAPÍTULO 2

Para compreender

1. (cf. 2, 15-28) Esse capítulo destaca três controvérsias entre Jesus e os fariseus. Quais são elas?
2. (cf. *Ensaio sobre um tópico: Quem são os fariseus?*) Por que se pode dizer que o conhecimento da história dos fariseus e de sua busca individual pela santidade lança nova luz sobre os conflitos que tinham com Jesus? O que os fariseus buscavam alcançar e que se opunha ao que Jesus buscava alcançar? Afinal, se os conflitos entre Jesus e os fariseus pouco tinham a ver com desacordos a respeito da Lei, tinham a ver com o quê?
3. (cf. 2, 19) Por que não é apropriado que os discípulos de Jesus jejuem enquanto o noivo ainda estiver entre eles? Por que os cristãos fazem jejum antes da comunhão?
4. (cf. 2, 26) Por que motivo Jesus se refere “erroneamente” a Abiatar como sumo sacerdote do reino de Davi, quando na verdade o sumo sacerdote naquele tempo era Aimeleque? Qual é a significação de Abiatar?

Para meditar

1. (cf. 2, 5) Jesus responde à fé dos amigos do paralítico perdoando os pecados daquele homem. Refletindo sobre a sua própria vida, de que modo você percebe que o pecado o paralisa espiritualmente? Como o perdão dos pecados cura essa paralisia?
2. (cf. 2, 17) Jesus não veio para os justos, mas para os pecadores. No mais íntimo do seu coração, a que categoria você acha que pertence? Você realmente se vê como alguém pecador ou então alguém bom?
3. (cf. 2, 27) Qual é a sua atitude perante a obrigação de ir à missa aos domingos? E quanto à proibição do trabalho servil feita pela Igreja? Você vê que essas obrigações e proibições o fazem se enquadrar ao dia santo ou, o contrário, fazem o dia santo se enquadrar a você?

CAPÍTULO 3

Para compreender

1. (cf. 3, 14) Qual é o significado do número de apóstolos que Jesus escolhe?
2. (cf. 3, 22) Para os doutores da Lei, quem é Belzebu? Por que os doutores da Lei acusam Jesus de exorcizar os demônios através do poder de Belzebu?
3. (cf. 3, 29) Se todos os pecados podem ser perdoados, a princípio, por que Jesus diz que o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo dura para sempre? Que pecado cometido numa passagem do Antigo Testamento serve de prefiguração deste?
4. (cf. 3, 35) Qual é o critério de Jesus ao dizer quem é na verdade seu irmão, sua irmã e sua mãe? Qual é, portanto, a atitude dele perante a própria mãe biológica, que acompanhou aqueles parentes desejosos de apreendê-lo (cf. Mc 3, 22)?

Para meditar

1. (cf. 3, 5) O que deixa Jesus cheio de ira nessa passagem? Na sua própria vida, o que você acha que provocaria em Jesus o mesmo tipo de reação? (cf. 3, 7) Suponha, então, que João, ao falar com você, o inclui na “raça de cobras venenosas”. Como essa classificação pode se aplicar a você? Como você responderia a essa acusação?
2. (cf. 3, 19-21) Por que os parentes de Jesus pensaram que ele “tinha ficado louco”? Você alguma vez já foi criticado por “ser muito religioso”, ou então você já criticou alguém por causa disso? Qualquer que seja o caso, qual era de fato o problema?
3. (cf. 3, 24-27) Quem é o “homem forte” do versículo 27 deste capítulo? Se um “homem forte” vem ganhando espaço em determinadas áreas da sua vida, como você pode amarrá-lo?
4. (cf. 3, 31-34) Se você quer ser um parente de Jesus, o que será pedido de você para que seja aceito?

CAPÍTULO 4

Para compreender

1. (cf. 4, 2) Como podem as parábolas de Jesus ao mesmo tempo esconder e revelar seu sentido e sua mensagem?

2. (cf. 4, 11) Por que Jesus explica suas parábolas aos seus discípulos, mas não a todos os outros? De acordo com o Concílio Vaticano II, o que Jesus está garantindo ao agir dessa forma?
3. (cf. 4, 30-32) O que Jesus quer representar ao contar a parábola da semente de mostarda? De que imaginário comum ao Antigo Testamento vem essas imagens de que ele se utiliza?
4. (cf. 4, 35-41) Por que os discípulos ficaram “muito cheios de medo” com a ação de Jesus ao acalmar o mar furioso? Qual passagem do Antigo Testamento prenuncia esta passagem?

Para meditar

1. (cf. 4, 9) Quão atentos são os seus ouvidos espirituais? De que modo você costuma escutar a palavra de Deus? Como você sabe que está ouvindo Jesus corretamente?
2. (cf. 4, 12) Como você entende o uso que Jesus faz da ironia nessa passagem? Quando você escuta e entende o que Deus está lhe dizendo, que tipo de mudanças as palavras Dele causam na sua vida? Esse entendimento a respeito do que Ele lhe pede faz com que você queira realizar de fato essas mudanças ou, ao contrário, faz com que você ignore a mensagem justamente porque, se aceitá-la, sabe que terá de mudar?
3. (cf. 4, 13) Jesus pergunta aos discípulos de que forma eles compreenderão qualquer parábola se não compreendem nem a parábola do semeador. Conforme você ouve as palavras de Deus para a sua vida, quais são os pontos de referência e comparação aos quais você recorre para entendê-las? Que pontos você está mais propenso a utilizar de forma equivocada?
4. (cf. 4, 24-25) De que forma esse princípio espiritual de “usar ou perder” se aplica em sua vida?

CAPÍTULO 5

Para compreender

1. (cf. 5, 9) Por que o nome “Legião” é bastante significativo do estado de espírito do geraseno endemoniado? Alegoricamente, o que o endemoniado representa?
2. (cf. 5, 13) Como se ligam os destinos da manada de porcos e do exército do Faraó em Ex 14, 26-28?

3. (cf. 5, 21-43) De que forma estão ligadas as duas histórias miraculosas dessa passagem?
4. (cf. 5, 25) À parte das dificuldades médicas, quais foram as conseqüências legais que a hemorragia da mulher havia acarretado? Como Jesus acaba com o problema?

Para meditar

1. (cf. 5, 15) Por que você acha que os cidadãos gerasenos ficaram com medo ao ver o endemoniado “vestido e no seu perfeito juízo”? O que Deus fez em sua vida ou na de seus familiares e que causou esse mesmo medo?
2. (cf. 5, 18-19) Por que você acha que Jesus não permite que o endemoniado curado o acompanhe? Você alguma vez já sentiu um desejo de servir a Deus e, ao mesmo tempo, um impedimento por parte do próprio Deus de praticar esse desejo? Que fim levou essa experiência?
3. (cf. 5, 25-28) Que atitude perante o poder de Jesus teve a mulher com hemorragia, mesmo apesar da má experiência que tinha tido com os médicos? O que essa atitude pode ensinar a você a respeito da fé?
4. (cf. 5, 36) O que Jesus “ignora” nessa passagem? Compare essa atitude com a que ele tem no versículo 40 deste mesmo capítulo. O que ele diz ao pai da menina morta? O que Deus poderia pedir para que você ignorasse, a fim de exercitar a sua fé?

CAPÍTULO 6

Para compreender

1. (cf. 6, 7-13) De acordo com São Gregório Magno, qual é o significado do envio dos discípulos *em pares*? Quais são os “dois preceitos da caridade”?
2. (cf. 6, 23) Em que sentido o juramento de Herodes nessa passagem recorda, por contraste, uma cena similar narrada em Et 5, 8; 7, 1?
3. (cf. 6, 35-44) De que modo o relato do milagre dos pães se liga tanto a passagens anteriores ao evangelho quanto a passagens posteriores do próprio evangelho? Em que outro momento de seu evangelho Marcos utiliza a mesma seqüência de verbos para relatar as ações de Jesus que ele utiliza nessa passagem?
4. (cf. 6, 41) Qual o significado da ação de Jesus ao dar os pães multiplicados para os discípulos, para que eles é que fizessem a distribuição?

Para meditar

1. (cf. 6, 1-6) Por que a inveja impede o crescimento e a ação da fé? De que forma a inveja quanto ao sucesso dos seus próximos pode fazer com que Jesus não responda às suas orações?
2. (cf. 6, 30-32) Quando foi a última vez que você fez um retiro? Por que motivos Jesus poderia convidar você a fazer um retiro?
3. (cf. 6, 34) Qual foi a reação de Jesus ao perceber que seu plano de levar os apóstolos a um lugar afastado havia sido frustrado pelas multidões que os acompanharam? Qual seria a sua reação numa situação como essa? O que, portanto, Jesus ensina a você nessa passagem?
4. (cf. 6, 50-51) O que Jesus diz aos seus discípulos quando eles o vêem caminhando sobre as águas? O que ele faz e o que acontece depois? O que ele diz a você quando, em sua própria vida, sopram ventos contrários e surgem acontecimentos adversos?

CAPÍTULO 7

Para compreender

1. (cf. 7, 11) Por que Jesus condena a prática que seus contemporâneos tinham de declarar que as possessões e bens de alguém eram *Corbã*, ou seja, consagrados a Deus?
2. (cf. 7, 19) Quais as duas maneiras pelas quais Jesus demonstra as distinções entre aquilo que é puro e aquilo que é impuro? Que efeito tem, sobre a relação entre os judeus e os gentios cristãos, esse pronunciamento do Cristo?
3. (cf. 7, 21) Por que Jesus diz que é do *coração* da pessoa que saem as más intenções e não, por exemplo, da imaginação da pessoa?
4. (cf. 7, 27) Quando a mulher pagã pede a Jesus que cure a sua filha, por que ele responde que os filhos devem ser alimentados antes dos cachorros? O que o termo “cachorro” indica, nessa passagem? O que a resposta da mulher revela sobre ela mesma?

Para meditar

1. (cf. 7, 6-7) Quanto de suas orações durante a missa não passam de movimentos labiais? Como você lida com as distrações durante a missa? O que você faz durante a liturgia no intuito de aproximar seu coração de Deus?

2. (cf. 7, 9-13) Quão bem você obedece ao mandamento de honrar seus pais? O que você faz para honrá-los? Quais práticas (hábitos, costumes familiares ou da cultura, deveres religiosos, reações a eventos ocorridos ou traços de personalidade) impedem você de prestar honra aos seus pais?
3. (cf. 7, 15-23) Onde Jesus coloca a responsabilidade sobre ser puro ou não – em você ou nas circunstâncias? Que acontecimentos da sua própria vida demonstram o modo como aquilo que saiu de você lhe tornou puro (ou impuro)?
4. (cf. 7, 33) Por que você acha que Jesus levou o homem para um lugar afastado para, então, curá-lo em privado? De que forma Jesus lida com você em particular (ao invés de tratá-lo como parte de um grupo)?

CAPÍTULO 8

Para compreender

1. (cf. 8, 6) Qual é o significado da palavra grega usada para traduzir o termo “agradeceu” usado nessa passagem?
2. (cf. 8, 19-21) Qual é a interpretação simbólica mais provavelmente de acordo com as passagens dos dois milagres de multiplicação dos pães e com o número de cestos que sobram cheios em cada milagre?
3. (cf. 8, 22-26) Por que Jesus cura o homem cego em etapas? Que sentido São Jerônimo vê nessa passagem?
4. (cf. 8, 34) Quão ilustrativo Jesus está sendo ao usar as palavras que usa para a multidão, nessa passagem? O que a imagem de “tomar a sua cruz” comunica a eles?

Para meditar

1. (cf. 8, 17-18) Em que momentos você falhou em perceber – ou recusou-se a entender – a ação de Deus em sua própria vida? De que modo você ouviu a reprimenda de Jesus e o que você fez a respeito?
2. (cf. 8, 26) Considerando a localização desse milagre (Betsaida) com o que Jesus diz a respeito desse lugar em Mt 11, 21 e Lc 10, 13, por que você acha que Jesus diz ao homem, então curado, para não entrar no povoado? Jesus já quis separar você de seus próximos? Por quê?
3. (cf. 8, 33) Por que Jesus repreende Pedro após olhar para os seus outros discípulos? De que forma os outros são afetados pela sua atitude perante o modo de agir de Deus?

4. (cf. 8, 35) Em sua experiência, como é possível alguém perder a própria vida quando na verdade queria salvá-la? De que modo alguém que perde sua vida por Jesus na verdade está salvando-a? Nesses paradoxos, o que significam os verbos “perder” e “salvar”?

CAPÍTULO 9

Para compreender

1. (cf. 9, 1) O que Jesus quis dizer ao falar que alguns dos que estavam o ouvindo não morreriam sem antes terem visto o Reino de Deus chegar? Quando a vinda do Reino de Deus estará completa?
2. (cf. 9, 11) Em que se baseava a expectativa pela “segunda vinda” de Elias? Qual é o contexto do Antigo Testamento no qual se encontra a promessa do retorno de Elias?
3. (cf. 9, 42-48) Por que Jesus se utiliza de hipérboles quando enfatiza que o pecado deve ser evitado a todo custo? Como São João Crisóstomo vê nesses versículos?
4. (cf. 9, 43 e o *Estudo da palavra*: Inferno) Por que Jesus associa o inferno com a Geena? O que havia acontecido lá antes do tempo de Jesus? Para que era usada a região da Geena no tempo de Jesus? Quais outras passagens enfatizam a natureza horrível do inferno?

Para meditar

1. (cf. 9, 22-23) De que modo você supera, em sua vida, a sua própria falta de fé no poder de Deus?
2. (cf. 9, 26-27) Que padrão de cura você observa nessa passagem? Como isso pode se aplicar à sua vida?
3. (cf. 9, 35-37) O que significa para você “ser o primeiro” justamente por “ser o último”? Em nome de quem as criancinhas devem ser recebidas? Quem, em sua vida, pode ser uma dessas “criancinhas”?
4. (cf. 9, 42-48) Qual é o seu ponto fraco, ou seja, a área em que é mais provável que você peque? O que você já fez para corrigir isso? Como se comparam os esforços que você fez com as soluções que Jesus oferece?

CAPÍTULO IO

Para compreender

1. (cf. 10, 6) De acordo com as passagens do Gênesis às quais Jesus faz alusão nesse trecho, quais são as características da aliança matrimonial? Por que ela não pode se desfazer por meio de nenhuma autoridade civil ou religiosa?
2. (cf. 10, 14) Qual é a relação entre a bênção que Jesus concede às crianças e a proibição que faz do divórcio nos versículos 11-12?
3. (cf. 10, 38) Qual é o “batismo” que Tiago e João devem receber? Que forma esse batismo assume em suas vidas?
4. (cf. 10, 45 e o *Estudo da palavra*: Resgate) De que maneira o conceito de resgate está ligado às relações familiares típicas do Antigo Testamento? De que modo Deus cumpre essa obrigação familiar no Antigo Testamento? Como Jesus a cumpre no Novo?

Para meditar

1. (cf. 10, 1-12) Como pode ser proveniente da “dureza de coração” o fato de se usar algumas regulações religiosas para manter certos desejos? De que modo essa questão do divórcio ilustra a dureza do coração? Como a aceitação do plano de Deus para cada um pode desfazer a dureza do coração?
2. (cf. 10, 22-27) Quantas “posses” você tem? Como elas influenciam o seu relacionamento com Jesus? Quão consternado você fica quando ele lhe pede para abrir mão delas?
3. (cf. 10, 35-40) De que maneira Jesus responde, ele mesmo, a prece de seus discípulos nessa passagem? O que você pode aprender a respeito da sua própria oração quando a resposta de Deus é, aparentemente, negativa a ela?
4. (cf. 10, 47) O que você pode aprender sobre oração tomando como base a atitude e o modo de proceder do cego Bartimeu?

CAPÍTULO I I

Para compreender

1. (cf. 11, 8-10) Quais são os três detalhes da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém que fazer lembrar o salmo 118?

2. (cf. 11, 13) Por que Jesus amaldiçoou a figueira se não era mesmo temporada de figos?
3. (cf. 11, 15) Se era permitido aos vendedores comercializar animais próprios para o sacrifício à frente do Templo, qual é o problema que Jesus encontra com os vendedores do pátio do Templo?
4. (cf. 11, 17) A frase de Jesus neste versículo (17) se refere a quais duas passagens do Antigo Testamento? Como essas passagens são plenamente concretizadas?

Para meditar

1. (cf. 11, 1-6) Qual foi a coisa mais difícil ou embaraçosa que Jesus já pediu que você fizesse? Como você respondeu a esse pedido? Qual foi o resultado dessa experiência?
2. (cf. 11, 9-10) Quais lembranças da missa esses versos despertam em você? Sabendo que a palavra “Hosana” significa, em hebraico, “Deus nos salve”, você teria escolhido essa expressão para exclamar em voz alta, caso estivesse entre a multidão, celebrando a entrada de Jesus em Jerusalém? Se não, o que teria escolhido gritar e por quê?
3. (cf. 11, 16) Quais bagagens pessoais você carrega “através do Templo” quando entra numa igreja? Por que motivos você acha que Jesus proibiria você de carregar essa bagagem pela igreja?
4. (cf. 11, 21-22) Por que você acha que Jesus exorta seus discípulos para que “tenham fé em Deus” quando Pedro o avisa que aquela árvore que ele havia amaldiçoado estava seca? Tendo em vista esse simbolismo da figueira murcha e da maldição de Jesus sobre ela, qual conexão se pode fazer com a fé que não está morta, mas sim vigorosa?

CAPÍTULO 12

Para compreender

1. (cf. 12, 1-9) Quais dois pontos se sobressaem e são afirmados pela parábola dos agricultores perversos? O que representam, para a Jerusalém dos dias de Jesus, alguns dos detalhes dessa parábola?
2. (cf. o *Ensaio sobre um tópico: Quem são os saduceus?*) Como se originaram os saduceus? Com o que eles eram mais intimamente associados? Por que motivos as controvérsias a respeito dos saduceus se originam?

3. (cf. 12, 26) De que modo Jesus se utiliza da Escritura para discutir a ressurreição dos mortos com os saduceus? Por que o texto que ele cita pode ser considerado uma prova válida para os saduceus?
4. (cf. 12, 36) Baseado no salmo 110, Jesus pergunta aos fariseus como pode o Messias, que eles reconheciam ser filho de Davi, ser ao mesmo tempo superior a Davi. Partindo tanto desse mesmo salmo quanto das especulações teológicas sobre o assunto, de que modo pode-se responder essa pergunta de Jesus?

Para meditar

1. (cf. 12, 17) Na sua própria vida, o que pertence “a César” (quanto ao seu papel social, sua carreira, seus compromissos mundanos etc.) e o que pertence a Deus? Em termos de tempo dedicado a cada área de sua vida, quanto dela é realmente dedicado a Deus?
2. (cf. 12, 26-27) Se Deus é o Deus dos vivos e não dos mortos, no que você realmente crê a respeito do destino daqueles seus conhecidos que já morreram? Qual é a sua honesta opinião a respeito do que acontecerá com você quando você morrer? De que forma isso se relaciona à fé da Igreja?
3. (cf. 12, 34) O que você acha que Jesus quis dizer ao falar ao Doutor da Lei que ele “não está longe” do Reino de Deus? Jesus estava se referindo ao entendimento teológico do homem ou à fé que ele tinha? O que Cristo diria de você, nesse sentido?
4. (cf. 12, 41-44) Como você lida com a questão de ajudar financeiramente a Igreja? O que você pode aprender ao considerar a observação que Jesus faz da doação da pobre viúva?

CAPÍTULO 13

Para compreender

1. (cf. 13, 14) O que é a “abominação da desolação”? A qual evento histórico essa expressão se refere?
2. (cf. 13, 24-25) Como devemos entender os alertas de Jesus a respeito dos desastres cósmicos que irão acontecer se os eventos dramáticos que ele descreve não devem ser interpretados de forma literal?
3. (cf. 13, 30) Se os desastres cósmicos descritos nos versículos 24-25 não devem ser interpretados literalmente, como podemos interpretar a referência que Jesus faz a “esta geração que agora vive”?

4. (cf. 13, 35) Quais são os três níveis de significado do aviso de Jesus para que fiquemos atentos?

Para meditar

1. (cf. 13, 5-7) Quais eventos ou pessoas presentes no mundo moderno podem enganar os discípulos de Jesus a respeito do “fim”? Que efeito eles tiveram (se é que tiveram) na sua própria visão a respeito dos planos de Deus?
2. (cf. 13, 13) Quão difícil é para você viver a sua fé nas presentes circunstâncias em que se encontra? O que significa para você, nesse ponto em que se encontra na vida, a expressão “perseverar até o fim”?
3. (cf. 13, 32-37) A necessidade de se estar atento é maior ainda quando o meio em que estamos aparenta ser amigável mas, aos poucos, se transforma num ambiente hostil à fé, à esperança ou à caridade – como, nos provérbios, o sapo que é cozido lentamente pelo aumento gradual da temperatura da água. De que forma o meio social ou religioso em que você vive degradou de tal maneira que, a princípio, você não percebeu? Você se afetou por essa degradação? Quão necessárias lhe parecem ser a prontidão e atenção agora?

CAPÍTULO 14

Para compreender

1. (cf. 14, 22) Em que sentido Jesus identifica o pão ázimo (sem fermento) da Páscoa com a própria carne do corpo dele? Qual é o simbolismo da quebra e repartição do pão sem fermento?
2. (cf. 14, 24) Qual é o significado da expressão “o sangue da aliança” que Jesus usa ao abençoar o cálice de vinho?
3. (cf. 14, 55) Qual é a origem e o papel primordial do Sinédrio? Quem pertencia a ele? O que o Sinédrio podia fazer estando sob o jugo da lei romana? O que não podia fazer?
4. (cf. 14, 61 e o *Estudo da palavra: Messias*) Por que o salvador esperado era chamado de “o ungido”? Que tipo de ministérios se esperava que o Messias exercesse? Quais são algumas das referências do Antigo Testamento sobre o papel e o destino que teria o Messias?

Para meditar

1. (cf. 14, 7-9) Quão importante é, para você, difundir o evangelho de Cristo, de acordo com essa passagem? Por que você acha que Jesus disse que a ação daquela mulher seria lembrada onde quer que o evangelho fosse pregado? O que a ação dela ensina a você?
2. (cf. 14, 32-42) Você alguma vez já enfrentou algum julgamento sério do qual sabia que não podia escapar? Qual? Como você lidou com isso? Como se relacionam o modo como você agiu e o modo como Jesus agiu no Getsêmani?
3. (cf. 14, 38) Ainda que o espírito dos apóstolos estivesse “disposto” (em referência ao versículo 31), como a fraqueza deles se demonstrou? Quais são exemplos, na sua própria vida, de uma igual disposição combinada com uma igual fraqueza? O que você aprendeu com essa experiência?
4. (cf. 14, 66-72) Como você responde aos seus próprios fracassos em viver as suas próprias expectativas a respeito da santidade? Como você imagina que é a atitude de Deus quanto a você, nesses momentos (independentemente de quão mal você se sinta com a situação)?

CAPÍTULO 15

Para compreender

1. (cf. 15, 11) Qual é a ironia no nome “Barrabás”? Como isso contrasta com a identidade de Jesus?
2. (cf. 15, 24) De onde veio a prática da crucificação? O que causava a morte de alguém crucificado? Que paralelos os primeiros cristãos encontravam entre a crucificação de Jesus e o destino final de Adão?
3. (cf. 15, 38) Qual é o significado do véu do Templo? Por que o fato de ele ter sido rasgado de cima a baixo é significativo, tendo em vista o que os judeus consideravam ser os motivos da existência do Templo?
4. (cf. 15, 39) Por que a confissão de fé em Jesus por parte do centurião é o ponto alto do evangelho de Marcos?

Para meditar

1. (cf. 15, 10) Marcos diz que os líderes judeus entregaram Jesus a Pilatos “por inveja”. Por que você acha que Marcos escolheu essa palavra ao invés de outra mais comumente usada para a situação, como “maldade”?

2. (cf. 15, 33) Leia Sb 17 e relacione com esta passagem. Do que a escuridão pode ser uma indicação? Por que os episódios pecaminosos da sua vida seriam descritos como “obscuros”?
3. (cf. 15, 34) Por que você acha que Jesus cita o salmo 22? Ao ler o salmo, o que você nota a respeito de como ele termina? O que esse final lhe sugere?

CAPÍTULO 16

Para compreender

1. (cf. 16, 6) De que modo as passagens da Escritura citadas no comentário desse versículo demonstram que a ressurreição é obra da Trindade?
2. (cf. 16, 7) Quais são as duas razões pelas quais Pedro é destacado isoladamente nessa passagem?
3. (cf. 16, 9-20) Considerando os manuscritos antigos, o que há de incomum nesses versículos? Por que a Igreja os considera parte da Sagrada Escritura?
4. (cf. 16, 15-16) De que maneira a forma como Marcos narra o último mandamento de Jesus exorta os discípulos a difundirem o evangelho?

Para meditar

1. (cf. 16, 6-8) Por que as mulheres não obedeceram ao “jovem”? O que havia naquela experiência que as fez preferir ficar em silêncio?
2. (cf. 16, 11. 13) De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (CIC 643), a reação de descrença por parte dos discípulos ajuda a comprovar a natureza histórica da ressurreição de Jesus. Como isso se dá? O que você pode citar, da sua própria experiência, que exemplifique o caso de uma descrença que ajudou a confirmar a veracidade de uma alegação?
3. (cf. 16, 17-18. 20) De que modo a sua experiência de vida cristã se associa à vivência de algum desses carismas mencionados? Se você tem algum deles ou conhece alguém que os tenha, o que eles apontam em sua vida (ou na dessa outra pessoa)?

FICHA CATALOGRÁFICA

Hahn, Scott; Mitch, Curtis; Walters, Dennis
O evangelho de São Marcos – Cadernos
de estudo bíblico / Scott Hahn, Curtis Mitch e
Dennis Walters; tradução de Thomaz Perroni –
Campinas, SP: Ecclesiae, 2014.

Título original: *The Gospel of Mark (Catholic Study Bible)*

ISBN: 978-85-63160-84-3

I. Estudos Bíblicos 2. Igreja Católica
I. Autores II. Título.

CDD – 220.7
282

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Estudos Bíblicos – 220.7
2. Igreja Católica – 282



Este livro foi impresso pela Gráfica Daikoku.
O miolo deste livro foi feito com papel offset 90g,
e a capa com cartão triplex 250g.